



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

DJIOVANA PRISCILA GONÇALVES

**ASPECTOS ARGUMENTATIVOS E O TÓPICO DISCURSIVO
NA CRÔNICA ESPORTIVA**

Londrina
2017

DJIOVANA PRISCILA GONÇALVES

**ASPECTOS ARGUMENTATIVOS E O TÓPICO DISCURSIVO
NA CRÔNICA ESPORTIVA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina, como requisito à obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Rosemeri Passos
Baltazar Machado

Londrina
2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Gonçalves, Djiovana Priscila.

Aspectos argumentativos e o tópico discursivo na crônica esportiva / Djiovana Priscila Gonçalves. - Londrina, 2017.
131 f. : il.

Orientador: Rosemeri Passos Baltazar Machado.

Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2017.
Inclui bibliografia.

1. Crônica esportiva; - Tese. 2. Tópico discursivo; - Tese. 3. Recursos argumentativos. - Tese. I. Machado, Rosemeri Passos Baltazar. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. III. Título.

DJIOVANA PRISCILA GONÇALVES

**ASPECTOS ARGUMENTATIVOS E O TÓPICO DISCURSIVO NA
CRÔNICA ESPORTIVA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina, como requisito à obtenção do título de Mestre.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof.^a Dr.^a Rosemeri Passos
Baltazar Machado
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof.^a Dr.^a Esther Gomes de Oliveira
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof.^a Dr.^a Luciane Braz Perez Mincoff
Universidade Estadual de Maringá – UEM

Londrina, 24 de abril de 2017.

Ao Renato, aos meus pais e à Fernanda.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ungir-me e amparar-me em todos os momentos de minha vida.

Ao Renato, meu marido maravilhoso e amado, que confia mais em minha capacidade que qualquer outra pessoa. Agradeço por ajudar-me em todos os momentos dessa jornada, não apenas lendo inúmeras vezes essas páginas e dando seus generosos conselhos, mas também por estar ao meu lado confortando meus desesperos e me fazendo sorrir, sem seu auxílio e seu carinho seria... Não seria.

À minha querida e amada mãe que dedicou sua vida à maternidade, proporcionando-nos a melhor educação possível, sacrificando inúmeros de seus sonhos em favor dos nossos, meus mais sinceros agradecimentos por todo apoio e o meu amor incondicional. Ao meu pai que, por meio de suas palavras enfáticas e repetitivas, me incentiva e me faz compreender que posso alcançar todos os meus objetivos.

À minha irmã, Fernanda, que se faz presente de forma significativa em todos os momentos de minha vida. Agradeço também a minha avó Rosa e meu avô Luiz por serem basilares em minha vida. A toda minha família e a de meu marido pelo incentivo, em especial aos meus cunhados e amigos Jêniffer e Dyemerson que proporcionam muitos momentos de felicidade. Aos meus lindos afilhados, Luiz Felipe e Maria Eduarda, que alegram meu coração em todos os momentos.

Os meus estimados amigos, Nathália Rodrigues, Aline Alvares, Thaís Zorzela, Rodrigo Vieira e Bárbara Venturini, presentes divinos colocados em meu caminho, pessoas extremamente importantes em minha vida e que me deram grande suporte para chegar até aqui.

Ao meu saudoso e eterno orientador Paulo de Tarso Galembeck, que nos deixou para morar ao lado de Deus, meus sinceros agradecimentos por suas orientações e, principalmente, pelo exemplo de mestre que foi.

À minha queridíssima orientadora que, sem obrigação alguma, me acolheu num momento complicado e delicado para todos nós, e me orientou da melhor forma, tornando possível a concretização deste trabalho.

Aos membros da banca, por todos os apontamentos e sugestões que foram de grande valia para esta pesquisa.

Por fim, gostaria de agradecer à CAPES pelo investimento financeiro, aos professores do curso de Letras e aos do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina (PPGEL) que me ajudaram a concluir esta etapa de minha vida.

Neste país do futebol – se não por sua atual qualidade, mas pelo sonho de sua gente -, não existe como ocultar de seu povo a paixão por este esporte, acompanhada pela explosão das emoções e paixão e ódio, esperança e desencanto em relação ao time preferido ou à seleção. (ANTUNES, 2014)

GONÇALVES, Djiovana Priscila. **Aspectos argumentativos e o tópico discursivo na crônica esportiva**. 2017. 137 p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017.

RESUMO

Em nossa dissertação, pesquisamos o tópico discursivo e os mecanismos argumentativos utilizados em textos pertencentes ao gênero crônica esportiva, com base nos pressupostos teóricos da Linguística Textual e da Semântica Argumentativa. No âmbito do tópico discursivo, focalizamos alguns pontos pertinentes à evolução tópica, classificada quanto ao processo discursivo empregado, ou seja: explicitação do tópico, exemplificação (ou analogia), justificativa (ou relação causal), objeção (ou ressalva) e opinião pessoal. Na área da Semântica Argumentativa, estudamos três tipos de recursos, cuja articulação entre si demonstra o grau de persuasão responsável pelos efeitos de sentido resultantes, são eles: adjetivação, operadores argumentativos e intensificadores. Considerando a argumentatividade um fator intrínseco ao discurso, nosso principal objetivo é analisar duas crônicas esportivas, a primeira, intitulada “Tá chegando”, foi retirada da revista Placar e mostra a expectativa de adesão ou não dos torcedores brasileiros quanto à Copa do Mundo de futebol; a segunda, denominada “As sete bofetadas”, foi extraída do jornal Folha de São Paulo e apresenta uma reflexão a respeito da entidade máxima do futebol no Brasil, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e sua política um tanto inadequada (segundo o articulista), ao tratar não só de um evento da magnitude de uma Copa do Mundo, como também a própria gestão desse esporte em nossos nosso país. Os recursos argumentativos mobilizados para construção dos textos direcionam o posicionamento discursivo de seu enunciador, já que os adjetivos adquirem uma carga mais ou menos subjetiva dependendo do contexto e de sua posição (anteposta ou posposta) quanto ao referente; os operadores argumentativos estabelecem as relações semânticas entre os enunciados e os intensificadores traduzem o nível de engajamento que o enunciador quer consolidar diante do tema proposto.

Palavras-chave: Crônica esportiva. Tópico discursivo. Recursos argumentativos.

GONÇALVES, Djiovana Priscila. **Argumentative aspects and the discursive topic in the sports chronicle**. 2017. 137 p. Dissertation (Master's degree in Language Studies) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017.

ABSTRACT

In our dissertation, we investigated the discursive topic and the argumentative mechanisms used in texts belonging to the sports chronicle genre, based on the theoretical assumptions of Textual Linguistics and Argumentative Semantics. In the ambit of the discursive topic, we focused on some pertinent aspects to the topical evolution, classified as to the discursive process used, in other words: topic explicitation, exemplification (or analogy), justification (or causal relation), objection (or exception) and personal opinion. In Argumentative Semantics area, we studied three types of resources, being that the articulation among themselves demonstrates the level of persuasion responsible for the resulting effects of meaning, they are: adjectivation, argumentative operators and intensifiers. Considering argumentativity an intrinsic factor to the discourse, our main objective is to analyze two sports chronicles, the first one, titled "Tá chegando" (It's coming), that was excerpted from *Placar* magazine and shows the expectation of joining or not of the Brazilian fans regarding the Soccer World Cup; the second one, titled "As sete bofetadas" (The seven punches), was taken from the newspaper *Folha de São Paulo*; it presents a reflection on the maximum organization of soccer in Brazil, the Brazilian Football Confederation (CBF) and its somewhat inappropriate policy (according to the writer), dealing not only with an event as magnanimous as the World Cup, but also with the management of this sport in the country. The argumentative resources applied for the construction of the texts lead the discursive positioning of its author, as the adjectives acquire a more or less subjective tune depending on the context and its position (before or after) the referent; The argumentative operators establish the semantic relations between the statements and the intensifiers, expressing the level of engagement the author wants to consolidate up the proposed theme.

Keywords: Sports chronicle. Discursive topic. Argumentative resources.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 JUSTIFICATIVA	11
2 OBJETIVOS	13
2.1 OBJETIVO GERAL	13
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	13
3 METODOLOGIA	14
4 CONSTITUIÇÃO DO <i>CORPUS</i>	15
5 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO	16
CAPÍTULO I - O futebol	17
1.1 UMA BREVE HISTÓRIA DO FUTEBOL	17
1.2 O FUTEBOL NO BRASIL E AS COPAS DO MUNDO.....	21
1.3 BRASIL E A COPA DO MUNDO DE 2014.....	30
CAPÍTULO II - A crônica	38
2.1 GÊNERO DISCURSIVO	38
2.2 A CRÔNICA	43
2.3 CRÔNICA ESPORTIVA	46
2.3.1 A Crônica Esportiva e a Folha de São Paulo.....	52
2.3.2 A Crônica Esportiva e a Revista Placar	53
CAPÍTULO III - Elementos da linguística textual	56
3.1 PANORAMA HISTÓRICO DA LINGUÍSTICA TEXTUAL	56
3.1.1 Análise Transfrástica	57
3.1.2 Gramática de Texto	57
3.1.3 Linguística Textual.....	58

3.2	O TEXTO NA PERSPECTIVA SOCIOINTERACIONISA.....	61
3.2.1	FATORES DE TEXTUALIDADE	65
3.2.2	REGISTROS ORAL E ESCRITO.....	68
3.3	O TÓPICO DISCURSIVO.....	70
3.3.1	Traços Identificadores do Tópico.....	72
3.3.2	Elementos Pertinentes ao Tópico Discursivo	74
CAPÍTULO IV - Elementos da semântica argumentativa.....		77
4.1	RETÓRICA	77
4.2	SEMÂNTICA.....	83
4.2.1	Semântica Formal.....	84
4.2.2	Semântica Cognitiva.....	84
4.2.3	Semântica Argumentativa.....	85
4.3	RECURSOS ARGUMENTATIVOS	87
4.3.1	Operadores Argumentativos.....	88
4.3.2	Adjetivação	90
4.3.3	Intensificadores.....	92
CAPÍTULO V - Análise do <i>Corpus</i>		97
5.1	TEXTO 1: TÁ CHEGANDO	98
5.1.1	Adjetivação	102
5.1.2	Operadores Argumentativos.....	106
5.1.3	Intensificadores.....	110
5.2	TEXTO 2: AS SETE BOFETADAS.....	113
5.2.1	Adjetivação	116
5.2.2	Operadores Argumentativos.....	120
5.2.3	Intensificadores.....	123
CONSIDERAÇÕES FINAIS		127
REFERÊNCIAS.....		130

INTRODUÇÃO

1. JUSTIFICATIVA

É indiscutível a necessidade que o ser humano possui de interagir socialmente. Para este fim ele utiliza qualquer tipo de linguagem, verbal (por intermédio de enunciados, falados ou escritos), não verbal (por meio de expressões corporais ou sinais conhecidos por emissores e receptores) e, até recorrendo a ambas simultaneamente, tornando, assim, a linguagem um elemento primordial e essencial para a humanidade.

Desse modo, a incansável busca da humanidade, desde seus primórdios, é de se fazer compreender, atribuindo sentido aos seus meios de expressões variados, isto é, fazendo com que os objetivos propostos sejam totalmente apreendidos pelos interlocutores reais ou virtuais por intermédio de uma linguagem.

No entanto, para que os sentidos almejados sejam plenamente absorvidos, é necessário que os sujeitos compactuem alguns elementos fundamentais. Primeiramente, é necessário conhecer o código ou expressões estabelecidos para aquela determinada comunicação e os elementos culturais que os permeiam, visto que indivíduos que pertencem à comunidades culturais diferentes possuem dificuldades maiores em se comunicarem, não só por questões idiomáticas, mas, principalmente, por obstáculos culturais que ditam maneiras de portar-se e tradições já estabelecidas.

O sistema de linguagem mais utilizado pela humanidade é a língua, seja na modalidade oral ou escrita. Ela é, conforme Saussure (2006), um sistema ordenado de signos, em que os falantes e ouvintes atribuem efeitos de sentido a textos que são utilizados em situações comunicativas.

O texto é entendido como o local em que as interações humanas ocorrem, ele possui primeiramente um assunto a ser tratado, isto é, um tópico central, deve ser dotado de elementos imprescindíveis à sua textualidade, e, certamente, não deve ser, nesta perspectiva, considerado algo neutro e desprovido de intenções.

Para tanto, esta pesquisa observará textos com finalidades bem específicas, considerando os momentos em que foram redigidos e buscando

compreender, por meio das escolhas tópicas e dos recursos que asseguram a argumentação, os objetivos de seus enunciadores com tais discursos.

2. OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Partindo da noção corrente de tópico e dos estudos sobre argumentação, o presente trabalho tem como objetivo fundamental pesquisar a construção argumentativa do tópico discursivo em crônicas esportivas veiculadas na revista Placar e no jornal Folha de São Paulo.

2.2 OBJETIVO ESPECÍFICOS

- Estabelecer os tópicos discursivos dos textos selecionados, analisando a centração e a organicidade de cada um, considerando pontos como a situacionalidade e a intencionalidade que possuem;
- Estudar os recursos gramaticais que sustentam a argumentação textual, demonstrando como esses elementos garantem ao discurso uma força persuasiva.

3. METODOLOGIA DESTE TRABALHO

Investigamos a partir de uma pesquisa bibliográfica com análise de textos midiáticos, primeiramente, o percurso histórico do futebol, partindo de seu surgimento em várias partes do mundo, inclusive no Brasil, frisando as influências de cada cultura na consolidação das regras do esporte atual; em seguida, realizamos um estudo sobre a história e os resultados das Copas do Mundo ocorridas até o ano de 2014.

Consultamos diversos aportes teóricos acerca dos gêneros discursivos cujo objetivo era de demonstrar as características do gênero crônica, enfatizando a esportiva, objeto de análise deste estudo.

Exploramos obras da Linguística Textual, elaborando, primeiramente, um panorama histórico da teoria e explorando as definições de texto em vários momentos; estudamos os fatores de textualidade, sistematizados por Beaugrande e Dressler e revisitados por diversos autores brasileiros; mas o maior enfoque deste foi dado ao tópico discursivo. A Semântica também foi pesquisada, deste modo, verificamos alguns aspectos da Retórica Grega que seriam relevantes à argumentação e, em seguida, fizemos um breve estudo dos tipos de Semântica mais relevantes, até chegarmos à Semântica Argumentativa, ocasião em que discorreremos sobre os recursos que a língua oferece para assegurar a persuasão discursiva.

No que se refere à Análise do *Corpus*, salientamos as maneiras com que os enunciadores organizam o tópico e encadeiam suas argumentações, demonstrando os recursos da Semântica Argumentativa e da Linguística Textual que foram mais relevantes nos dois textos selecionados, pertencentes ao gênero crônica esportiva, os quais veicularam, em importantes meios de comunicação, no ano de 2014, antes e durante a Copa do Mundo no Brasil. Nessa etapa de nossa pesquisa, esquematizamos os quadros tópicos de cada texto, e tabelamos as ocorrências dos recursos argumentativos adjetivação, operadores argumentativos e intensificadores que sustentam esses discursos.

4. CONSTITUIÇÃO DO CORPUS

Diariamente, o futebol é um assunto tratado em diversos locais e em todas as ocorrências os membros da situação comunicativa empenham-se para persuadir sobre as perspectivas que adotam como corretas. Partindo dessa premissa, a mídia esportiva não é uma exceção, produzindo diversos textos sobre o assunto e carregando consigo uma forte argumentação.

Desta maneira, concentramo-nos em verificar como os tópicos são articulados a fim de que os recursos argumentativos exerçam suas funções no interior de duas crônicas esportivas selecionadas de acordo com seu momento de publicação, a primeira delas foi veiculada na revista mensal “Placar” que é um boletim de assuntos apenas esportivos, de maio de 2014, mês que antecedia a Copa do Mundo de Futebol, que seria realizada em território brasileiro, a partir da segunda quinzena de junho daquele ano, para tanto esse texto demonstrava certa expectativa quanto ao campeonato que se aproximava.

A outra crônica foi veiculada no jornal diário Folha de São Paulo, periódico que abrange todo o território nacional. Esse texto foi escrito pelo jornalista Juca Kfoury, em julho de 2014, durante o mundial, e posterior à emblemática partida do Brasil contra a seleção alemã. Por conta disso, apresenta um teor político que afeta o futebol brasileiro.

5. ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

Nosso trabalho é composto pelas seguintes etapas:

- **Capítulo I: O Futebol:** Capítulo destinado à cronologia do futebol: as origens do esporte e a sua transformação em uma paixão nacional.
- **Capítulo II: A crônica:** Este capítulo descreve o gênero discursivo com enfoque no gênero crônica esportiva, apresentando suas principais características.
- **Capítulo III: Elementos da Linguística Textual:** Capítulo em que expusemos as etapas da Linguística Textual, a noção de texto e língua utilizados neste aporte teórico. Para tanto, voltamos para aspectos como os fatores de textualidade e a noção do tópico discursivo.
- **Capítulo IV: Elementos da Semântica Argumentativa:** Neste capítulo, estudamos as origens da Semântica Argumentativa e os principais recursos utilizados para a persuasão do interlocutor, os quais aparecem analisados no *corpus* desta pesquisa, como adjetivação, operadores argumentativos e intensificadores.
- **Capítulo V: Análise do *Corpus*:** Nesta fase do trabalho, investigamos, em duas crônicas esportivas, os principais recursos argumentativos que permeiam os textos e a influência desses mecanismos na formação do tópico discursivo.

CAPÍTULO 1

O futebol

No Brasil, costuma-se avaliar a sociedade e suas instituições pelo desempenho da seleção de futebol, sobretudo em épocas de Copa do Mundo, quando o que se tem, de fato, são nações reunidas num confronto no âmbito do esporte (ANTUNES, 2004, p.277)

1.1 UMA BREVE HISTÓRIA DO FUTEBOL

Conforme diversos estudos, entre eles os de Unzelte (2002), Voser, Guimarães e Ribeiro (2010), a concepção de futebol que possuímos atualmente, e como propõem as federações, é um esporte jogado, essencialmente, com os pés, por vinte e duas pessoas, onze em cada equipe, cujo objetivo de dez dos atletas de cada grupo é colocar a bola de couro em um retângulo de aproximadamente sete metros, defendido por um jogador da equipe adversária, que pode, exclusivamente, tocar a bola com as mãos, o denominado goleiro.

Desta maneira, os estudiosos explicam que o futebol não nasceu com suas regras e modos de jogar estabelecidos de maneira lógica e ideal, ele é o fruto de um longo processo percorrido, lapidado para que pudesse dispor de táticas, técnicas e prescrições que regem o esporte de forma unificada, como é na atualidade.

Por se tratar de um percurso extremamente longo e incerto, segundo os pesquisadores, a data exata da criação do futebol é imprecisa e os estudos não têm pareceres idênticos, mas concordam no fato de que há séculos algumas manifestações do esporte surgiram e foram evoluindo no decorrer do tempo.

Consoante às pesquisas de Voser, Guimarães e Ribeiro (2010), desde a pré-história, há indícios de jogos com traços semelhantes ao futebol, como por exemplo, a prática com os pés, ou a tentativa de guiar um objeto até certo lugar, obviamente por falta de recursos, o instrumento utilizado não era a bola como conhecemos hoje, mas elementos que eles possuíam naquele momento histórico, isto é, crânios, pinhas ou pedras, como expõem Voser, Guimarães e Ribeiro (2010, p.17):

os nossos antepassados da pré-história praticavam um esporte, quando chutavam crânios, pinhas e pedras roliças, tornando assim os primeiros praticantes de futebol da história, que posteriormente acabou sendo praticado por todos os povos da terra.

As pesquisas de Unzelte (2002) não consideram o futebol na pré-história, datam as primeiras evidências na China entre 3000a.C. e 2500a.C. Durante a dinastia de Huang-ti, os participantes do esporte utilizavam os crânios de seus inimigos vencidos (o que converge com os estudos de Voser, Guimarães e Ribeiro), em um jogo cujo objetivo era fazer o objeto passar por pilares fincados no solo.

Portanto, é possível alegar, a partir de tais estudos, que houve um jogo com crânios humanos, disputado antes do nascimento de Cristo, o que faz desses “atletas”, seja na China ou na pré-história, precursores de um dos esportes mais populares do mundo.

Os pesquisadores explanam, ainda, que foram cruciais também para a formação do esporte, jogos parecidos com o futebol que surgiram em diversas regiões do mundo, os quais fizeram parte do processo de criação do que temos atualmente. Eles foram criados e jogados, cada qual com regras e finalidades definidas, porque cada região e momento histórico ditavam os desígnios do jogo que, na maioria, era para entretenimento dos participantes, ou para treiná-los para guerrear como evidencia Unzelte (2002, p.10): **“Quem inventou o futebol? Chineses, japoneses, gregos, franceses, italianos, ingleses, todos reivindicam para si a paternidade do futebol.”**

O mesmo autor evidencia que os chineses com uma bola rústica e de outro material que não crânios humanos, inventaram o Tsui-Chu, jogo em que a bola deveria ser guiada com os pés, mas não poderia tocar o solo, exigindo extrema delicadeza e habilidade dos atletas; seu propósito, naquela localidade, eram os treinamentos militares, posteriormente, ele foi transformado em um esporte para a nobreza e popularizou-se.

O campo poderia ser quadrado ou retangular, o que afetava a composição das equipes, pois no primeiro caso integravam-na oito, e no segundo, doze pessoas, tal flexibilidade acontecia porque as delimitações do campo e as traves não eram fixas como conhecemos e utilizamos no futebol moderno, mas feitas com fios de seda pregados no chão com estacas de madeira, análogo ao utilizado em esportes na areia na época atual.

A partir do esporte chinês, Voser, Guimarães e Ribeiro (2010) explicam que os japoneses criaram o Kemari, um campo de jogo que deveria possuir um formato quadrado e as equipes compostas por oito pessoas, muito similares ao desenvolvido por seus vizinhos asiáticos, entretanto, provavelmente por questões culturais, neste jogo a participação era exclusivamente da nobreza masculina, e não permitia nenhuma forma de contato entre seus participantes.

As preferências esportivas dos gregos não eram os jogos com bola, contudo, eles criaram o chamado Epyskiros, no século I a.C. De acordo com os estudos de Unzelte (2002, p.13), nesse jogo, “a bola deveria ser arremessada para as metas, localizadas no fundo de cada lado”, diferentemente daquilo que propunham os orientais, agora os atletas poderiam chutar a bexiga animal com areia, utilizada como bola.

Como em outros eixos da sociedade romana, os gregos também tiveram forte influência na criação do “futebol”, o chamado *harpastum* era jogado em um campo retangular e com uma bola denominada *follis*.

O diferencial romano estava no componente tático, porque os participantes possuíam organização no espaço físico da partida, ou seja, tomavam suas posições, dividiam as tarefas e passavam a bola a seus companheiros, como ocorre no futebol moderno, em que cada jogador possui suas obrigações no campo de jogo, como explica Voser, Guimarães e Ribeiro (2010, p.19):

O principal objetivo do jogo era fazer com que a bola ultrapassasse a linha de meta adversária através de troca de passes entre os jogadores da mesma equipe, obtendo pontos. Não se tem certeza do emprego dos pés nesse jogo. Mas sabe-se quanto à disposição dos jogadores em campo de jogo. Os defensores (jogadores mais lentos) eram chamados 'locusstadium', os jogadores de meio-campo eram chamados de 'medicurrens', tinham funções neutras e atuavam pelas duas equipes, os jogadores com funções ofensivas eram denominados de 'área pilae praetervolantis et suprictae'.

Para os autores, esse jogo não tinha como intuito apenas a distração pessoal de seus atletas, mas tal qual na China, era utilizado como atividade física para os soldados, que ao saírem em suas conquistas territoriais, disseminaram o esporte por várias regiões.

Como na França, por exemplo, com a denominação Soule/Shoule (nomenclatura com variação linguística regional), o esporte em muito se

assemelhava ao jogo romano, embora as regras se modificassem de acordo com a região do país em que fosse praticado.

Unzelte (2002) explica que na Itália, o futebol arcaico era denominado Cálcio, foi criado com o propósito de findar uma rixa política em dezessete de fevereiro de 1529, naquela ocasião a cidade de Florença estava cercada por tropas do príncipe de Orange, e a forma encontrada para sanar o problema foi duelar por meio do esporte inventado.

Segundo Unzelte (2002), cada equipe era composta por vinte e sete jogadores uniformizados, uma com trajes verdes e outra com trajes brancos, com o objetivo de impulsionar a bola para fora dos muros da cidade, em seguida o esporte recebeu regras bem delimitadas como qualquer modalidade e virou uma tradição na cidade de Florença sendo realizado todos os anos, na praça “Santa Croce”.

Contudo, foi na Inglaterra que o futebol ganhou a maior parte das regras que possui hoje, embora em um primeiro momento ele tenha sido considerado uma espécie de barbarismo, por a bola simbolizar, naquela ocasião, a cabeça de rivais políticos, como fica evidente no trabalho de Unzelte (2002, p.17):

[...] várias cidades inglesas saíam às ruas para chutar uma bola de couro, com o objetivo de comemorar a expulsão dos dinamarqueses. A bola, no caso, simbolizava a cabeça de um oficial do exército invasor, que teria introduzido o jogo involuntariamente na Inglaterra.

Desta forma, por um determinado tempo, o jogo foi praticado apenas em datas comemorativas, mesmo assim, tratava-se de algo bastante violento sem estipulação quanto à quantidade de participantes ou regras bem demarcadas, apenas com o intuito de levar a bola para uma das entradas da cidade, ficando conhecido como “o violento esporte bretão”.

Tempos depois, ele foi adotado por escolas, obrigatoriamente deixando de lado as práticas violentas que possuía até então, como expõe Unzelte (2002, p.18):

Com a proibição de formas violentas de futebol a partir de 1700, o jogo foi obrigado a mudar. Em 1710, as escolas inglesas Covent Garden, Strand e Fleet Street passaram a adotá-lo como atividade física. Logo ganhou adeptos entre os jovens, que, aos poucos, foram deixando de lado esportes como tiro, esgrima, caça e equitação.

Com a disciplina exigida no esporte, ele não era mais um jogo

disputado na rua pelas massas, mas em instituições de ensino inglesas, de grande prestígio social, contudo, mesmo que ele estivesse mais organizado, as regras ainda não eram padronizadas, em algumas escolas era permitido o uso das mãos e, em outras, havia a exigência da utilização exclusiva dos pés, e as que permitiam o uso de ambos simultaneamente.

Nesta época, consoante Voser, Guimarães e Ribeiro (2010), o futebol e o *rugby* eram um único esporte, porém, o desmembramento era indispensável, pois a diferença entre eles era perceptível e, inconscientemente, as escolas estavam mais próximas de uma modalidade que da outra.

Os autores explicam ainda que, na tentativa de unificar o que era praticado nas escolas, foram estabelecidas e aprovadas, primeiramente, nove regras, mas não foi o suficiente para que não houvesse a desagregação das duas modalidades, sendo instaurado que o futebol e o *rugby* seriam dois esportes diferentes.

Com isso, foram determinadas mais duas regras ao futebol e, a partir de então, deixariam de lado o uso das mãos durante o jogo e conseqüentemente, iniciaram alguns campeonatos do novo esporte pelo mundo.

Assim, o futebol como conhecemos foi instituído com a padronização do tempo das partidas, com dez dos atletas só poderem tocar os pés na bola e um ser incumbido de defender o retângulo de sete metros, chamado gol, podendo tocar a bola com qualquer parte de seu corpo nos limites de sua área, entre outras regras.

1.2 O FUTEBOL NO BRASIL E AS COPAS DO MUNDO

No Brasil, a noção de futebol vai além de um mero esporte que busca o entretenimento social, ele faz parte da identidade do país, funcionando como uma espécie de ritual acompanhado e, muitas vezes jogado (de forma amadora), semanalmente, por seus inúmeros admiradores. Oficialmente, o futebol chegou ao Brasil em meados do século XIX.

Segundo Voser, Guimarães e Ribeiro (2010), Unzelte (2002), e outros, existe a possibilidade de o futebol ter chegado a solo brasileiro antes mesmo que Charles Miller. Para a história oficial, veiculada no site da Confederação Brasileira de Futebol, o esporte foi iniciado em nosso país, em 1894, quando o brasileiro Charles Miller, depois de estudar por algum tempo na Inglaterra, onde

conheceu o esporte bretão, retorna à terra natal trazendo consigo duas bolas de futebol.

Unzelte (2002) elucida que por Miller ter retornado ao Brasil no fim da temporada de críquete, o novo esporte teve de esperar para ser iniciado, mas em abril de 1895, uma espécie de pelada, como conhecemos atualmente, foi realizada com instruções de Charles, os oponentes eram trabalhadores da companhia de gás e os da estrada de ferro, todos de origem inglesa. Porém, eles não tinham o mínimo discernimento da proporção que o esporte tomaria no país anos depois.

O esporte foi se propagando pelo território nacional, cada estado ou região era influenciado por algum adepto da nova modalidade, contudo, por ser um esporte europeu em um país que acabara de libertar seus negros do trabalho escravo, não foi algo popularizado com facilidade.

Bellos (2003, p.35) expõe que “A origem europeia do futebol ajudou a estabelecê-lo como o esporte da elite branca e urbana do Brasil”, considerado, inicialmente, extremamente elitista e segregatório.

Com isso, o futebol, mesmo que amador, era tratado como um evento que seguia os padrões europeus, os expectadores trajavam-se elegantemente para assistir a partidas do esporte, principalmente do Fluminense que foi o primeiro time de futebol carioca.

Porém, aqueles que se encontravam à margem da sociedade também desejavam conhecer o novo esporte, trazido há pouco da Europa, como explica Bellos (2003, p.35):

O futebol só se tornaria “brasileiro” quando os negros pudessem jogar junto aos de melhor nível. No início a participação deles foi excluída. Isso não diminui sua curiosidade. Impedidos de entrar no Fluminense pela porta da frente subiam nos telhados vizinhos para assistir. O jogo, logo, descobririam, era muito mais interessante que críquete. E era fácil de copiar. Bastava uma bola. Se você não tivesse dinheiro para comprá-la, podia improvisar sem gastar nada, por exemplo com um punhado de meias, uma laranja ou um pano cheio de papel. Não era preciso um equipamento próprio ou mesmo um campo demarcado. O jogo informal, que podia ser dominado mesmo sem um local mais adequado, espalhou-se rapidamente entre as camadas urbanas mais pobres.

Posteriormente, segundo o mesmo teórico, o time Bangu foi a primeira equipe carioca a escalar pessoas negras. Por conta da falta de membros para as equipes, eram selecionados os profissionais das fábricas com melhor

desempenho, no local de trabalho para jogar. Com isso, o esporte popularizou-se e tomou grandes proporções no país, sendo criada a Federação Brasileira de Sports e a Confederação Brasileira de Desportos.

Havia poucos casos de pagamentos de atletas para participarem dos clubes; até aquele momento, entre 1894 e 1932. Segundo Voser, Guimarães e Ribeiro (2010), o futebol era amador, isto é, os atletas não o tinham como profissão. Com isso, havia a migração constante de uma equipe para outra sem padrões éticos estabelecidos.

Em 1933, os cariocas reconheceram o futebol como profissão e os outros estados dividiram em categorias amadoras e profissionais, sendo que um mesmo clube poderia, sem problemas, ter as duas divisões. Depois de algum tempo, os atletas de todos os clubes passaram a ter como profissão “jogador de futebol”.

Alguns anos antes foi instituída a *Federation International of Football Association* - FIFA, que, desde 1904, organizava e filiava seleções, com o intuito de criar um torneio mundial de futebol, mas até então as equipes não se inscreviam para disputar o almejado campeonato.

Voser, Guimarães e Ribeiro (2010), Unzelte (2002) explicam que, em 1914, sob o comando de *Jules Rimet*, foi cogitada a ideia de os jogos olímpicos atuarem como tal, no entanto, o campeonato deveria seguir as regras da federação e permitir a participação apenas de amadores e como o Brasil, outros países também tinham problemas com os atletas serem ou não profissionais. Desta forma, as olimpíadas foram utilizadas como teste apenas uma vez.

Segundo os teóricos, contratempos, como a Primeira Grande Guerra, atrapalharam a realização de um mundial futebolístico. Em 1927, foram decididos dois pontos de extrema importância: o primeiro é que a FIFA aceitaria atletas amadores e profissionais na competição mundial e o torneio seria disputado, assim como os jogos olímpicos, a cada quatro anos. No seguinte ano, foram decididos o ano da competição e o país sede, isto é, a primeira Copa do Mundo de Futebol seria em 1930, no Uruguai.

A competição, a princípio, seria realizada com dezesseis equipes, todavia, consoante Unzelte (2002) por questões de distância e por muitos atletas serem ainda amadores, algo que os faria possuir outras fontes de renda, três países europeus desistiram do campeonato algumas semanas antes.

Em 1930, os próprios anfitriões foram os vencedores do troféu *Jules*

Rimet, com vitória sobre a equipe argentina no jogo final. O Brasil, naquela ocasião, foi eliminado no início da competição. Isso ocorreu principalmente porque atletas paulistas decidiram não ir ao mundial por questões políticas, como explica Duarte (1987, p.43):

O Brasil não pôde contar com sua força máxima, neste Campeonato Mundial, por haver uma cisão entre CBD e a Liga Paulista. Apenas Araken, por conta própria se desligando do seu clube, foi o craque paulista a acompanhar nossa embaixada. São Paulo pleiteava com justiça e razões um lugar na comissão técnica, no que não foi atendido.

Em 1934, o torneio foi realizado na Itália e, em 1938, na França. Em ambos a Itália sagrou-se campeã. Era esperado que o mundial ocorresse no ano de 1942, porém, com a Segunda Grande Guerra, ele esperou por doze anos e, em 1950, em tempos de paz, o Brasil recebeu sua primeira Copa do Mundo.

Naquele ano, como expõe Unzelte (2002), era muito forte a expectativa quanto ao primeiro título da seleção brasileira em uma Copa do Mundo, por se tratar de um campeonato realizado em nossa pátria, como podemos notar com a manchete do jornal “O Globo Sportivo” de junho de 1950.



Fonte: O Globo Sportivo (1950)

A copa foi considerada vexatória para os brasileiros, pois, no último jogo, com a seleção do Uruguai, perdeu pelo placar de dois a um. Tal derrota ficou popularmente conhecida como *Maracanazo*, por ter ocorrido no principal estádio de futebol do Brasil, o Maracanã.

A derrota foi entendida pelos brasileiros como uma grande catástrofe

nacional, como expõe a notícia do jornal “Mundo Esportivo” do dia vinte e um de julho de 1950:



Fonte: Mundo Esportivo (1950)

Notamos o quanto o futebol está presente no emocional do brasileiro, mesmo em 1950, quando o país não possuía tradição alguma no esporte, a derrota foi tratada como uma "Tragédia" nacional e até mesmo comparada aos malefícios de uma guerra, como Antunes (2014, p.175) cogita:

O Brasil, como se sabe, não foi derrotado em nenhuma guerra e, felizmente nenhum combate desenvolveu-se dentro do país, destruindo cidades e fazendo multidões de mortos e feridos. Mas nossa derrota futebolística na Copa do Mundo de 1950, em pleno Maracanã, também afetou muito nossos sentimentos de autoconfiança e autoestima. Como bem escreveu o grande Nelson Rodrigues, a derrota brasileira para a seleção uruguaia no Maracanã desenvolveu em nós um 'complexo de vira-latas', fazendo com que nos olhássemos como inferiores ou incapazes de enfrentar o garbo e a força de seleções europeias

Em 1954, o torneio foi realizado na Suíça, a disputa final foi entre a equipe da Alemanha e a Hungria, e o campeão daquele ano foi a equipe alemã com o placar de três a dois.

De acordo com Unzelte (2002), foi na Suécia, em 1958, com a presença de Pelé, Zagallo, Garrincha, que o Brasil realizou o sonho do título em uma Copa do Mundo, vencendo os times da casa pelo placar de cinco a dois na última partida, agora com a tecnologia dos jogos transmitidos por videoteipe para o mundo todo; curiosamente, naquele mundial, os calouros Pelé (na ocasião um dos mais

novos a disputar uma Copa, com apenas dezessete anos) e Garrincha compunham a equipe, porém como suplentes, o que não os isentou, a partir da segunda partida, por conta de uma lesão nos titulares, de jogarem e se consagrarem como importantes atletas.

No Chile, em 1962, segundo o mesmo teórico, o Brasil repetiu o feito e conquistou o bicampeonato com o placar de três a um perante a equipe da Tchecoslováquia, naquela época, a Copa *Jules Rimet* era levada para o país que vencesse o campeonato por três vezes (atualmente a taça fica com a equipe vencedora). Até então, isso não havia acontecido, já que o Uruguai, a Itália e o Brasil eram bicampeões, e a Inglaterra e a Alemanha possuíam apenas um título. Dessa forma, se um dos dois países sul-americanos ou a Itália fosse campeão, levaria a almejada taça.

Em 1970, foi realizada uma emblemática Copa do Mundo, conforme Unzelte (2002), Voser, Guimarães e Ribeiro (2010) e Pimentel (2013), com três países almejando ainda mais o título mundial; o Brasil derrotou a Itália com o placar de três a um na última partida, e o Uruguai atingiu a quarta posição. Como explica Duarte (1987 p.181): “Termina a época da ‘Jules Rimet’, o Brasil fica com o troféu, em definitivo... Alemanha-Itália, um grande jogo. Brasil e suas ‘vinganças’. Primeiro certame com televisão direta para o mundo”.

Curiosamente, a taça *Jules Rimet*, em 1983, foi roubada da sede da Confederação Brasileira e derretida pelos bandidos, posteriormente, foi substituída por uma réplica, como expõe Unzelte (2002, p.79):

Conquistada definitivamente pelo Brasil (o primeiro país a vencer três vezes a competição, em 1958, 1962 e 1970) a Jules Rimet foi roubada da sede da Confederação Brasileira de Futebol em 23 de dezembro de 1983, derretida e vendida pelos ladrões. Em seu lugar, foi colocada uma réplica, oferecida pela empresa de equipamentos fotográficos Kodak.

Os alemães foram campeões em seu país em 1974, superando a Holanda na partida final por dois a um, no entanto, segundo Duarte (1987) e Unzelte (2002), naquele ano, a Laranja Mecânica (como era chamada a equipe holandesa, em referência à obra literária de 1962, do autor Anthony Burgess) ensinou o mundo a jogar um futebol tático, o conhecido Carrossel holandês, seu esquema consistia na movimentação ágil dos atletas e na posse e toque rápido da bola.

A Argentina, em sua casa, segundo a literatura consultada, conseguiu, em 1978, seu primeiro título mundial, na ocasião a equipe brasileira ficou com a terceira colocação.

Em 1982, a Copa do Mundo foi realizada na Espanha, embora a seleção brasileira possuísse uma grande equipe, considerada não só pela população, mas também por boa parte da mídia como favorita ao título, ela foi vencida na fase de quartas de final pela seleção italiana que conquistou o tricampeonato, como fica evidente no jornal Folha de São Paulo, de seis de julho daquele ano:

FOLHA DE S. PAULO ★
SEGUNDO CLICHE

Editor Responsável: Boris Casoy • São Paulo, terça-feira, 6 de julho de 1982 • Um jornal a serviço do Brasil • Ano 62 • N.º 19.452 • Al. Barão de Limeira, 425 • Cr\$ 60,00

INPC de 45,2% em agosto é o mais alto em 14 meses Pág. 15

Desastre
Três erros derrotaram a seleção de Telê Santana

Campinas sem alojamento para SBPC

Violência vai ser tema da 'Fraternidade'

Os enviados especiais
AROLDO CHORINO, ROBERTO SALIM
e IZEL FERNANDO RODRIGUEZ

A Seleção brasileira chega hoje à noite ao Rio de Janeiro, e desta vez não traz sequer o título de "campeã moral". Foi eliminada da Copa da Espanha, ontem, em Barcelona, pela Itália, que ganhou por 3 a 2, porque cometeu três erros fundamentais: achar que se ganha uma partida antes de disputá-la; confundir jogar na defesa com covardia; acreditar que o talento individual pode superar a falta de esquema. O técnico Enzo Bearzot disse após a partida: "O Brasil não merecia ganhar o jogo porque estivemos superiores. Os brasileiros tiveram a presunção de que poderiam ganhar da Itália até com alguma facilidade".

Dois jogadores brasileiros foram expulsos durante a partida. O técnico Enzo Bearzot disse após a partida: "O Brasil não merecia ganhar o jogo porque estivemos superiores. Os brasileiros tiveram a presunção de que poderiam ganhar da Itália até com alguma facilidade".

No documento "Fraternidade sim, violência não", que vem sendo preparado para orientação da Campanha da Fraternidade do próximo ano, a CNBB aponta as formas de ação violenta que, na opinião do episcopado nacional, predominam no Brasil. Retirar do povo a possibilidade de participar na vida política, econômica e social da Nação é a principal manifestação de violência, diz o texto ainda em exame, acrescentando: "Viola-se o direito que o povo tem de se manifestar politicamente através de eleições livres".

Os bispos responsabilizam "o modelo econômico imposto, que exige austeridade do povo, enquanto faz gastos exorbitantes com a tecnocracia", além de "transformar a ciência em uma ferramenta de dominação".

Fonte: Folha de São Paulo: um jornal a serviço do Brasil ano 62. n.º 19.452. Terça feira 6 de julho de 1982 disponível em <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/1982/07/06/2/>> acesso 25/01/2017.

Unzelte (2002) explica que, depois de inúmeros acontecimentos em torno do país sede da Copa do Mundo de 1986, ficou acordado que o evento aconteceria no México. Na ocasião, a Argentina possuía um atleta diferenciado em relação aos demais, Diego Armando Maradona, que, unido a seus companheiros, foram bicampeões mundiais, vencendo os alemães na final pelo placar de três a dois.

Em 1990, o mundial da FIFA foi realizado na Itália e o Brasil foi eliminado pela Argentina; ficando com a nona colocação, e Maradona e equipe avançaram na competição, chegando até a partida final como no torneio anterior,

que curiosamente repetiu-se (Alemanha e Argentina), porém, desta vez, os europeus superaram os sul-americanos por um a zero.

A conquista do tetracampeonato ocorreu na copa realizada nos Estados Unidos, Pimentel (2013, p.46), sobre este campeonato, afirma:

Comparando com a Copa anterior, a de 1994 apresentou melhora considerável no nível técnico das seleções em disputa – notadamente no desempenho da Seleção Brasileira, que entregara a função de treinador a Carlos Alberto Parreira e criara o cargo de coordenador técnico para Zagallo [...]

O autor ainda expõe que a seleção brasileira conquistou, depois de uma partida final de cento e vinte minutos (tempos normais e prorrogação) e disputa de penalidades máximas com a Itália, pela quarta vez uma Copa do Mundo.

Na França, em 1998, como explica Unzelte (2002), a partida decisiva aconteceu entre a seleção canarinho, que contava com alguns atletas participantes do mundial anterior, como Taffarel, Cafu, Dunga, e a equipe anfitriã, com seus principais atletas Zidane e Petit que venceram o Brasil pelo placar de três a zero.

Em 2002, o Oriente recebeu a Copa do Mundo de futebol, conforme a literatura consultada, essa foi a primeira vez em que o mundial não ocorreu no núcleo Europa-América, e a primeira vez também que dois países juntos receberiam o campeonato, ou seja, Japão e Coreia do Sul.

O Brasil fez uma campanha impecável e sob o comando de Luiz Felipe Scolari venceu todos os jogos, inclusive o último contra a equipe alemã por dois a zero, garantindo ao Brasil ser pentacampeão mundial, recorde ainda não quebrado por nenhuma outra seleção.



Fonte: Folha de São Paulo: Um jornal a serviço do Brasil (ano 82 nº26752 Segunda feira 1 de julho de 2002 disponível em <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2002/07/01/2//5826034>> acesso 17/08/2016)

A Alemanha, quatro anos depois, sediou a Copa do Mundo, ofertando modernos estádios e uma ótima infraestrutura, porém eles não ganharam a taça, mas sim os italianos, que venceram a França nas penalidades máximas, já que no tempo comum as equipes ficaram com o placar de um a um.

Na África do Sul, em 2010, a seleção brasileira não se saiu bem, sendo eliminada nas quartas-de-final pela Holanda, que, por sua vez, chegou à final com um futebol muito organizado, porém sua oponente, a Espanha, naquele ano, era um time bastante consolidado, uma equipe cujos atletas já jogavam juntos e se conheciam bem, isso lhes deu, conseqüentemente, a vitória por dois a um na final.

Por último, em 2014, a sede da Copa do Mundo foi o Brasil, alemães e argentinos repetiram a final de 1986 e 1990, e novamente os europeus ficaram com o título, com a mesma equipe que goleou o Brasil com o placar de sete a um, na semifinal.

Para um panorama mais objetivo, elaboramos um quadro que demonstra os países que já foram campeões do mundo, os anos e o número de títulos conquistados:

PAÍSES	ANOS DOS TÍTULOS	NÚMERO DE TÍTULOS
Uruguai	1930, 1950,	Dois
Itália	1934, 1938, 1982, 2006	Quatro
Alemanha	1954, 1974, 1990, 2014	Quatro
Brasil	1958, 1962, 1970, 1994, 2002	Cinco
Inglaterra	1966	Um
Argentina	1978, 1986	Dois
França	1998	Um
Espanha	2010	Um

Fonte: tabela elaborada pela autora.

1.3 BRASIL E A COPA DO MUNDO DE 2014

Ressaltamos, depois de um panorama histórico sobre o futebol mundial, que o Brasil possui, hoje, equipes profissionais de futebol que disputam três importantes campeonatos, um no âmbito regional e outros dois no nacional. O primeiro deles é disputado no estado ao qual o time pertence, geralmente, equipes de menor poder aquisitivo e de qualidade técnica inferior têm acesso ao torneio, e os clubes maiores não lhes dão tanta importância, utilizando-o como um local de compras de jogadores iniciantes.

Os clubes participantes da Copa do Brasil (campeonato da Confederação Brasileira de Futebol-CBF) possuem melhor desempenho nos campeonatos estaduais e conquistam as vagas de seus estados. Esse torneio não é tão extenso como o campeonato brasileiro, mas abarca um grande número de equipes de todo o país.

O campeonato brasileiro, também regulamentado pela Confederação Brasileira de Futebol, é um dos torneios mais longos do mundo, com duração de, em média, nove meses; com variação no calendário de cada ano, ele é considerado por atletas e expectadores, como o mais importante do país por sua

qualidade técnica e tática.

Diferenciando-se por utilizar um esquema de pontos corridos, não existem, como em Copas do Mundo, séries de desclassificação, semifinal e final, todos os jogos valem os mesmos três pontos, por conseguinte, a equipe que vencer mais jogos conquista também o campeonato.

Por uma questão de desgaste físico dos atletas, a primeira competição disputada é a estadual, depois a Copa do Brasil e, por fim, o Campeonato Brasileiro; geralmente quando um se inicia, o outro está nas suas últimas “rodadas” (série de jogos em que todos os participantes disputaram uma partida e somam ou não pontos).

As chamadas rodadas do primeiro escalão de clubes (série A) acontecem semanalmente, na sua maioria, às quartas-feiras, no período noturno, e aos domingos à tarde, para serem televisionadas.

Portanto, às segundas e quintas-feiras, o assunto em pauta na maior parte de rodas de amigos, comumente é o jogo do dia anterior, seja para divergirem ou convergirem em suas ideias e opiniões. Como sintetiza Antunes (2004, p.18):

O futebol é uma espécie de língua franca: são pequenas as possibilidades de encontrar um interlocutor que não saiba falar minimamente sobre ele ou sobre as questões do dia, relevando-se, também por seu intermédio, afinidades e discordâncias.

Pode-se dizer que o brasileiro, em grande parte é um aficionado, no sentido pleno da palavra. Não satisfeito com o que viu ou ouviu, pelo rádio ou pela TV, o torcedor ainda quer ler as opiniões dos cronistas nos jornais do dia seguinte, opinião de quem entende do assunto, que acompanhou a partida no estádio e que também sabe o que se passa nos bastidores. Corre todas as resenhas esportivas nos jornais, a fim de conferir se o que viu ou ouviu, na véspera, era mesmo verdade.

O futebol atua como uma espécie de rito seguido com assiduidade por seus expectadores, que deixam de lado todos os seus afazeres, de cunho pessoal ou profissional, para acompanhar uma equipe pessoalmente, pela televisão, pelo rádio ou até pela internet, e se não for possível, pesquisam reprises com menor duração, ou algo semelhante, buscando informações sobre o que aconteceu na partida de seus times e de seus adversários.

Com isso, um espaço representativo é dirigido ao esporte, principalmente ao futebol, com programas esportivos diários, com duração de uma hora e meia, em média, na televisão aberta. Na televisão por assinatura, há

inúmeras emissoras como SporTV, ESPN, Foz sports, Bandsports, Esporte Interativo (cada uma delas com, no mínimo, duas afiliadas) que voltam seus trabalhos apenas às modalidades esportivas, sobretudo o futebol.

Verificamos com a nomenclatura de sua programação, como “É gol”, “Troca de passes”, “Bate bola”, “Melhor futebol do Mundo” entre outros, que apenas por sua denominação demonstram o tópico discursivo de maior representatividade.

Aplicativos de celulares também são mecanismos bastante numerosos usados para informação sobre jogos, tabelas dos campeonatos e jogos interativos que fazem pessoas, não sustentadas pelo futebol, sentirem-se técnicas, escalando atletas e afins.

As redes sociais, muitas vezes, também são utilizadas para esse fim, pois muitas pessoas proferem suas opiniões sobre o desempenho de atletas, demonstrando seu ponto de vista sobre as partidas e até podem caçoar das equipes derrotadas, tornando-os mais próximos e integrantes do time que apreciam.

Os jornais impressos, diariamente, como a Folha de São Paulo, Folha de Londrina e muitos outros, destinam um caderno de várias páginas ao esporte, isto é, um espaço bastante representativo e nobre, no entanto modalidades como voleibol, basquete, judô, ginástica, recebem um espaço menor em relação à modalidade de maior fascínio nacional.

saber quais são as prescrições sobre o impedimento de um gol, mas geralmente entende o que é um gol, quais são os procedimentos de penalidades máximas e por que elas acontecem, compreende ainda que o indivíduo de uniforme diferenciado pode pegar a bola com as mãos, mas, muitas vezes, ao acompanhar esportes como o voleibol, não assimila o porquê de um cartão vermelho não expulsar o atleta como no futebol. Esta constatação fica evidente a partir da postulação de Antunes (2014, p.12):

O futebol, como todos sabem, não é uma criação brasileira, mas diferente de inúmeras outras importações que sempre guardam algum cheiro de *made in*, ele se amoldou à nossa maneira colonizada de ser e se impôs com suas regras, seus uniformes e a exigência da concentração e da cultura física, hábito até então distante neste mundo tropical.

Outra evidência comprobatória de que o futebol é um fator identitário no Brasil é a própria linguagem, pois, muitas vezes, empenhamos o conhecimento futebolístico, partilhado, em atividades de outro âmbito com expressões desta área que se transformam em gírias e que traduzem a identidade de um povo. Como, por exemplo, ao nos referirmos a atividades que quase ocorreram, utilizamos a mesma expressão de quando um gol poderia ter acontecido, mas a bola foi desviada pelo poste: “bateu na trave”, ou para mencionarmos que algo foi realizado momento antes do término do prazo estabelecido, é empregada a mesma declaração de comentaristas esportivos quando um gol acontece ao fim da partida: “aos quarenta e cinco do segundo tempo”. A expressão “jogou para escanteio” é muito aplicada também para demonstrar que algo ou alguém já não é importante para uma pessoa e foi deixado de lado. Esse dado pode ser comprovado com a notícia sobre economia com o termo futebolístico “bateu na trave”, do jornal O Estado de São Paulo, de janeiro de 2012:

CELSO MING

celso.ming@grupopostado.com.br



Bateu na trave, mas entrou

O presidente do Banco Central, Alexandre Tombini, não terá de escrever uma carta para o ministro da Fazenda – para explicar o estouro da meta da inflação de 2011.

Ele só teria esta obrigação se a evolução do IPCA saltasse para além dos 6,5% (meta de 4,5% mais o desvio de 2 pontos percentuais). Mas, como ontem revelou o IBGE, a inflação de 2011 ficou cravada nos 6,5%.

Bateu na trave foi gol e assim se cumpriram as projeções do Banco Central de que a inflação de 2011 ficaria entre as margens de tolerância. Mas ficou estranha a comemoração. O Banco Central passou os últimos oito anos entregando a inflação na meta e, no entanto, não sentiu necessidade de soltar arrojado. Desta vez foi diferente.

Em nota oficial previamente redigida, divulgada logo depois do anúncio do IBGE, Tombini celebrou o acontecido como cumprimento da estratégia monetária do Banco Central. E mencionou como sinal de “arrefecimento das pressões inflacionárias” a desaceleração dos preços no atacado – de 7,5%, no terceiro trimestre, para 5,3%, no final de 2011.

É um pouco cedo para colocar tanto potencial baixista no segmento dos preços no atacado. A alta dos alimentos, por exemplo, dá sinais de retomada, especialmente neste início de ano, tão suscetível a choques de oferta.

No entanto, o que ocorre nos preços no atacado não é o que deveria merecer o maior foco do Banco Central. O setor mais vulnerável a escapadas de preços é o dos serviços. Eles haviam saltado 8,15% em 2010 e fecharam 2011 com avanço de 9,39%. Somente esse



Tombini. Há o que comemorar?

segmento foi responsável por nada menos que 31% do salto do IPCA no ano que passou.

A principal explicação para essa alta na remuneração dos serviços é a forte elevação do emprego e da renda em 2011 – como bem observou a coordenadora dos Índices de Preços do IBGE, a economista Eulina Nunes dos Santos. Apenas a título de exemplo, nesse seg-

mento, em 2011, os aluguéis residenciais subiram 11,01%; os serviços de emprego doméstico, 11,37%; cabeleireiro, 9,88%. Como a Coluna de ontem observou, em processo de ascensão das classes baixas para níveis superiores, acentuam-se as pressões sobre o setor de serviços.

O fator renda seguirá puxando os preços ao longo deste ano. Em que pese diferenças regionais, o mercado de trabalho continua muito próximo da situação de pleno emprego e, a partir do dia 1.º, o salário mínimo sofreu um reajuste de 14,13%, substancialmente superior aos ganhos de produtividade e da própria inflação.

Além disso, não há como compensar a ganada dos preços dos serviços com importações. Esse é mais um elemento que deverá empurrá-los para cima.

Por enquanto, não há o que possa mudar a atual estratégia de política monetária. Além da meta de inflação, o Banco Central se mantém determinado a cumprir a meta de juros básicos (Selic) de 9,25% ao ano – a que a presidente Dilma Rousseff várias vezes se referiu.

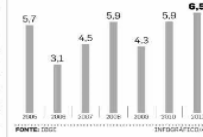
Isso significa que, na reunião do Copom, agendada para o dia 18, a Selic, hoje de 11,25% ao ano, deve cair para 10,5%.

* OUAÇA DIARIAMENTE CELSO MING NA RÁDIO ESTADÃO ESPF

CONFIRA

● Evolução do IPCA

EM PORCENTAGEM DO PIB



Fonte: IBGE

No gráfico, a evolução da inflação nos últimos sete anos.

● Menos desemprego

Melhorou sensivelmente a situação do emprego nos Estados Unidos. Os dados do Departamento do Trabalho divulgados ontem mostraram que, em dezembro, foram criadas 200 mil vagas de trabalho, mais do que as 155 mil esperadas. E o índice de desocupação melhorou. Caiu dos 8,7% registrados em novembro para 8,5% da força de trabalho em dezembro. Apesar dos números mais positivos, o mercado financeiro não comemorou. Entendeu que essa melhora já estava dentro das expectativas.

Fonte: O Estado de São Paulo. Ano 133. 7 de janeiro de 2012. Disponível em <<http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20120107-43180-nac-19-eco-b2-not/tela/fullscreen>> acesso em 22 de janeiro de 2017

Portanto, podemos considerar, a partir das leituras realizadas sobre as Copas do Mundo anteriores, e pela ciência acerca da paixão nacional pelo futebol que a Copa do Mundo de 2014 despertou, em boa parte dos brasileiros, um sentimento semelhante ao da Copa de 1950, já que analogamente ao que ocorreu no século passado, a seleção canarinho foi derrotada em solo brasileiro.

A vitória dos alemães, na final do torneio, teve grande repercussão midiática, no entanto, o jornalismo esportivo e boa parcela da população mundial também voltaram seus olhares à derrota da seleção brasileira por sete a um, e se referiram a ela como o maior vexame da história do futebol brasileiro, superando até mesmo a derrota para os uruguaios em 1950, como notamos com as capas de três grandes jornais brasileiros e de um argentino, todos de nove de julho de 2014.



Para uma pátria que se autodenomina “o país do futebol”, que joga o “futebol arte”, que é um dos maiores exportadores de atletas para grandes clubes do mundo e pentacampeão mundial, sofrer tal derrota foi algo catastrófico, gerando

inúmeras tentativas de mudança por parte dos comandantes da Confederação Brasileira de Futebol, até então sem êxito, já que desde então a fragilidade da seleção foi percebida e tem dificuldade em ganhar embates com equipes de menor ou maior nível tático e técnico.

Mesmo que a seleção e os brasileiros tenham sofrido uma grande decepção no âmbito esportivo, a derrota por sete a um rendeu muitos textos, principalmente as crônicas esportivas, seja em jornais, revistas, redes sociais, refletindo sobre o que acontece com a equipe brasileira de futebol atualmente.

E este é, especificamente, o tema do próximo capítulo: a crônica esportiva. Nele estudaremos, primeiramente, as principais características das crônicas em geral, e posteriormente salientaremos as peculiaridades da crônica especializada em relatar sobre o esporte que é um gênero discursivo corrente em nossa sociedade.

CAPÍTULO II

A crônica esportiva

Não se pode tratar o gênero de discurso independentemente de sua realidade social e de suas relações com as atividades humanas. (MARCUSCHI, 2008, p.155)

2.1 O GÊNERO DISCURSIVO

Na interação social entre os sujeitos, os enunciados utilizados não são meros vocábulos aglomerados e desprovidos de organização, mas possuem sentido, finalidade, estilo e uma relação com o contexto histórico ou situação comunicativa específica, são chamados de gêneros, possuem sequências tipológicas e são veiculados em algum suporte específico.

O gênero discursivo, primeiramente, é o próprio texto desempenhando papéis sociais, isto é, os textos que proferimos diariamente, atingindo seus objetivos, sejam eles quais forem, desde a simples receita de um bolo até grandes explanações, como nos explica Marcuschi (2008, p.155):

Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas.

Desta forma, a utilização do gênero é inevitável, pois em cada situação comunicativa, há um gênero que abarcará suas necessidades e, caso contrário, são criados novos para cumprir os propósitos satisfatoriamente. Como salienta Pinheiro (2005, p.8): “Cada gênero textual é construído em diferente situação de comunicação para diferentes propósitos, ou seja, são modos e formas diversos de produzir sentido e de se estabelecerem relações entre sujeitos”.

No entanto, mesmo que o gênero não seja algo vedado e com estruturas engessadas, Marcuschi (2008) explica que ele possui uma identidade que condiciona escolhas, isto é, embora o gênero seja maleável, ele não é arbitrário e livre para ser utilizado aleatoriamente, pois possui algumas características que o representam, por exemplo, se no gênero bilhete, o remetente não disser o destinatário, ou não trazer uma informação, o gênero não está cumprindo seu

objetivo que é de informar alguém sobre algo, perdendo assim sua identidade como gênero.

Assim sendo, em todos os contextos sociais, na modalidade oral ou escrita, os usuários da língua, irremediavelmente, se comunicarão por meio de gêneros, sem sequer perceberem, porque, mesmo que não têm consciência disso, o gênero já é internalizado na mente do falante, pois, ao encaminharmos uma mensagem de texto pelo celular, não estamos pensando nas características, ou no gênero daquele texto, mas adequamos a estrutura, objetivos e linguagem a ele, o que nos faz portarmos de maneira diferenciada em um e-mail, por exemplo.

Logo, podemos inferir, por conta do uso diário em sociedade, que os gêneros são em si conhecidos por seus usuários que possuem conhecimentos de mundo, bagagem cultural, conhecimentos linguísticos e sabem os requisitos solicitados por um gênero específico, sem que tenham plena consciência disso.

Desta forma, muitos nunca tiveram contato com determinado gênero em ambiente escolar, mas aprendem e o utilizam por analogia com textos do mesmo gênero, sem conhecer apenas a nomenclatura, como elucida Antunes (2010a, p.72), “procuramos nos conformar aos modelos preexistentes, já em circulação em nossos grupos”.

Um bom exemplo refere-se ao fato de que, nas redes sociais, os indivíduos emitem seus pareceres sobre notícias, sem grandes problemas, pois fazem inúmeras relações com textos vistos anteriormente, porém não se dá conta que aquilo é, inicialmente, um texto provido de sentido, com objetivos e pertencente a um gênero, muito próximo à carta do leitor, veiculado em jornais e revistas, porém, quando solicitado em ambiente escolar, tal indivíduo, muitas vezes, acredita nunca ter articulado algo daquele gênero.

Pertinente ao gênero também é o suporte em que o texto é disseminado, isto é, seu local de veiculação, como expõe Marcuschi (2008, p.174): o “suporte de um gênero é uma superfície física em formato específico que suporta, fixa e mostra um texto.”, pode ser uma revista, um jornal, entre outros.

O momento histórico em que o sujeito está inserido também é de extrema relevância para o uso do gênero, já que as necessidades dos falantes são modificadas de acordo com os avanços da tecnologia. Sendo assim, se, há cinquenta anos o gênero carta era o mais utilizado para a comunicação a distância, hoje a maioria das pessoas o substituiu, por conta do momento sócio-histórico em

que estão inseridos, optando pela interação via internet, que lhes garante maior velocidade na comunicação.

Portanto, o gênero é algo dinâmico e, a partir do momento em que um novo método de comunicação é criado e toma grandes proporções, um novo gênero também aparece, como postula Marcuschi (2002, p. 20, grifo do autor).

[...] não é difícil constatar que nos últimos dois séculos foram as novas tecnologias, em especial as ligadas à área da comunicação, que propiciaram o surgimento de novos gêneros textuais. Por certo, não são propriamente as tecnologias *per se* que originam os gêneros e sim a intensidade dos usos dessas tecnologias e suas interferências nas atividades comunicativas diárias.

Desta maneira, o número de gêneros amplia-se consideravelmente, sobretudo por conta das inovações tecnológicas cibernéticas que expandem o número de suportes de comunicação, tornando imensurável a quantidade de gêneros que existem atualmente e que permeiam os usuários da língua, como expõe o estudioso Bakhtin (1997, p. 279). em sua obra *Estética da criação verbal*:

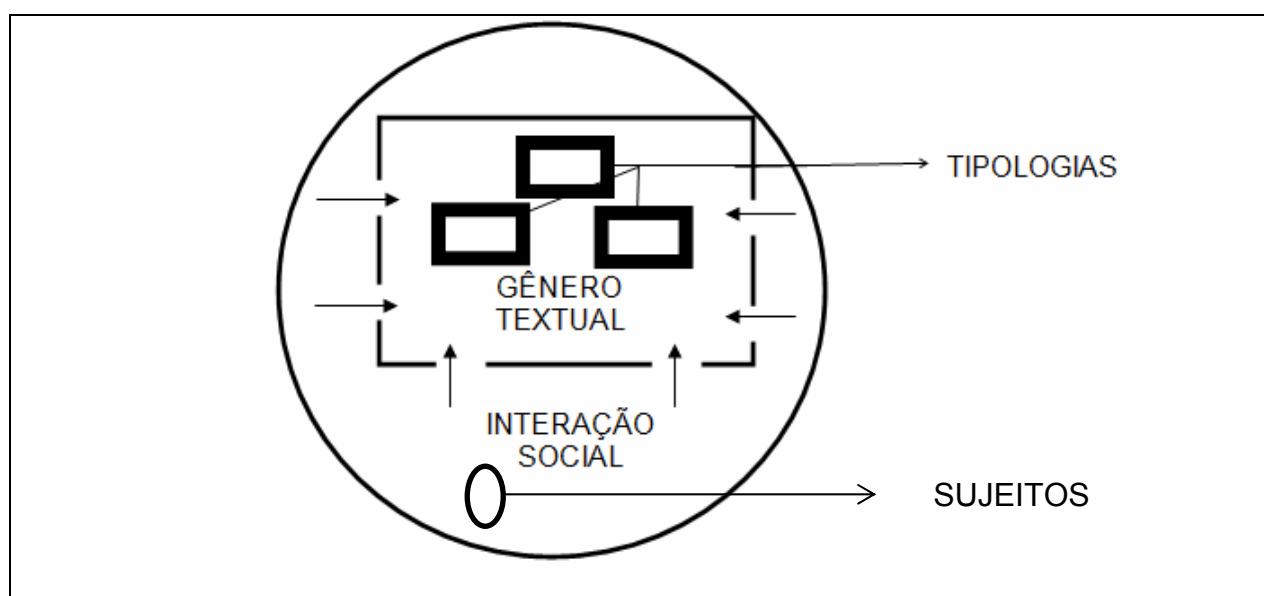
A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa.

Assim, o falante/ouvinte possui uma gama de opções para utilizar nas mais variadas atividades sociais, de acordo com a circunstância de comunicação em que está inserido, e, como nos lembra Koch (2015a, p. 65), “a escolha do gênero é, pois uma decisão estratégica, que envolve uma confrontação entre os valores atribuídos pelo agente produtor aos parâmetros”, desta forma, há a possibilidade de articulação desde uma defesa de tese até uma simples mensagem de texto, via celular.

Como já explicado, um texto sempre pertence a um gênero textual que o rege, assumindo, ainda, em seu interior, as tipologias textuais, que, são muito específicas, com apenas seis tipos e características estruturais preestabelecidas, principalmente, de cunho linguístico, como corrobora Antunes (2010a, p. 70), “os tipos de textos são categorias teóricas, que abrangem um conjunto de determinações de natureza linguística, tais como aspectos lexicais, sequências

sintáticas, variações dos tempos verbais etc.". Os seis tipos são: narração, exposição, dissertação, injunção, predição e descrição, cada um possui características específicas e prescreve os tempos e modos verbais que lhes são mais adequados.

Para uma melhor visualização, elaboramos um esquema que expõe como o gênero é amplo e influenciado pelas interações sociais, pois, segundo Marcuschi (2008, p.156): "Não devemos imaginar que a distinção entre gênero e tipo textual forme uma visão dicotômica, pois eles são dois aspectos constitutivos do funcionamento da língua em situações comunicativas da vida diária".



Fonte: Elaborado pela autora

Com o esquema, é perceptível que sujeitos estão sempre inseridos em interações sociais que possibilitam criar diversas situações de comunicação, em que formulam seus discursos pertencentes a um gênero (algo amplo e influenciável pelas interações sociais) e, conseqüentemente, as tipologias textuais.

Notamos que um gênero pode reunir mais de uma seqüência tipológica, no entanto, é muito comum uma delas sobressair-se perante as outras.

Sobre as seqüências tipológicas, Koch (2015a, p. 62) salienta a ideia de competência textual do falante quanto à diferenciação de um e outro:

Há o conhecimento, pelo menos intuitivo, de estratégias de construção e interpretação de texto. A competência textual de um falante permite-lhe, ainda, averiguar se em um texto predominam

sequências de caráter narrativo, descritivo, expositivo e/ou argumentativo. Não se torna difícil, na maior parte dos casos, distinguir um horóscopo de uma anedota ou carta familiar, bem como, por outro lado, um texto real de um texto fabricado, um texto de opinião de um texto predominantemente informativo e assim por diante.

Assim, resolvemos expor, de forma esquemática a tipologia, a estrutura linguística solicitada e alguns gêneros que utilizam determinadas tipologias:

TIPO	ESTRUTURA	GÊNERO
NARRATIVO	<ul style="list-style-type: none"> • narração de fatos, • presença de personagens, • marcação temporal, • verbos no tempo passado. 	Contos, romances, novelas....
DESCRITIVO	<ul style="list-style-type: none"> • os detalhes de algo são enumerados e apontados neste tipo de texto. 	Cardápios de restaurantes...
INJUNTIVO	<ul style="list-style-type: none"> • ordens ou instruções que o locutor emite ao interlocutor, • modo verbal imperativo. 	Receitas culinárias...
ARGUMENTATIVO	<ul style="list-style-type: none"> • o foco é argumentar e persuadir o interlocutor, fazendo com que ele acredite na veracidade das ideias, • verbos geralmente no presente do indicativo. 	Monografias....
EXPOSITIVO	<ul style="list-style-type: none"> • fatos são expostos, geralmente embasados em teorias já consolidadas. 	Aulas...

PREDITIVO	<ul style="list-style-type: none"> explicar ao remetente o que acontecerá no futuro. 	Previsões astrológicas...

Fonte: Elaborado pela autora

2.2 A CRÔNICA

Ainda que a crônica literária não seja especificamente o gênero que analisaremos e nos debruçaremos com afincos neste trabalho, a crônica esportiva é uma de suas ramificações, portanto apresenta inúmeras características estruturais, linguísticas e até mesmo o processo de criação semelhantes que, a nosso ver, são de extrema relevância para a pesquisa, conforme explicitaremos a seguir.

Este gênero originou-se das narrações, a fim de informar aos reis a respeito de fatos ocorridos no interior do reino, ou em viagens. Um bom exemplo é a carta do cronista viajante Pero Vaz de Caminha sobre a descoberta do Brasil, que atuava similarmente à imprensa. Posteriormente, com o jornalismo instaurado, a crônica, como conhecemos, passou a ser publicada em folhetins de jornais, conforme definição de Costa (2014, p. 93):

Originária dos folhetins publicados no início do jornalismo, em meio a manchetes, notícias, reportagens, editoriais, etc., é leve e rápida, construindo um lugar de familiaridade para relação enunciator/enunciatário numa cenografia de conversa amena [...].

Muitas dessas características foram mantidas, a primeira delas é a noção de que a crônica é escrita e veiculada na imprensa, os suportes em que este gênero recebe espaço são, primeiramente, jornais diários ou revistas mensais, como ressalta Costa (2014, p. 92):

A crônica é o único gênero literário produzido essencialmente para ser vinculado na imprensa, seja nas páginas de uma revista, seja nas de um jornal. Quer dizer, ela é feita com uma finalidade entre o escritor e aqueles que os leem.

E tal dado afeta e muito a maneira como o texto é redigido, pois seus autores submetem-se à escrita rápida, já que os prazos desses suportes midiáticos são extremamente curtos, como explicita Simon (2011, p. 23): “os cronistas desenvolvem com as empresas jornalísticas uma relação particularizada. Estão em jogo contratos, cláusulas, prazos que não devem ser confundidos com o que rege o envolvimento dos escritores com as editoras”, ou seja, os prazos de um jornal diário são pequenos, pois de um pôr-do-sol a outro acontecem as notícias e os textos devem ser redigidos e impressos.

A crônica, geralmente, é apresentada nos jornais e revistas e inúmeros estudiosos de literatura consideram-na um gênero inferior, e, como explica Lucena (2003, p. 162), “a crônica está diretamente ligada ao imediato, ao dia-a-dia, ao efêmero cotidiano que retrata a cidade.”. No entanto, esse pormenor não minimiza o apreço de seus leitores pelo gênero, já que ele é difundido em suportes de grande veiculação.

O cronista não é uma pessoa comum, ele é um observador, que olha a sociedade como um expectador e sabe de tudo o que acontece, atentando-se desde aos fatos corriqueiros até aos grandes fatos.

Diferentemente de outros gêneros presentes nos periódicos que dão ênfase às notícias de maior repercussão, a crônica é um gênero discursivo bastante peculiar, pois narra fatos do cotidiano, de pouca relevância, ou os pontos pequenos, dos grandes fatos, por isso, estudiosos do gênero afirmam que o tema da crônica são os “fatos miúdos”, como explica Simon (2011, p. 24):

[...] também cabe registrar uma espécie de ambivalência da crônica que se distingue das notícias jornalísticas mais convencionais, porém não se desvincula inteiramente da matéria cotidiana que impulsiona todas as manifestações da imprensa.

Portanto, ela analisa questões que passaram despercebidas por todos, faz reflexões sobre os temas abordados de maneira singela e tranquila ou como explica Antunes (2010a, p. 90), “literatura que costuma ser publicada em suportes do jornalismo e que se destina à abordagem meio despreziosa, embora literária, dos fatos do dia-a-dia”. Desta forma, a crônica adquire um teor de relato, como explicam Rego e Amphilo (2010, p.105):

a crônica assume o caráter de relato circunstanciado sobre feitos, cenários e personagens, a partir da observação do próprio narrador ou tomando como fonte de referência as informações coligadas junto a protagonistas ou testemunhas oculares.

Salientamos a brevidade da crônica, pois os textos deste gênero não se estendem por páginas e páginas, mas geralmente ocupam espaços pequenos, de, em média, uma lauda, com poucos parágrafos. Um dos motivos é a questão do espaço físico do periódico que, obviamente, não é capaz de abarcar textos maiores, pois, como nos lembra Marcuschi (2008, p. 179), “o jornal, diário e mesmo o jornal semanal, é nitidamente um suporte com muitos gêneros. Estes gêneros são, em boa medida, típicos e recebem em função do suporte, algumas características em certos casos”.

Também é bastante peculiar na crônica, o fato de estar associada, geralmente, ao humor transformando assuntos importantes de maneira amena e até irônica.

A linguagem empregada neste gênero também é bem acessível, muito próxima à oral, e sem a presença de vocábulos inusitados, tornando-a uma leitura rápida que envolve o interlocutor. Assim sendo, para sintetizarmos, elaboramos uma pequena tabela dos principais elementos do gênero crônica:

GÊNERO	CRÔNICA
OBJETIVO	Fazer um texto, a partir de assuntos que não sejam tão relevantes para serem capas de grandes veículos de comunicação, ou seja, o fato miúdo.
SUPORTE	Basicamente jornais e revistas e, muitas vezes, as crônicas são transformadas em obras literárias.
PRINCIPAL SEQUÊNCIA TIPOLOGICA	A principal sequência utilizada pela maioria dos textos deste gênero é a narração dos fatos.
AUTOR	Geralmente os autores são jornalistas, por conta dos principais suportes serem jornais e revistas.

Fonte: Elaborado pela autora

2.3 A CRÔNICA ESPORTIVA

É incontestável que o futebol seja algo imanente à cultura brasileira e, por conseguinte, um dos mais recorrentes assuntos abordados em nossa sociedade, pois, seja em núcleo familiar, escolar e até mesmo em ambientes de trabalho, ele é discutido com frequência e com alto nível de conhecimento.

Com isso, desde o início do século passado, a mídia faz muitos trabalhos sobre esta temática em vários veículos, como rádio, revistas, televisão e internet, dando a este esporte um grande enfoque: horários nobres de transmissão em tempo real e várias páginas de jornais de extrema relevância para o país, inclusive revistas com apenas esta temática.

Portanto, o futebol não é apenas um mero passatempo acompanhado por seus fãs ocasionalmente, ele é um assunto de interesse público e a mídia tem consciência disso e adapta seus suportes de comunicação ao esporte.

Mas nem sempre foi desta maneira, como expõe Mário Filho (2010, p.16, grifos do autor) ao demonstrar o interesse que a mídia teve no assunto quando percebeu que era algo rentável, “o futebol só interessou às folhas depois de se tornar paixão do povo. Enquanto não encheu os campos, não dividiu a cidade em grupos, em verdadeiros *clans* o futebol quase não existia para os jornais.”.

Quando a imprensa notou que o esporte era algo importante em âmbito nacional, foi destinado um espaço nos suportes para ele, especificamente. Hoje, a maior parte dos meios de comunicação possui um departamento próprio que fica incumbido de transmitir notícias da área, com grandes investidores, como multinacionais, por exemplo. Boa parte dos atletas deste ramo fazem também inúmeros comerciais de diversos produtos, ou seja, o futebol ganhou a mídia e é uma dos assuntos que mais chama a atenção do público em geral.

No início do século passado, surgiu a chamada crônica esportiva diferentemente de hoje, pois era uma das poucas maneiras de acesso dos torcedores às partidas, sendo a ótica do cronista a única recebida pelos leitores.

Naquela época, os cronistas eram bastante enfáticos e abusavam das emoções no que se referia às partidas, segundo Barbeiro e Rangel (2015, p.56), “nos anos 1950, prosa e crônicas esportivas faziam sucesso nos jornais impressos. Tanto que alguns jogos ruins ou violentos podiam virar quase um romance nas linhas desses periódicos”. Como mostra a Crônica do jornal O Globo Sportivo de

1950, em que a partida de futebol é apresentada como “Luta” e “furiosa”, termos bastante subjetivos e enfáticos que expõem a perspectiva do enunciador quanto à partida de futebol.

Página 2 Sexta-feira, 14 de julho de 1950 O GLOBO

FURIOSA A LUTA NO PACAEMBÚ

De Cesar SEARA

Para quem presenciou aquele primeiro tempo entre espanhóis e ingleses, a exibição daqueles no Pacaembú, contra os uruguaios, se não constituiu total decepção, deixou o observador, pelo menos, muito aquém da expectativa. E isto também em referência aos orientais, que recentemente, na disputa da Copa Rio Branco, dispuzeram em campo um conjunto realmente primoroso, com estrelas de primeira grandeza a brilhar em toda a sua intensidade, tais que Julio Perez, Schiaffino, o veterano Obdulio Varela e aquela preciosa promessa que logo se converteu em magnífica realidade — Rodriguez Andrade — que anulou, reduziu a zero mesmo, os dois ponteiros brasileiros que foram por ele marcados. Mas, por efeito, talvez, da tática que os da “celestes” puzeram em prática — e aceita, infelizmente pelos ibéricos — o que se viu em campo foram duas esquadras cujos componentes procuravam mais golpear-se visando o aniquilamento das ações de conjunto pela destruição sistemática das diversas peças em ação, do que propriamente uma refrega empós de goals que viessem a dirimir a tão almejada hegemonia neste transcendental turno final do “Coupe Jules Rimet”.



Fonte: Jornal O Globo Sportivo

Hoje o cenário é diferente, o indivíduo que lê a crônica esportiva não a busca como uma espécie de narração da partida, mas um complemento, uma vez que já está ciente do que aconteceu durante a disputa, porque já assistiu pela televisão ou até mesmo no estádio, conhece o placar do jogo e conferiu a tabela de classificação do campeonato ao fim da chamada rodada.

Mas, no dia seguinte, o torcedor sente a necessidade de olhar o jogo pela perspectiva de alguém que o acompanhou pessoalmente, que pode transmitir algo dos bastidores que ele ainda não conhece e tem propriedade para falar do assunto de maneira diferenciada.

A crônica não está no mesmo patamar de uma notícia que expõe meramente os placares de jogos com tabelas e dados numéricos, de forma sucinta e objetiva, a notícia não tem a preocupação em expressar subjetividade ao leitor, mas evidenciar os fatos, diferentemente da crônica, em que o texto é exposto para

mexer com o emocional dos leitores empregando recursos que despertam o interesse quanto ao time que aprecia.

O cronista por possuir uma relação afetiva com o esporte, seja por trabalhar com ele ou por ser um torcedor, geralmente aplica a seu texto uma linguagem mais subjetiva que textos de outros gêneros, presentes nos mesmos suportes de veiculação seja para demonstrar seu apreço pelo que ocorreu em campo, explicitando sua indignação perante aquilo que não achou adequado durante a partida, ou fora dela.

Conforme Barbeiro e Rangel (2015, p.52), “a emoção deve passar por meio da atmosfera narrativa sem apelar para os adjetivos românticos”, ela deve mexer com o leitor, pois o esporte está muito associado a este sentimento, sem, no entanto, utilizar recursos gramaticais com cunho afetivo¹ de maneira excessiva e, conseqüentemente, empobrecendo o texto.

Atualmente, a crônica pauta-se em histórias sobre o futebol ou em explicações detalhadas a respeito do jogo, pois a partida em si, muitas vezes, nem é o foco principal do texto, mas sim outros aspectos que chamaram a atenção do jornalista, assim como na crônica não esportiva, o fato menor também é exposto, unido, obviamente, a algumas particulares conhecidas apenas pelo autor, ou seja, uma espécie de liberdade de escrita, como explicam Costa, Ferreira Neto e Soares (2007, p.23),

[...] a crônica transita entre o ficcional e o não ficcional, ela também o faz entre literário e jornalístico. Pensamos que a crônica esportiva pese mais para o lado jornalístico, analisando os fatos recorrentes, porém com o adicional da liberdade do cronista em transformar a notícia.

Deste modo, estruturalmente, a crônica esportiva pode acontecer de duas formas, embora não sejam estruturas dicotômicas, sempre há uma maneira preponderante. A primeira delas ocorre quando o jornalista pauta-se mais no referente, enfatizando as narrativas e explicando como aconteceram. Na outra forma, as narrativas são secundárias e as opiniões do jornalista são colocadas de maneira mais expressivas.

Para exemplificar tal raciocínio, pesquisamos dois trechos de crônicas esportivas. O primeiro é um texto do jornalista Milton Neves, que está

presente na revista Placar, nele as narrativas são mais acentuadas. Já o segundo texto, de autoria do também jornalista Juca Kfourri veiculado no jornal Folha de São Paulo e muito mais pautado nas opiniões do cronista do que na própria narração do que ocorreu na partida entre Brasil e Alemanha.

¹ Discorreremos mais sobre o assunto ao estudarmos a Argumentação, nos capítulos seguintes.

Teje preso!

Em 1964 tivemos um inesquecível São Bento x Santos, no velho estádio Humberto Realli, de Sorocaba. Contra Pelé e tudo, o aguerrido São Bento venceu por 1 x 0, gol de Geraldo Picolé. O jogo dramático caminhava para seu final, Santos e Portuguesa lutavam cabeça a cabeça pelo título e nada do gol de empate do time de Pelé. Foi quando aos 44 minutos do segundo tempo o ponta santista Batista prensa uma bola com o excelente volante Nestor e o árbitro Anacleto Pietrobon dá escanteio. Pepe correu para cobrar o "tiro esquinado". Só que o espaço era muito curto entre o quarto de círculo do "corner" e o alambrado. Aí, para pegar "galeio", Pepe abriu o portão do alambrado que levava aos vestiários não subterrâneos e se afastou da bola para tomar distância, correr e bater. Só que, quando o "Canhão da Vila" atingiu uns 4 metros além do alambrado, o roupeiro do São Bento fechou o portão, passou o cadeado e Pepe ficou "trepado" no alambrado xingando o funcionário. Coutinho, Pelé, Lima e o lateral Ismael xingaram o Pepe muito mais. Ganhou o São Bento por 1 x 0.

O inferno de Dante

DA ESTRELA de David Luiz para o inferno de Dante, e de seus companheiros, foi um passo. Ou melhor, cinco. Cinco passos, cinco passes, cinco gols em menos de meia hora numa semifinal de Copa do Mundo em casa!

Entre tantas exclusividades que o futebol brasileiro amealhou em sua portentosa história, agora há mais uma, acachapante.

Claro que a culpa não foi de Dante, mas ele, na defesa vazada sete vezes, e Bernard, no ataque inoperante, foram as novidades de Felipão, que agora apanhará feito boi ladrão porque resolveu atacar em vez de defender.

A vida é assim. Nós, brasileiros, que detestamos a prudência dos três volantes, regredimos tanto no futebol de fantasia que já foi jogado por aqui que invertemos as prioridades.

Se o cartola da CBF falou em ir para o inferno em caso de derrota, esperemos que de lá ele não volte e que os que ficarem por aqui entendam que a derrota tem de servir para fazer desta merecida lição a base para novos tempos, como os alemães fizeram depois da Copa deles, em 2006, no saneamento das finanças dos clubes, na presença dos torcedores nos estádios, na execução do

Jamais a seleção brasileira sofreu um massacre semelhante, nunca foi tão humilhada

jogo limpo e bonito e na punição aos corruptos, porque corruptos também há por lá, mas punidos sempre que pegos, como aconteceu com o presidente do Bayern Munique.

Os 5 a 0 do primeiro tempo, como uma homenagem aos pentacampeões, um gol para cada título, soaram tão espantosos que ensinaram que a humilhação dói menos que o golpe inesperado, como o de 1950, no Maracanã.

Convenhamos que, por mais que o futebol permita tudo, que piores ganhem de melhores e que a esperança é sempre a última que morre, se a frustração de 50 foi uma surpresa, a derrota de agora era meio que inevitável, embora não por 7 a 1, algo tão inverossímil que até parece mesmo conta de mentiroso.

Jamais havia visto um estado de tamanha perplexidade num estádio e não apenas entre os derrotados. Os vencedores também não esperavam tamanha facilidade, tanta que ficou constrangedor comemorar.

Castigo pior só o de ter de conviver com o Brasileiro daqui a uma semana se a lição que nossos treinadores tirem desta bela Copa de gols e goleiros seja a de jogar atrás para não tomar de sete, em vez de jogar na frente para fazer sete.

Que Dilma Rousseff, ao menos, comece desde já a reforma que prometeu ao Bom Senso FC, porque é evidente que trocar Marin por Del Nero não renova coisa alguma, como não renovará a mera troca de técnicos da seleção.

O resto, como diria Felipão, que vá para o inferno.

Outro ponto que afeta a linguagem e o assunto da crônica esportiva é o curto tempo que os jornalistas possuem para escrever, já que principalmente nos jornais, o tempo entre o término da partida de futebol é muito pequeno, influenciando muitas vezes, a qualidade do texto. Já, na revista, a pressão ocorre muito mais pelo número de textos redigidos por uma pessoa apenas, como explicam Barbeiro e Rangel (2015, p.52):

Sabemos que infelizmente o redator, refém da correria do fechamento, é pressionado para produzir textos com uma linguagem cada vez mais coloquial. É a linguagem das ruas, que está na televisão, no rádio, e que modifica também o jornalismo impresso.

Assim, muitas vezes, há o emprego de inúmeras frases utilizadas correntemente por determinados jornalistas. Desta maneira, tais enunciados geralmente são atrelados, por seu público leitor a identidades do profissional, por ele fazer seu uso continuamente, atuando como uma espécie de apoio para fazer os textos fluírem, são os chamados chavões.

Embora pareça algo ruim, esta linguagem próxima ao coloquial e aparentemente “despretensiosa” é a variação mais corrente no meio esportivo, aproximando o leitor do texto, já que o público alvo do esporte e da crônica esportiva é bastante convergente.

No entanto, é impossível abordar o tema “Crônica Esportiva” e não citar aquele que é considerado o maior cronista brasileiro de todos os tempos, o autor de “Vestido de Noiva”, Nelson Rodrigues. Ele escreveu inúmeras crônicas que foram publicadas também em livros, por isso o periódico: Cândido: jornal da biblioteca pública do Paraná (2013, p.32), ao abordar o assunto, coloca-o ao lado de nomes como Machado de Assis e Rubem Braga.

Se Machado de Assis é considerado um dos precursores da crônica e Rubem Braga o criador de um estilo único de escrever sobre o efêmero, até hoje copiado por escritores de diversas matizes, Nelson Rodrigues é, com certeza, o maior nome em um subgênero que se proliferou como nenhum outro na imprensa brasileira: a crônica esportiva. Aficionado pelo Fluminense, Nelson fez a ponte entre duas expressões que o senso comum se acostumou a chamar de “tipicamente brasileiro”: a crônica e o futebol.

Atualmente, outros nomes como Xico Sá, Juca Kfourri, Milton Neves, Paulo Vinícius Coelho, entre outros, desempenham este papel, não como Nelson

Rodrigues que foi o pioneiro do gênero.

Embora consideremos aqui a crônica esportiva escrita e publicada em dois veículos (Folha de São Paulo e Placar), é de suma importância a sua diferenciação de um suporte para outro, principalmente, por seus objetivos, já que o jornal possui conteúdos abrangentes e diários como: política, agricultura, esportes e outros assuntos que são de interesse do leitor; enquanto a revista ocupa-se apenas com o esporte, podendo, então, dar maior amplitude às temáticas escolhidas. Para Barbeiro e Rangel (2015, p.55), os suportes de disseminação, com todos os seus objetivos e particularidades refletem no processo de criação textual, pois para eles: “a linguagem jornalística esportiva está bem caracterizada de veículo para veículo”, portanto devem ser levados em conta o prazo de entrega do texto, as datas de publicações, entre outras particularidades de cada suporte.

2.3.1 A Crônica Esportiva e a Folha de São Paulo

A Folha de São Paulo, um jornal a serviço do Brasil, não nasceu com este nome, ela é a união de três folhas, a criada em 1921, a denominada Folha da Noite, a de 1925, batizada Folha da Manhã e a, de 1949, intitulada Folha da Tarde. Foi em primeiro de janeiro de 1960 que o periódico recebeu o nome que possui atualmente, no entanto, sua redação considera sua idade de acordo com a Folha da Manhã de 1921, ou seja, noventa e cinco anos.

Este jornal é veiculado em âmbito nacional, diariamente e é um dos mais conceituados boletins. Sua disseminação, hoje, é feita não só no jornal impresso que, de maneira geral, tem perdido um pouco de espaço por conta de outros suportes de comunicação surgidos nos últimos anos, mas também pela internet, já que a folha disponibiliza as versões do jornal impresso para computador, tablete e celulares para seus assinantes.

Como explica Marcuschi (2008, p. 179), “O jornal, diário e mesmo o jornal semanal, é nitidamente um suporte com muitos gêneros. Estes gêneros são, em boa medida, típicos e recebem, em função do suporte, algumas características em certos casos”, em outras palavras, essa variedade de gêneros é explicável graças à periodicidade, à amplitude e ao suporte de veiculação.

A Folha de São Paulo é dividida de forma metódica para auxiliar na organização de leitura do receptor, desta maneira, o periódico é segmentado, de

acordo com os assuntos centrais, em cadernos, que geralmente são mantidos, mas que se alternam de acordo com os acontecimentos diários. São eles: o primeiro caderno, em que são apresentadas as notícias mais importantes daquela edição; o caderno de mercados, em que há notícias sobre a economia e os mercados nacional e internacional, logo, este bloco é muito mais voltado para o setor político; o caderno cotidiano apresenta vários textos como crônicas, previsões meteorológicas, indicações de livros e afins; a folha ilustrada, como o próprio nome diz, exibe várias fotografias e textos sobre assuntos variados; o caderno de turismo faz inúmeras indicações de viagens, e, conseqüentemente, apresenta também diversas propagandas de agências de turismos, hotéis; o caderno de esporte, nele estão inseridos as tabelas dos principais campeonatos de futebol e de outros esportes que ocorrem no país, placares de jogos, e principalmente as crônicas esportivas.

As crônicas deste suporte possuem, geralmente, assuntos atualíssimos, como, por exemplo, na Copa do Mundo de 2014, os temas, em sua maioria, eram ligados aos jogos já acontecidos, ou que estavam por acontecer na competição, em que os cronistas atribuíam muito suas opiniões e desejos quanto ao mundial.

Porém, isso gera certa efemeridade, pois a grande parte destas crônicas é deixada de lado por terem um prazo de validade muito curto, pois, na data, fazem sentido, mas, posteriormente, o assunto é esquecido.

Os principais cronistas da folha de São Paulo são jornalistas, e possuem programas televisivos: Juca Kfourri, Paulo Vinicius Coelho-PVC e ex-jogadores de futebol como Tostão. De maneira geral, eles expõem textos breves e de linguagem simples.

2.3.2A Crônica Esportiva e a Revista Placar

A revista Placar é um suporte com quarenta e seis anos, que até o ano de 2015 pertencia ao grupo Abril, mas foi vendida ao grupo Caras, naquele ano.

Sua composição, assim como a da Folha de São Paulo, também varia de acordo com as necessidades do veículo, mas, em sua maioria, os textos são enquadrados nas seguintes colunas: “Preleção”: é um texto que aborda temas daquela edição de modo geral; a “Voz da Galera”: parte destinada aos comentários dos leitores da revista, são cartas do leitor em que avaliam os desempenhos dos

atletas ou criticam textos veiculados nas edições anteriores.

A coluna “Personagem do Mês” trata de reportagens sobre atletas de destaque no campeonato. O bloco destinado às crônicas do apresentador, da televisão Bandeirantes, Milton Neves, é denominado “Causos do Miltão”, e o jornalista faz textos narrativos com enfoque em histórias que viveu, ou presenciou com o futebol, de forma atemporal os jogos daquela semana pouco importam para a coluna, o jornalista emprega uma linguagem bastante subjetiva, com a presença de inúmeros adjetivos para qualificar desempenho de jogadores ou acontecimentos de bastidores.

No segmento denominado “País do Futebol”, algumas reportagens relatam a vida de atletas e histórias de clubes nacionais e internacionais. A coluna denominada “Placar Pédia” é o local em que a revista coloca por meio de dados estatísticos o desempenho de atletas que estão disputando os campeonatos e as tabelas de classificação dos clubes.

As crônicas destinadas aos atletas falecidos que atuaram no futebol brasileiro estão inseridas na coluna denominada “Mortos-Vivos”, ela possui geralmente um tom laudatório e apresenta os grandes feitos dos jogadores homenageados e é sempre colocada na última página de cada publicação.

A revista Placar é especializada em futebol portanto, seu foco não é heterogêneo como a Folha de São Paulo e não há a mesma diversidade de gêneros. Como explica Marcuschi (2008, p. 180. Grifos do autor.) ao falar deste tipo de suporte (mesmo que nosso objeto de análise não seja semanal como propõe o autor),

A revista semanal poderia ser vista no contexto do *jornal diário*, mais além de conter sensivelmente menos gêneros textuais que o jornal, tem uma peculiaridade no processo de textualização como se frisou há pouco. Jornais diários e revistas divergem em alguns aspectos. Em primeiro lugar, muitos gêneros são mais específicos de jornais diários do que revistas semanais. Deve-se ter em mente que as revistas semanais, quinzenais ou mensais também divergem entre si e os jornais são em geral diários. Assim certos gêneros que circulam com notícias ou fatos apenas do dia [...] pouco aparecem em revistas.

Portanto, as crônicas apresentadas na revista possuem diferenças se as compararmos com as que são publicadas no jornal, pois, enquanto o boletim diário veicula assuntos de um ou dois dias; a revista não apresentará textos sobre o

jogo que aconteceu há aproximadamente quinze dias, pois ele já se tornou um assunto antigo.

Desse modo, o suporte prefere sempre os assuntos atemporais, como histórias de jogadores que desempenhavam bem seu ofício, ou, até mesmo, abordar assuntos do campeonato que está ocorrendo de modo geral, mas dificilmente detalhes de uma partida especificamente.

Uma de suas ramificações, e assunto principal deste trabalho, é a crônica esportiva que consiste em narrativas de alguns aspectos ocorridos durante partidas de futebol ou opiniões de cronistas a partir de pontos pertinentes ao esporte e aos jogos, trata-se de um texto curto e de linguagem acessível.

Além disso, o cronista também é um observador daquilo que acontece no ramo do futebol é um jornalista que trabalha em revistas ou jornais e como qualquer profissional dessa área, com prazos de entrega de seus escritos bem reduzidos.

Concluimos esse capítulo com as seguintes reflexões: todos os textos são permeados de sequências tipológicas de acordo com a estrutura do gênero em questão; o gênero Crônica é veiculado, comumente, em jornais e, algumas vezes, esses textos são transformados em obras literárias. A sua temática é composta de assuntos cotidianos que ocasionalmente são deixados de lado, mas o cronista o aborda por ser um observador da sociedade e seus comportamentos.

O terceiro capítulo terá como proposta apresentar as teorias da Linguística Textual, iniciando por seu processo histórico, demonstrando como a teoria evoluiu diacronicamente e ressaltando as partes da teoria mais relevantes para a nossa pesquisa (fatores de textualidade e o tópico discursivo).

CAPÍTULO III

Elementos da linguística textual

O texto constitui uma unidade de sentido, formulada com propósitos interacionais e resultante de ações finalisticamente orientadas. De acordo com essa concepção, o texto é o próprio lugar da interação e é nele que se constroem os significados. (GALEMBECK, 2008, p.164)

3.1 PANORAMA HISTÓRICO DA LINGUÍSTICA TEXTUAL

A linguística moderna nasce a partir da publicação da obra Curso de Linguística Geral, do genebrino Ferdinand de Saussure (2006), pois ele deixa de lado os estudos diacrônicos da língua que eram realizados até então, para analisá-la como um sistema de signos e diferenciar elementos inerentes a ela, dicotomicamente, criando a teoria chamada estruturalismo.

Conforme explicam Bentes (2004), Marquesi (2004), Koch (2015b) e tantos outros especialistas, no fim da década de 1960 e início da década de 1970, os estudos linguísticos na Europa afastaram-se da perspectiva estruturalista da língua, para terem como objeto de estudo o texto, o signo linguístico seria o ponto essencial de análise, na época, dando início à “Linguística Textual” (L.T.). Como elucidada Galembeck (2005), no artigo denominado “A linguística textual e seus mais recentes avanços”:

Essa nova etapa no desenvolvimento da Linguística de Texto decorre de uma nova concepção de língua (não mais um sistema virtual autônomo, um conjunto de possibilidades, mas um sistema real, uso em determinados contextos comunicativos) e um novo conceito de texto (não mais encarado como um produto pronto e acabado, mas um processo uma unidade em construção). Com isso, fixou-se como objetivo a ser alcançado a análise e explicação da unidade texto em funcionamento e não a apreensão das regras subjacentes a um sistema formal abstrato.

Assim, o texto passa a ser o foco das pesquisas no ramo da Linguística, considerando que ele está presente nos locais em que a comunicação ocorre, portanto, sendo encarado como um processo em constante transformação, apto a mudanças de acordo com as evoluções do falante, e não como um produto acabado.

A L.T. passou por algumas fases, antes de seguir a linha de raciocínio que possui atualmente, a primeira delas é denominada fase das análises transfrásticas, que será estudada a seguir.

3.1.1 Análise Transfrástica

A primeira fase da L.T. ficou conhecida como a das análises transfrásticas, nesta etapa, buscava-se pesquisar a maneira como as frases eram organizadas e ligadas por meio de conectores para formarem um texto, pois como explica Bentes (2004, p.247, grifos da autora), “Na *análise transfrástica*, parte-se da frase para o texto. Exatamente por estarem preocupados com as relações que se estabelecem entre as frases e os períodos”.

Logo, era de extrema importância o uso dos pronomes anafóricos e catafóricos, pois eles concatenavam uma frase a outra compondo um texto, pois, como explica Koch (2015b), ele era entendido como uma sequência de unidades linguísticas estabelecidas por meio da “concatenação pronominal ininterrupta”. Portanto, para que um texto seja considerado como tal, é necessário possuir, obrigatoriamente, recursos de coesão textual.

A segunda fase da L.T consistiu na elaboração de gramáticas de texto, recebendo influências de outras vertentes linguísticas, como explicaremos a seguir.

3.1.2 Gramática de Texto

Na mesma época, os estudos linguísticos de Noam Chomsky que teorizaram a gramática gerativa tinham tomado grandes proporções e, conseqüentemente, afetaram também a Linguística textual, pois ela adaptou e tomou para si alguns elementos do gerativismo, criando as chamadas gramáticas de texto.

As gramáticas de texto eram compreendidas como descrições de regras finitas para a elaboração de um número indeterminado de textos, como disserta Koch (2015b, p.21), “tratava-se de descrever categorias e regras de combinações da entidade T (texto) em L (determinada língua)”, portanto, para que houvesse um texto era necessário que os preceitos estabelecidos pela gramática

fossem seguidos de maneira adequada. Desta forma, de acordo com os estudos de Koch (2015b, p.21), a gramática textual possuía três objetivos basilares:

- a) Verificar o que faz com que um texto seja um texto, ou seja, determinar seus princípios de constituição, os fatores responsáveis pela sua coerência, as condições em que se manifesta a textualidade;
- b) levantar critérios para a delimitação de textos, já que a completude é uma de suas características essenciais;
- c) diferenciar as várias espécies de textos.

Portanto, a frase não era, como anteriormente, o ponto de partida da análise textual, mas sim o texto, que era considerado, consoante Bentes (2004, p.249), “a unidade lingüística mais elevada” e que poderia ser segmentada em unidades menores de significação, desde que isso não afetasse na função textual.

Também era proeminente a concepção da competência do falante, pois, para esta fase da Linguística textual, o usuário da língua é capaz de diferenciar o que é um texto dotado de coerência de um amontoado de orações desconexas, e possui a capacidade de parafrasear, resumir e perceber a incompletude dos textos, o que Charolles (1988, p.40-41, grifos do autor) considera um conjunto de regras que estão interiorizadas nos falantes.

[...] um sistema implícito de regras interiorizadas igualmente disponíveis para todos os membros de uma comunidade lingüística. Esse sistema de regras de base constitui a *competência textual* dos sujeitos, competência que uma teoria – ou gramática - do texto se propõe a instituir como modelo.
Uma tal gramática [...] fornece, no interior de um quadro formal e problemático determinado, o conjunto (em princípio exaustivo) das regras de boa formação textual.

Nesta etapa, considerava-se que todos os falantes possuíam regras internalizadas sobre a constituição de um texto e por conta de suas competências textuais, saberiam se os enunciados compunham ou não um texto.

3.1.3 Linguística Textual

Posteriormente, segundo Koch (2015b), a perspectiva semântica também gerou muitos trabalhos, que entendiam o texto como sequências coerentes de enunciados, embora a noção de coerência, na época, fosse muito pautada nos

fatores sintático-semânticos.

Um dos trabalhos mais importantes sobre a coerência foram as metarregras estabelecidas por Charolles (1988) que, por questões didáticas, resolvemos tabelar aquilo que o autor propôs com cada uma delas.

METARREGRA	DEFINIÇÃO DE CHAROLLES
Repetição	“Para que um texto seja (microestruturalmente e macroestruturalmente) coerente é preciso que contenha, no seu desenvolvimento linear, elementos de recorrência estrita”
Progressão	“Para que um texto seja microestruturalmente ou macroestruturalmente coerente, é preciso que haja no seu desenvolvimento uma contribuição semântica constantemente renovada.”
Não contradição	“Para que um texto seja microestruturalmente ou macroestruturalmente coerente é preciso que nos seu desenvolvimento não se introduza nenhum elemento semântico que contradiga um conteúdo posto ou pressuposto por uma ocorrência anterior, ou deduzível desta inferência.”
Relação	“Para que uma seqüência ou um texto sejam coerentes, é preciso que os fatos que se denotam no mundo representado estejam relacionados”

Fonte: Tabela elaborada a partir do trabalho de Charolles (1988, p.49-74)

Desta maneira, na concepção do autor, um texto não deve ser algo repetitivo, mas deve seguir uma ordem que mantenha os enunciados linearmente organizados e, conseqüentemente, ele não deve ser redundante, os assuntos devem progredir de maneira lógica, concatenando-se entre si, sem que haja contradição.

Koch (2015b) explica que, depois de estabelecer as metarregras, Charrolles, embasado nos estudos de Van Dijk, elenca a quinta metarregra que se refere à macroestrutura do texto.

Mas é a partir da pragmática, segundo Koch (2015b, p.27), que a L.T.: “ganha uma nova dimensão: já não se trata de pesquisar a língua como sistema autônomo, mas, sim, o seu funcionamento nos processos comunicativos de uma sociedade concreta”. Importa agora o texto em uso, a maneira como ele é utilizado em ambientes sociais, por isso, o contexto passou a ter muita relevância já que a enunciação é considerada nas situações comunicativas em que os sujeitos se encontram.

Koch (2015b) elucida ainda que, na década de 1980, os estudos de L.T. concentraram-se na cognição, analisando o texto como uma decorrência dos processos mentais dos falantes, já que eles possuem conhecimentos acumulados graças às suas práticas sociais e à memória, por conseguinte, o texto é considerado uma expressão daquilo que os falantes incorporam de suas vivências em sociedade e memória acumulada de vivências anteriores.

A autora reforça que alguns teóricos estabelecem certos processos para criação textual como os quatro tipos de conhecimentos, expressos na tabela a seguir:

CONHECIMENTO	CORRESPONDÊNCIA
Linguístico	Diz respeito à escolha vocabular (se elas estão acordadas à temática proposta) as formas gramaticais empregadas e a organização textual, deste modo, tal conhecimento está estritamente atrelado à coesão.
Enciclopédico/ Semântico/ de mundo	Este conhecimento corresponde ao arquivamento de informações na memória do falante, por exemplo, não há a necessidade de dizer que a água é uma substância que ferve a 100° Celsius, pois já é algo do conhecimento enciclopédico do indivíduo.

Interacional	O conhecimento interacional se refere às interações que ocorrem através da linguagem, ela abarca três conhecimentos:
Ilocucional	É o conhecimento que faz com que haja a identificação das intenções que o falante possui em uma dada situação comunicativa.
Comunicacional	Este conhecimento está ligado à quantidade de informações e à variante linguística que o falante empregará para cada tipo de enunciado.
Metacomunicativo	Diz respeito às maneiras encontradas pelos falantes para impedir que ocorram disfunções na comunicação, recorrendo a recursos textuais como paráfrases, correções, repetições entre outros que possam exercer tal função.
Estruturas ou Modelos globais	É o conhecimento que possibilita aos sujeitos a distinção e o pertencimento dos textos aos determinados gêneros.

Fonte: Tabela elaborada a partir do trabalho de Koch (2015b, p.35-37)

Em vista disso, é perceptível a quantidade de conhecimentos que os falantes possuem cognitivamente a seu dispor para gerar e compreender textos em situações comunicativas. E esta será a temática do próximo ponto, o texto demonstrando que ele vai além de uma mera união de enunciados, mas é o próprio local em que os sujeitos interagem entre si.

3.2O TEXTO NA PERSPECTIVA SOCIOINTERACIONISTA

A visão de língua que vigora atualmente não é a mesma de outrora, em que era apreendida apenas como um sistema de signos, ou um mero instrumento: hoje, ela é também, conforme Marcuschi (2008, p.61): “um conjunto de práticas sociais e cognitivas historicamente situadas.”, ou seja, a língua deixa de estar em um patamar elevado e inacessível ao falante para ser entendida como uma prática discursiva de sujeitos que estão inseridos em sociedade e em um determinado recorte histórico, portanto, ela é analisada sob a perspectiva

sociointeracionista.

A partir desta perspectiva de língua e de sujeito, a definição de texto também é modificada, já que agora o objeto de estudo da L.T. é apreendido, por ela, como o local de interação entre os membros do discurso em situações reais de comunicação, os textos na sociedade, independentemente do grau de formalidade que o gênero e contexto solicitam, portanto o texto é o local em que os sujeitos vão interagir e fazer diversas *trocas sociais*.²

Para um texto ter uma estrutura textual adequada o locutor, aquele que enuncia uma fórmula textual, necessita obrigatoriamente de um destinatário para este texto, como também um contexto específico que permeará toda a sua produção, já que a cultura e o local de produção influenciam naquilo que pode ser dito e compreendido, e, sobretudo, é necessário a presença de um assunto a ser abordado no momento da interação.

Koch (2015b) explica que, nesta perspectiva, os sujeitos são atores/ construtores sociais que buscam nas situações discursivas fazer com que seus interlocutores assimilem os efeitos de sentido que ele empregou em seu texto, como corrobora Bentes (2004, p.255): “a produção textual é uma atividade interacional, ou seja, os interlocutores estão obrigatoriamente, e de diversas maneiras, envolvidos nos processos de construção e compreensão de um texto.”, deste modo, é no momento discursivo que os falantes se esforçarão para serem entendidos e os outros membros empenhar-se-ão para compreender os sentidos do texto.

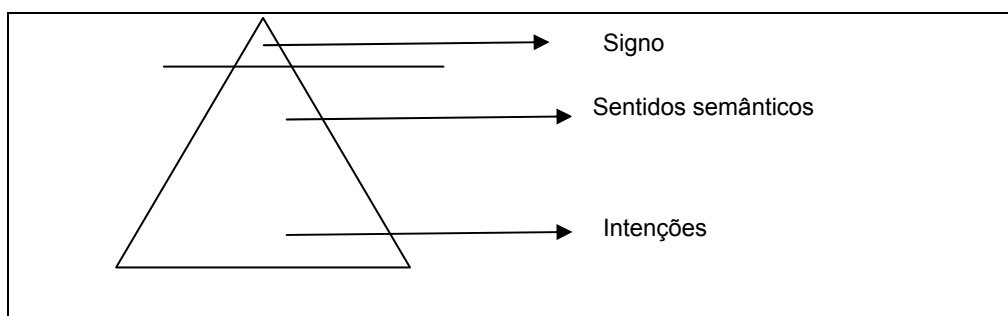
No entanto, a captação dos sentidos empregados no texto não é algo assim tão simples, já que depende tanto dos conhecimentos cognitivos, (expostos anteriormente) como dos fatores sociais, históricos e principalmente culturais que os membros do discurso devem compartilhar, caso contrário os efeitos de sentido almejados nunca serão satisfatoriamente captados.

Segundo Antunes (2010a, p.31), “todo texto é a expressão de uma atividade social”, logo, é por meio dele que as atividades sociais que o falante possui serão expostas, pois, por exemplo, se as práticas de um escritor literário forem dicotômicas as de seu leitor, se a cultura de um for desconhecida para o outro, e eles não compartilharem conhecimento algum, os sentidos que o escritor propôs, fatalmente, não serão alcançados, como explica Antunes (2010a, p.31) “[...]”

² Termo empregado no artigo “Conexão e coesão: análise do fazer enunciativo em uma crônica jornalística.”, de Oliveira e Cordeiro (2008, p.52)

compreender um texto é uma operação que vai além de seu aparato linguístico, pois se trata de um evento comunicativo em que operam, simultaneamente, ações linguísticas, sociais e cognitivas.”. O que nos faz compreender que o texto não é um produto finalizado, mas um processo que obriga o emissor e o receptor a compartilharem alguns aspectos para interagirem entre si, a fim de que todos os efeitos de sentido sejam captados.

Em concordância ao assunto, Koch (2015a), ao compartilhar algumas ideias estabelecidas por Dascal, explica a conhecida metáfora do *iceberg*, em que a ponta visível são os signos linguísticos que serão interpretados, porém, é abaixo dele, no local sem visibilidade, mas com maior densidade, que se encontram os efeitos semânticos de sentido e, ainda mais abaixo, as intenções do falante.



Fonte: esquematizado pela autora com base em Koch (2015b, p.20)

Outra questão extremamente relevante para os efeitos de sentido do texto na perspectiva interacionista é o contexto que é entendido por Koch (2015a, p. 27) como:

O contexto, da forma como é hoje entendido no interior da Linguística Textual abrange, portanto, não só o cotexto, como a situação de interação imediata, a situação mediata (entorno sócio-político-cultural) e também o contexto sociocognitivo dos interlocutores que, na verdade, subsume os demais. Ele engloba todos os tipos de conhecimentos arquivados na memória dos actantes sociais [...]

Refere-se ao contexto, ainda, o fato de o enunciador saber o que precisa ou não ser explicado aos seus interlocutores, por exemplo, em um contexto de sala de aula, cujos alunos têm em média treze anos, ao falar de temáticas como política, o professor precisa contextualizá-los muito mais que em uma classe de dezesseis anos, cujos alunos já possuem um conhecimento prévio muito maior, sobre o assunto, arquivado em sua memória.

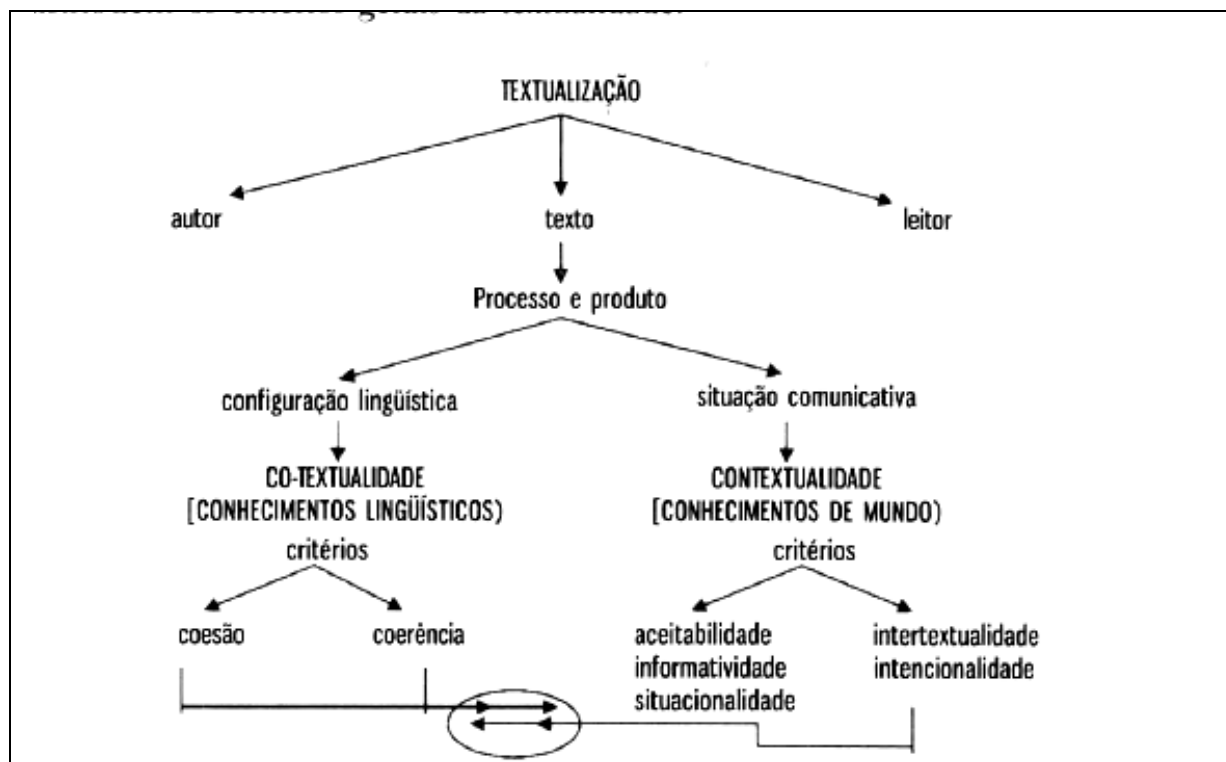
Além dos membros do discurso e do contexto em que estão inseridos, Beaugrande e Dressler, na década de 1980, elencaram sete elementos que deveriam compor um texto, sendo eles: coesão, coerência, intencionalidade, situacionalidade, aceitabilidade, informatividade e intertextualidade, os chamados fatores de textualidade. Posteriormente, os linguistas brasileiros acrescentaram o fator de contextualização.

3.2.1 Fatores de Textualidade

Primeiramente Beaugrande e Dressler (1997, p.121) comentam sobre a textualidade, afirmando que *“la textualidad descansa sobre la continuidad, los usuarios textuales han de entender que los acontecimientos y las situaciones que aparecen en el mundo textual están relacionados entre sí”*³ ou seja, a textualidade está, para estes autores, atrelada às situações e aos acontecimentos no mundo textual. Costa Val (2006, p. 5) explica ainda que “Chama-se textualidade ao conjunto de características que fazem com que um texto seja um texto, e não apenas uma seqüência de frases.”, desta forma, para a autora, é a textualidade que faz com que o texto seja entendido como tal.

Marcuschi (2008) esquematiza, em sua obra, os fatores de textualidade em relação à textualização, colocando o texto em meio aos membros do discurso e divide os fatores de textualidade em dois grandes grupos, o primeiro das configurações linguísticas e outro das situações comunicativas.

³ A textualidade repousa sobre a continuidade, os usuários textuais têm de entender que os acontecimentos e as situações que aparecem no mundo textual estão relacionados entre si. (Tradução nossa).



Fonte: Marcuschi (2008, p. 96)

Notamos que, neste esquema, o autor expõe os fatores de coesão e coerência como elementos co-textuais que estão no patamar dos conhecimentos lingüísticos dos sujeitos, diferentemente da aceitabilidade, informatividade, situacionalidade, intertextualidade e intencionalidade que dependem daquilo que os sujeitos trazem em seus conhecimentos de mundo, colocando-os como elementos contextuais.

Considerado por Marcuschi como co-textual, o primeiro fator a ser definido é a coesão, ela é compreendida como parte da estrutura do texto, são os inúmeros recursos que o enunciador utiliza para organizar a sua linguagem de acordo com as normas estabelecidas pelo sistema lingüístico, Cordeiro (2007, p. 66) considera que “a coesão é explicitamente marcada por palavras e frases, que devem estar semanticamente relacionadas para favorecer uma organização discursiva ao texto”; portanto, esse fator tem como função a organização textual e a combinação de elementos relevantes para o texto na produção dos efeitos de sentido.

Para Koch (2015b), a coesão deve ser dividida em dois conjuntos o da coesão sequencial e o da coesão referencial. Marcuschi (2008) ao falar sobre o assunto, considera que a coesão referencial está atrelada aos aspectos semânticos, que são utilizados para promover inúmeros efeitos de sentido, já que se referenciam

a outros elementos presentes no texto, de acordo com as intenções do falante, é o caso das anáforas, catáforas, sinônimos, hiperônimos, hipônimos e repetições.

A coesão sequencial está ligada à progressão textual encadeada pelos diversos conectivos oferecidos pela língua, ou seja, são recursos gramaticais que o falante emprega para dar continuidade ao texto, como explica Koch (2015b, p.49):

A coesão sequencial diz respeito aos procedimentos linguísticos por meio dos quais se estabelecem, entre segmentos do texto (enunciados e partes de enunciados, parágrafos e mesmo sequências textuais), diversos tipos de relação semântica e/ou pragmático-discursiva, à medida que faz o texto progredir.

O segundo mecanismo é denominado coerência e está atrelado aos efeitos de sentido aplicados ao texto, como corrobora Marcuschi (2008, p. 121), “a coerência é, sobretudo, uma relação de sentido que se manifesta entre os enunciados, em geral de maneira global e não localizada”, para que isto ocorra de maneira satisfatória ele depende de outros fatores, externos ao texto, como a cognição, a cultura e conhecimentos de mundo que locutor e interlocutor possuem e partilham, conforme explica Fávero (1999, p.10):

A coerência, por sua vez, manifestada em grande parte macrotextualmente, refere-se aos modos como os componentes do universo textual, isto é, os conceitos e as relações sub-jacentes ao texto de superfície, se unem numa configuração, de maneira reciprocamente acessível e relevante. Assim a coerência é o resultado de processos cognitivos operantes entre os usuários e não mero traço dos textos.

No entanto, para Koch (2015 b), a coesão e a coerência não devem ser compreendidas em níveis diferenciados, mas sim como algo homogêneo e indissolúvel na situação comunicativa, conforme as palavras de Koch (2015b, p. 54):

[...] nem sempre a coesão se estabelece de forma unívoca entre os elementos presentes na superfície textual. Desta maneira, sempre que se faz necessário um cálculo do sentido, com recurso a elementos contextuais- em particular os de ordem sociocognitiva e interacional -, já nos encontramos no domínio da coerência.

Para a autora, a coerência também não deve ser compreendida como um fator de textualidade como os outros, mas sim como o resultado da união

de todos os fatores aos conhecimentos da ordem cognitiva.

A informatividade concerne as informações que o sujeito oferece a seu interlocutor inserindo, assim, dados que são de conhecimento partilhado por ambos, contextualizando seu enunciado e outros dados que sejam inovadores e causem interesses no interlocutor.

Já a intertextualidade é a relação que um texto faz com outros já existentes, isso ocorre por conta das inúmeras influências que o sujeito recebe e que, conseqüentemente, são refletidas em seus discursos; para Marcuschi (2008) não há textos que não possuam relações intertextuais, pois não são isolados, circulam em ambientes sociais.

A intencionalidade e a aceitabilidade estão ligadas às contribuições que os integrantes do discurso fazem para atribuir sentido ao texto, para tanto, o primeiro fator é relativo às intenções do enunciador com aquele texto, as maneiras como articula e os inúmeros subterfúgios que utilizará para se fazer entender; consoante Marcuschi (2008, p. 126), esse princípio está relacionado a questões como: “o que é que o autor deste texto pretende?”.

Já a aceitabilidade diz respeito aos métodos encontrados pelo interlocutor para compreender os efeitos de sentido que o enunciador buscou transmitir, por isso Cordeiro (2007, p. 66) salienta que “na intencionalidade, o produtor do texto quer obter determinados efeitos do seu interlocutor, enquanto a aceitabilidade refere-se ao ‘princípio de cooperação’ e aceitação desse jogo comunicativo”, por conseguinte, um está ligado à enunciação e outro à recepção textual para que o discurso alcance seus objetivos.

O último fator considerado pelos autores é a situacionalidade, ela ocupa-se das situações de comunicação em que o texto está inserido, ou seja, se ele está adequado àquela situação; nas palavras de Marcuschi (2008, p.129), “Este princípio diz respeito aos fatores que formam um texto relevante numa dada situação, pois o texto figura como uma ação dentro de uma situação controlada e orientada”.

Os critérios de textualidade têm sido bastante questionados por alguns teóricos atuais, como Marcuschi (2008, p. 93-94):

Os critérios da textualidade, tal como foram primeiramente definidos por Beaugrande/Dressler (1981), devem ser tomados com algumas ressalvas. Primeiro, porque não se podem dividir os aspectos da

textualidade de forma tão estanque e categórica. Alguns dos critérios são redundantes e se recobrem.

Segundo, porque tal como já foi lembrado, não se deve concentrar a visão de texto na primazia do código nem na primazia da forma. Terceiro, porque não se pode ver nesses critérios algo assim como princípios de boa formação textual, pois isto seria equivocado, já que um texto não se pauta pela boa formação tal como a frase, por exemplo.

Antunes (2010, p. 34) opta por fazer uma: “pequena reordenação no quadro dessas sete propriedades, concedendo certa saliência àquelas propriedades que, mais diretamente, pertencem à construção mesma do texto.” Ou seja, ela acredita que estes fatores devem ser considerados, porém colocados em patamares diversos, sendo que o primeiro grupo ela considera propriedades do texto: coesão, coerência, informatividade e intertextualidade, e as outras três ela considera apenas efetivação do texto.

Já Koch discorda dos fatores no que se refere à divisão feita entre os princípios que estão relacionados ao texto (coesão e coerência) e aos que estão focados no falante (situacionalidade, aceitabilidade, intencionalidade, informatividade, e intertextualidade), pois, para ela, “todos eles estão centrados simultaneamente no texto e em seus usuários” (2015b, p. 52).

Com isso, os linguistas brasileiros estabeleceram um oitavo princípio de textualidade, o chamado “Fator de Contextualização”, que tem por objetivo elencar alguns elementos que contextualizam o destinatário como data, local, assinatura e outros elementos que auxiliam na contextualização para a leitura e compreensão de um texto.

Além dos fatores de textualidade, também é importante debruçarmos sobre os tipos de registros da língua, que, como veremos a seguir, pode ser de duas formas: a oral ou escrita.

3.2.2 Registros Oral e Escrito

Embora este não seja o foco principal de nossa pesquisa, é importante evidenciarmos a existência e a distinção entre os textos falados e escritos, principalmente, porque as crônicas esportivas, muitas vezes, apresentam características da linguagem oral.

É do conhecimento de todos que a língua possui duas formas de

realização, a primeira e mais utilizada socialmente que é a oralidade, e a segunda, a escrita é capaz de guardar registros de toda uma cultura por séculos. Segundo Marcuschi (2008), elas não devem ser entendidas como dicotômicas ou sistemas linguísticos distintos, mas como modalidades com características específicas.

Embora os textos orais e escritos sejam formas de realização da mesma língua, eles possuem particularidades, seja quanto ao momento de produção e recepção, a adaptação linguística, e até mesmo a linearidade do desencadeamento textual por conta do momento da interação.

Na modalidade oral, geralmente, os membros do discurso estão em um mesmo ambiente, face a face, desta maneira, artifícios como as expressões corporais e a entoação dão ao texto efeitos de sentido que seriam possíveis de obter na linguagem escrita por meio de explicações muito mais meticulosas, no entanto, quando a oralidade ocorre por meio de outros suportes, em que os falantes não mantêm contato visual, como ocorre em uma ligação telefônica, por exemplo, somente a entoação é encarregada de atribuir outros sentidos, além daquilo que é proferido nos enunciados.

Como o momento da produção e da recepção é o mesmo na oralidade, a linguagem, muitas vezes, pode ser mais truncada por conta desta instantaneidade e, conseqüentemente, o assunto pode não seguir certa linearidade, já que o locutor e interlocutor alternam-se entre “eu” e “tu”, gerando assim certas intromissões ou digressões que fragmentam o texto e não possibilita que as intenções propostas inicialmente, pelo primeiro locutor, sejam alcançadas, como expõe Galembeck (1999, p.109):

A língua falada tem, como uma de suas características mais evidentes o fato de ser planejada localmente, no momento de sua execução. Isso confere a ela um caráter fragmentário, que pode ser verificado tanto no plano de construção da frase ou enunciado como no da seqüência de assuntos.

Por sua vez, no texto escrito, o processo de construção não acontece simultaneamente com a interação, assim, o locutor tem a oportunidade de elaborar e reestruturar o discurso de acordo com sua intencionalidade, trabalhando com maior seqüência aquilo que se propôs a dizer, explicitando e contextualizando seus interlocutores, para, posteriormente, exemplificar e concluir de forma contínua e objetiva seu discurso.

Existe a possibilidade de articular suas ideias de forma mais elaborada, pois, em geral, nesta modalidade não ocorrem digressões, o assunto é mantido durante todo o texto.

E este é o foco do próximo item de nossa pesquisa: “o assunto em pauta”, pois todo texto, seja ele de qualquer gênero textual, ou registro da língua, sempre necessitará de uma temática a ser explorada.

3.3 O TÓPICO DISCURSIVO

Os primeiros estudos quanto ao tópico discursivo foram feitos sobre na língua falada principalmente pelos estudiosos: Paulo Galembeck, Clélia Jubran, Leonor Fávero e Ingedore Koch, hoje, o tópico é pesquisado em ambas as modalidades discursivas.

O tópico discursivo é algo extremamente relevante para a existência de um texto, pois ele é concebido por diversos autores como o assunto que será tratado e desenvolvido durante o discurso, pois, toda e qualquer situação comunicativa centra-se em um assunto, independentemente de sua relevância, como corrobora Galembeck (2014, orelha do livro.).

Todo texto tem um assunto, pois ninguém fala ou escreve se não tiver nada para dizer. Essa afirmativa parece ser uma obviedade, mas ressalta a relevância do tópico ou assunto como elemento central e obrigatório de qualquer texto escrito ou falado de qualquer extensão.

Portanto, o tópico é um elemento basilar a qualquer tipo de discurso, pois em todos os eventos comunicativos (independente de sua relevância, seja algo fático ou formal) em que o falante está inserido, impreterivelmente, haverá o tópico discursivo.

Antunes (2010a, p. 32) salienta que “o texto é caracterizado por uma orientação temática; quer dizer, o texto se constrói a partir de um tema, de um tópico, de uma ideia central, ou de um núcleo semântico, que lhe dá continuidade e unidade”, porque todo aquele que profere um discurso possui algo a ser dito e elabora seus enunciados a partir do assunto proposto, mesmo que ele não seja mantido durante toda a situações de comunicação.

Logo, por conta das circunstâncias discursivas em que os falantes

estão inseridos, a topicalidade não deve ser compreendida como algo estável e imutável, mas sim algo dinâmico e dependente deste processo interacional, que ocorre em qualquer modalidade textual, fazendo deste local de interação algo maleável e a serviço de seus usuários; seja no texto oral ou escrito, o interlocutor é um integrante ativo da situação de comunicação que conseqüentemente influencia na forma com que o tópico será discorrido como expõe Cavalcante (2016, p. 81): “a identificação dos tópicos ficará atrelada ao conjunto de todo o evento comunicativo”.

Obviamente, pela agilidade dos textos orais que faz com que haja o contato imediato do enunciado com seu/s interlocutor/es, um mesmo tópico, muitas vezes, não é mantido continuamente como ocorre com mais facilidade no texto escrito, por conta das intervenções do outro naquele discurso, como explica Marcuschi (2008, p. 134)

[...] em qualquer interação verbal espontânea entre os indivíduos em qualquer situação da vida diária, apesar de alguém sempre propor um tópico, esse alguém nunca terá a certeza de conduzir o tópico até o final por conta própria, pois sempre haverá que contar com a participação do outro.

No entanto, Cavalcante (2016, p. 82) considera que o tópico nem sempre é apreendido por conta da má construção textual, influenciando assim na interpretação do texto e não atribuindo os efeitos de sentido pretendidos.

Galembeck (2014) considera que o tópico dispõe de dois princípios básicos: o organizador e o fundamentador, eles são primordiais para que o assunto seja estruturado e sustentado satisfatoriamente, pois como postula Jubran (2002, p.343): “a estruturação tópica serve como fio condutor da organização discursiva.”.

O primeiro princípio é o fundamentador, na visão do autor, é um elemento que “relaciona-se com o fato de o tópico [...] construir o ponto de referência ou, simplesmente, o referente (ideia, assunto, alvo), algo imprescindível para a elaboração da fala” (GALEMBECK, 2014, p.16), logo, este princípio está ligado intrinsecamente à ideia principal do discurso.

O organizador está associado ao desenvolvimento organizacional da fala, conforme Galembeck (2014,p.16): “diz respeito ao próprio desenvolvimento dos referentes”, assim sendo está atrelado à organização estrutural deste tópico, estando estritamente ligado ao estabelecimento da coerência, sendo um fio condutor da organização discursiva, como pontua Fávero (2001), em seu texto intitulado “O

Tópico Discursivo”.

Portanto, o princípio fundamentador está relacionado à ideia de que o tópico é o ponto de partida para a fala, ligando-se, também, à estrutura que deve ser coerente e coesa. Sendo assim, é um princípio fundamental para o texto, pois trata do seu foco e de sua organização.

3.3.1 Traços Identificadores do Tópico

O tópico ainda possui alguns traços identificadores que são extremamente significativos para a sua existência, são eles a centração, a organicidade e a segmentação.

Conforme as ideias de Jubran, a convergência da atenção em certo assunto é o que determina o primeiro traço básico que identifica o tópico discursivo, denominado centração, ou seja, as ideias centrais a serem apresentadas. Cavalcante (2016, p.86) ainda salienta que: “A centração diz respeito ao inter-relacionamento entre as unidades de sentido do texto, que convergem para um eixo temático, ou seja, para o tópico central”.

Este traço também é denominado focalização, portanto podemos apreender pela etimologia das palavras que se referem ao “foco”/ “centro” das ideias do texto, sendo então o conteúdo que rege o texto, como evidencia Fávero, “a centração norteia o tópico”.

Jubran (2002, p.344) ainda considera que a centração engloba os aspectos de:

- a) Concernência: relação de interdependência semântica entre os enunciados - implicativa, associativa, exemplificativa, ou de outra ordem - pela qual se dá sua integração no referido conjunto de referentes explícitos ou inferíveis.
- b) Relevância: proeminência desse conjunto, decorrente da posição focal assumida pelos seus elementos.
- c) Pontualização: localização desse conjunto, tido como focal, em determinado momento da mensagem.

Para as pesquisas de Jubran (2006 a), a centração pode ser inferida pelos interlocutores conforme as escolhas lexicais que o enunciador faz, pois há uma gama de palavras, geralmente, pertencentes ao campo semântico daquele assunto, por exemplo, em nossas pesquisas, o objeto de estudo é o texto

futebolístico, conseqüentemente, palavras relacionadas a este assunto estarão presentes nos textos separados.

A segunda propriedade tópica é denominada “Organicidade”. Essa propriedade diz respeito à maneira como os segmentos textuais são estruturados no texto, estabelecendo-se pela relação entre os tópicos e seus afunilamentos, isto é, a forma como tópicos maiores (supertópicos) se ligam hierarquicamente aos menores (subtópicos) como afirma Fávero (2001, p.46) “A relação que se estabelece entre o supertópico e os dois tópicos co-constituintes”. Pinheiro (2005 p.7) também explica que:

A topicalidade é tomada como um princípio organizador do texto. A análise da organização tópica leva em consideração a identificação e delimitação de segmentos tópicos e dos procedimentos pelos quais esses segmentos se distribuem na linearidade textual e se recobrem hierarquicamente.

A organicidade pode acontecer em dois planos, o primeiro deles é o horizontal que ocorre, segundo Cavalcante (2016, p. 89), “na sequência do desenvolvimento do texto, ou seja, na ordem em que os tópicos e subtópicos se apresentam”.

O plano vertical, consoante às postulações de Galembeck (2014, p.18), “diz respeito às relações de interdependência existente entre um tópico e suas subdivisões”. Com referência a essa verticalidade, Fávero (2001) esclarece que os tópicos maiores possuem tópicos menores em seu interior, nomeados por ela como subtópicos, sendo a menor unidade, o tópico, como algo maior e o mais abrangente dado como o supertópico.

Ocorrem as hierarquias tópicas postuladas por Jubran (2002 p. 345) quando esta afirma que:

As relações de interdependência entre os tópicos que se estabelecem entre os tópicos, de acordo com o maior ou menor com que o assunto é abrangido, levam a postular a existência de níveis de hierarquização na estrutura tópica, vista no seu recorte vertical. Cada nível é recoberto por um superior e constituído por um inferior, sendo que os limites dos diversos níveis são dados pelo grau de abrangência do assunto em foco.

Galembeck (2014) expõe ainda a terceira propriedade a qual é denominada segmentação. Segundo ele, ela acontece a partir do fracionamento

tópico em unidades menores delimitadas por marcas percebidas no discurso do falante que podem ser delimitadas, porém, essas análises são subjetivas, não seguindo um critério absoluto.

Cabe ressaltar, porém, como precisa Galembeck (2014, p. 18), que as marcas “nem sempre constituem um critério absoluto, pois são facultativos, multifuncionais e coocorrentes”, ou seja, esses critérios para a segmentação do tópico são, muitas vezes, subjetivos, amparando-se na interpretação daquele que analisa.

3.3.2 Elementos Pertinentes ao Tópico Discursivo

Alguns elementos são relevantes ao estudo do tópico discursivo como as explicações, as justificativas, exemplificações e ressalvas. Galembeck (2014, p.19) considera que estes elementos sejam primordiais para a progressão do tópico discursivo, isto é, são procedimentos que fazem o texto evoluir não sendo algo circular. Para tanto, o autor os divide em dois grandes grupos o colaborativo e o incorporativo:

No primeiro caso, a continuidade é estabelecida de forma estrita, ou seja, mantém-se rigorosamente o tópico discursivo em dois enunciados sucessivos ou numa sequência de enunciados [...] Já na continuidade incorporativa, a sequência de tópicos é estabelecida de forma menos rigorosa, já que se baseia em pressupostos e inferências, não na retomada estrita do tópico.

Assim, na continuidade tópica colaborativa estão os procedimentos de expansão do tópico denominados explicitação, exemplificação e as relações causais e na incorporativa estão as opiniões pessoais e a ressalvas.

Jubran (1999, p.134), por sua vez, considera tais elementos como parênteses cuja função é atenuar o desvio tópico, “Pelo fato de esses parênteses guardarem proximidade ao tópico discursivo em desenvolvimento, o critério do desvio tópico torna-se menos operante para sua identificação”.

O primeiro procedimento denominaremos de explicação, pois trata-se de uma maneira encontrada pelo enunciador para expor os fatos, Jubran (1999), por sua vez, o denomina: “Função de esclarecimento” e considera um elemento que busca atribuir a clareza por meio dos dados expostos. Para Galembeck (2014, p.23) essa modalidade “tem nítida feição contextualizadora, à medida que contribui para a

criação de uma base de conhecimentos partilhados entre os interlocutores”, por conseguinte, é um recurso muito utilizado em situações discursivas como aulas, pois os profissionais da educação expõem as informações por meio de fatos a seus alunos.

A “Exemplificação ou Analogia” é o recurso que expõe a concretude ao texto, já que ele demonstra como a situação acontece de maneira prática, e empírica, Jubran (1999) explica que esse procedimento transmite ao texto confiabilidade no conhecimento. Para tanto, ele também é muito recorrente em contexto escolar, visto que as exposições se tornam mais claras e possíveis de serem compreendidas pelos interlocutores por conta da concretude que o texto obtém, trazendo-o para a realidade.

Já a “Justificativa” e as “Relações Causais”, na perspectiva de Galembeck (2014), são procedimentos de expansão tópica que ocorrem quando os membros do discurso precisam justificar aquilo de que estão dizendo, ou apresentar a causa/consequência do fato expresso na oração principal, tal situação é muito comum, pois a partir dela o enunciador consegue dar prosseguimento em seu texto demonstrando causa e efeitos.

O penúltimo procedimento consiste na “Opinião Pessoal”, que também pode ser chamada de “Avaliação”. Ela ocorre, como já indica o próprio nome, quando o locutor emprega sua voz no texto de forma particular, deixando marcas para que o interlocutor possa compreender que se trata de sua voz, como salienta Galembeck (2014, p.31):

Os juízos e opiniões vêm sempre introduzidos por certos marcadores, denominados prefaciadores de opinião. O prefaciador de opinião mais frequente é prototípico é *(eu) acho que*, mas outros podem ser citados: *eu vejo, eu creio, eu penso...*

Os prefaciadores de opinião são normalmente representados por verbos na primeira pessoa, com os quais se introduz mais diretamente a subjetividade no discurso e se assinala que o foco passa a incidir não sobre o tópico, mas também sobre o próprio locutor.

Porém, em sua explicação, o locutor pode indicar discordância em relação a outros textos, ele o faz por meio de “Objeções ou Ressalvas”, como expõe Jubran (1999, p. 135): “Pela ressalva, insere-se uma observação sobre a extensão do significado de uma proposição, que pode ser ampliado ou reduzido, tendo em

vista um ajuste do âmbito significativo dessa proposição”.

Portanto, é evidente que o tópico discursivo e suas formas de desenvolvimento influenciam em todos os aspectos antes mencionados, e, principalmente, na forma como o discurso será evoluído, principalmente para a coerência como explica Koch (2015b, p.101):

Para que um texto possa ser considerado coerente, contudo, é preciso que apresente continuidade tópica, ou seja, que a progressão tópica - no nível sequencial ou no hierárquico – se realize de forma que não ocorram rupturas definitivas ou interrupções excessivamente longas no tópico em andamento: inserções e digressões desse tipo precisam desse tipo necessitam de algum tipo de justificação, para que a construção do sentido e, portanto, da coerência, não venha a ser prejudicada. Isto é, a topicalidade constitui um princípio organizador do discurso.

Posto isso, concluímos este capítulo, cientes de que o texto é o local em que as interações ocorrem e que ele pode acontecer nas modalidades oral ou escrita, e conseqüentemente, possuindo fatores de textualidade e principalmente um tópico, já que todo aquele que enuncia tem algo a dizer, e para quem enunciar.

No quarto capítulo, pretendemos expor os recursos gramaticais, que sustentam a argumentação, utilizados pelos falantes em situações de comunicação, cujo objetivo é de persuadir seu interlocutor. Para tanto, faremos um percurso histórico da argumentação, desde a Grécia antiga até a concepção atual.

CAPÍTULO IV

Elementos da semântica argumentativa

“Argumentação e retórica se relacionam porque a retórica dá relevância ao poder persuasivo da linguagem, de modo a ampliar os efeitos dos argumentos.” (KOBBS, 2012, p.13)

4.1 RETÓRICA

A argumentação está estritamente ligada à linguagem, pois os membros do discurso interagem entre si com o objetivo da persuasão, isto é, os sujeitos precisam, incansavelmente, articular suas linguagens para convencer o outro da veracidade de suas ideias. Esse não é um objeto de estudo recente, com ideias inovadoras, ele já foi conceituado e estudado pelos antigos gregos que o denominavam “Retórica”.

A retórica é uma das mais antigas teorias sobre o discurso, é vista como a arte da persuasão e do bem falar, por isso, um texto, de qualquer modalidade, tem como intuito convencer o seu interlocutor de algo, apenas pela linguagem.

Conforme os estudos de Reboul (2004), a Retórica já existia antes mesmo de sua sistematização, por conta desta persuasão que está imbricada na linguagem, pois os indivíduos já argumentavam conforme seus interesses, antes de esta ciência ser estabelecida e organizada.

Consoante às pesquisas de Oliveira (2002), a retórica foi sistematizada na Sicília, no século V a.C., momento em que era regida por tiranos que desapropriaram os cidadãos de suas terras, transferindo-as para soldados. Inúmeros processos foram utilizados para que pudessem reaver suas posses. “Foram essas as circunstâncias sob as quais Córax e Tísias compuseram o primeiro ‘método de argumentação’ para convencer um tribunal” (Oliveira, 2002, p.202).

Reboul (2004), ao falar sobre a publicação *tekhné retoriké* dos mesmos autores, evidencia que esta técnica foi utilizada, desde o início, como forma de articulação da linguagem, que busca convencer os ouvintes perante a justiça, e nas palavras de Reboul (2004, p.2, grifos do autor):

Certo Córax, discípulo do filósofo Empédocles, e o seu próprio discípulo, Tísias, publicaram então uma 'arte oratória' (*tekhné retoriké*), coletânea de preceitos práticos que continha exemplos para uso das pessoas que recorressem à justiça. Ademais, Córax dá a primeira definição da retórica: ela é 'criadora de persuasão'.

Desta forma, eles disseminaram também a nova técnica aos gregos, ensinando-os a portarem-se nos tribunais, já que nesta época a representação por profissionais do direito, como conhecemos atualmente, não existia, e o cidadão deveria defender-se e obter êxito "sozinho".

A técnica ganhou grande representatividade no mundo grego, pois os cidadãos sentiam a necessidade de bem falar não só nos tribunais, mas, também, em contextos sociais, para tanto era necessária a presença de mestres que os ensinassem a nova técnica, essas pessoas eram conhecidas como sofistas, isto é, pessoas com um vasto conhecimento, que buscavam ensinar aos cidadãos atenienses a técnica da persuasão, por meio das palavras nas situações necessárias.

Portanto, os sofistas eram mestres que tinham o intuito de transformar seus alunos em pessoas mais críticas e prontas para convencer seus interlocutores em qualquer situação de comunicação, sem utilizar qualquer outro recurso como a força física, por exemplo. Como afirma Reboul (2004, p.10), "Os sofistas foram com certeza os primeiros pedagogos, e o objetivo de sua educação não deixa de ser nobre: capacitar os homens 'a governar bem suas casas e suas cidades'".

Assim, até mesmo o pensamento filosófico da época foi alterado, pois os sofistas pautavam seus estudos no homem em sociedade e não tinham interesse nos estudos sobre o cosmos que eram realizados até então.

No entanto, os sofistas não eram tão bem vistos por outros filósofos, pois como eles tinham a necessidade de argumentar e convencer os interlocutores a todo custo, utilizando da melhor forma possível os recursos que a língua oferece para persuadir o interlocutor e, conseqüentemente, fazer com que ele compactue com as ideias, sem levar em conta a veracidade que os argumentos exprimem, o intuito não era empregar uma "verdade absoluta", mas sim uma "verdade" para aquele que enunciava.

Como autentica Oliveira (2002, p.203):

Para os sofistas, todo esforço intelectual tinha por objetivo vencer um adversário, ganhar uma causa judicial, convencer um auditório, enfim, a meta era o êxito. O essencial para eles não era buscar os fundamentos da argumentação dentro de uma investigação sistemática, e sim, dotar o cidadão-aluno de recursos retóricos que deveriam ser utilizados, em qualquer situação, da maneira mais persuasiva possível. Talvez por isso tenham sido chamados de mercadores de falsidades.

Considerado precursor do sofismo, o filósofo siciliano Górgias foi professor da técnica e também responsável pela inserção da arte na retórica, como os ritmos, antíteses, e outros recursos para contribuir em sua argumentação, como explica Reboul (2004, p.4), “Com Górgias surge uma nova fonte da retórica: estética e propriamente literária”.

Outro importante mestre e retor foi o ateniense Isócrates, que considerava de extrema importância a utilização de alguns recursos, como o ritmo. Ele escreveu diversas obras e, segundo Oliveira (2002), fundou uma escola de oratória, que posteriormente recebeu alunos que se tornaram ilustres em sua época, Isócrates considerava que a retórica deveria ser utilizada de maneira honesta e empenhada em causas nobres.

Contudo, o filósofo de maior prestígio para os estudos da retórica é o estagirita Aristóteles, que teve Platão como mestre e Alexandre, o Grande, como seu aluno. Aristóteles publicou a obra denominada Arte Retórica. Nela, ele organizou a retórica em três gêneros do discurso: o judiciário, o deliberativo e o epidítico.

O judiciário, também chamado de forense, está relacionado à maneira como o discurso seria proferido em âmbito judicial. Eram as formas com que os partidos de acusação e defesa argumentavam e contra-argumentavam com a finalidade de persuadir a respeito das suas verdades e, conseqüentemente, mostrar quem era o detentor da razão.

No deliberativo, era reunida uma assembleia popular responsável pelas decisões administrativas da cidade. Desta forma, a linguagem era organizada para aconselhar as decisões da assembleia.

O epidítico está relacionado ao enaltecimento ou à censura de alguém em ambiente público tal como orações aos deuses, saudações e outros que exaltariam ou diminuiriam aquele de quem se falava. Os três gêneros estabelecidos por Aristóteles são evidenciados de forma didática por Reboul com o seguinte quadro:

Os três gêneros do discurso

	<i>Auditório</i>	<i>Tempo</i>	<i>Ato</i>	<i>Valores</i>	<i>Argumento-tipo</i>
Judiciário	Juízes	Passado (fatos por julgar)	Acusar Defender	Justo Injusto	Entimema (dedutivo)
Deliberativo	Assembléia	Futuro	Aconselhar Desaconselhar	Útil Nocivo	Exemplo (indutivo)
Epidíctico	Espectador	Presente	Louvar Censurar	Nobre Vil	Amplificação

Fonte: Reboul (2004, p. 47).

Reboul (2004) explica que o público alvo é o auditório específico de cada gênero, o tempo verbal empregado em cada ocasião, e até mesmo o objetivo de cada gênero.

Conforme Santana Neto (2011, p. 974 grifos do autor), Aristóteles não considerava que o discurso proferido deveria ser estruturalmente igual em todos os locais, assim “pretendeu apresentar uma *technè*, a qual visava examinar o que era persuasivo para vários tipos de indivíduos, pois, para ele, a retórica é a faculdade de considerar, para cada questão, o que pode ser apropriado para persuadir”. Ele considerava como se portavam os autores (o chamado orador) e receptores (chamado auditório) e o próprio discurso.

Oliveira (2002) expõe que, além da divisão em gêneros, Aristóteles considerava três aspectos fundamentais para que houvesse a persuasão: o caráter do orador; a disposição em que se colocam os ouvintes e o próprio discurso.

Aristóteles (2005, p.96 (1365^a)):

As provas de persuasão fornecidas pelo discurso são de três espécies: umas residem no carácter moral do orador; outras, no modo como se dispõe ouvinte; e outras, no próprio discurso, pelo que este demonstra ou parece demonstrar.

No que se refere ao orador, é importante considerar, primeiramente, que ele será convincente. Segundo Aristóteles, se for digno de fé, para tanto o

auditório só será persuadido e compactuará com tais ideias se realmente acreditar nelas e for convencido de que aquilo é uma verdade e, certamente, isso ocorre pela maneira como o orador articula a linguagem e faz adequações ao seu discurso para aquele auditório específico.

Um bom exemplo é a maneira como pessoas que se candidatam a cargos políticos se portam em meio a campanhas eleitorais, fazendo o possível para transmitir credibilidade por meio de seus discursos, mostrando que é uma verdade acima de tudo.

Outro ponto que influencia fortemente na adesão do auditório, para a retórica aristotélica, é a imagem que o interlocutor faz do orador⁴, o chamado *ethos* certamente influenciará na persuasão, pois se o orador não agrada aos ouvintes, com seus exemplos será mais trabalhoso o processo de persuasão, como explica Aristóteles (2000, p.3):

A aparência sob a qual se mostra o orador é, pois, mais útil para as deliberações enquanto maneira como se dispõe o ouvinte importa mais aos processos; com efeito, para as pessoas que amam, as coisas não parecem ser as mesmas que para aquelas que odeiam [...]

A recepção do discurso é inteiramente do auditório, seja ele qual for, isto é, a disposição do ouvinte perante o discurso estabelecida por Aristóteles. Logo, é no auditório que a persuasão acontecerá ou não, pois o orador busca a todo custo convencer seus interlocutores a respeito de um dado assunto, procurando gerar o *pathos*, ou seja, busca as emoções para que haja o convencimento do assunto, como podemos compreender com a exposição de Santana Neto (2011, p.975, grifos do autor):

O páthos objetiva a influência afetiva, pretendida e exercida pelo locutor sobre o alocutário, com a finalidade de nele exercitar, favoravelmente à proposição, afetos violentos (*movere, comovere*). Este grau afetivo leva à ação, através do impulso imediato, e consiste na adesão do espírito à proposição apresentada. O centro do domínio em que se aplica o páthos reside no genus sublime.

O terceiro ponto estabelecido por Aristóteles é o próprio discurso,

⁴ A imagem feita pelo orador de si é distinta da imagem que o auditório faz, assim como a imagem que o auditório tem de si é diferente da que o orador percebe, portanto, a partir do momento que o orador tem uma imagem de seus interlocutores, adapta seu discurso a ele.

que está associado ao que chama de *logos*, a argumentação por meio da lógica e da escolha dos argumentos para que demonstre verdade naquele discurso. Assim, *ethos*, *pathos* e *logos* formam a base estabelecida por Aristóteles.

Consoante os trabalhos de Cordeiro (2007) e de Oliveira (2002), o processo de criação de um discurso, para a retórica, é estabelecido em cinco etapas:

- a) invenção (*inventio*): esta etapa é a escolha da temática e a coleta de dados que sustentarão os argumentos expostos;
- b) disposição (*dispositivo*): fase da concatenação dos argumentos e dos temas que serão abordados, “É importante que haja adequação entre o objetivo do orador, seu método e o público alvo do discurso (interlocutor)” Cordeiro (2007, p.24);
- c) elocução (*elocutio*): esta etapa refere-se a transposição das temáticas para a expressão linguística;
- d) memorização (*memoria*): corresponde à retenção do discurso criado e estudado, auxiliando na persuasão do auditório, pois demonstra o conhecimento sobre a temática.
- e) ação (*actio*): trata-se especificamente do momento da exposição do discurso.

Posteriormente, com o declínio do estado grego, os filósofos helênicos transformam a retórica em uma disciplina de extrema importância nas escolas, pois não detinham mais sua liberdade política e voltaram-se para si mesmos, isso aconteceu, por conta da mudança do "eixo cultural de Atenas para Roma.", como postula Oliveira (2002, p.210).

Assim, os romanos iniciaram também seus estudos sobre a argumentação, pois sabiam da necessidade e da importância do bom uso das palavras, seguindo a mesma linha de raciocínio aristotélica, que era a base teórica de grande prestígio para a época, como corrobora Cordeiro (2007, p.27):

No início do século II a. C., os retóricos gregos afluíram a Roma e lá ensinaram e fundaram as primeiras escolas de Retórica. Embora os romanos não expressassem interesse de imediato pela "arte retórica", valorizavam o grande poder que envolvia a palavra, a arte do bem falar. As retóricas grega e romana vão manter, em traços gerais as linhas da retórica de Aristóteles. Grandes nomes, a partir de então, entram para a história da Retórica: Cícero, Quintiliano, Ovídio Horácio, Dionísio de Alicarnasso, Plutarco e Tácito. Dentre eles, salientam-se os nomes de Cícero e

Quintiliano que, juntamente com o de Aristóteles, são considerados os principais representantes da Antiga Retórica.

A retórica se disseminou e, além de filósofos gregos de grande representatividade, nomes latinos também apareceram, como Cícero que produziu textos de suma importância levando a oratória a seu ápice, e Quintiliano que separou a gramática em três ramos: a ciência do bem falar, a interpretação dos poetas e a arte de escrever, separação que utilizada até a Revolução Francesa.

No início da Idade Média, a retórica teve pouca representatividade, sendo fadada aos materiais escolares e, durante a chamada Alta Idade Média, segundo Oliveira (2004, p.111), “[...] dois nomes foram os expoentes dos estudos retóricos, voltados para o gênero epistolar: São Jerônimo e Santo Agostinho. São Jerônimo (347-420).”

Desta forma, durante toda a Idade Média, conforme as postulações de Cordeiro (2007), a Retórica foi utilizada em vários locais, em algumas épocas mais que em outras, sendo importante inclusive em preparações sacerdotais da companhia de Jesus.

Mas foi no século XX que a retórica foi reavivada com os estudos de Charles Bally e de Vossler que organizaram a chamada Estilística e, a partir disso, outras teorias também apareceram: como a nova retórica, a Semântica Argumentativa, a Pragmática, a Análise da Conversação, a Análise do Discurso, e outras também de extrema importância para os estudos da linguagem.

4.2 SEMÂNTICA

Esta pesquisa será norteadada pelos aportes teóricos da Semântica Argumentativa e os recursos que ela oferece. Neste item, abordaremos rapidamente as teorias da semântica formal e da cognitiva, procurando evidenciar as diferenças que elas apresentam, já que todas buscam o estudo do significado, porém cada uma por uma ótica diferente. E evidenciaremos ainda a teoria e os recursos utilizados pela Semântica Argumentativa.

4.2.1 Semântica Formal

A primeira das teorias semânticas a surgir foi a semântica formal, foi a partir das suas elucidações que as outras se fundaram, com o intuito de analisar pontos que esta não abarcava. Segundo pesquisas, a semântica formal considera a língua um elemento natural, logo, busca embasamento em preceitos lógicos e quase matemáticos.

Os significados buscados por esta teoria são dados sempre por meio da relação entre o referente e os sentidos lógicos que ela estabelece, como explicam Müller e Viotti (2003, p.138), “na Semântica Formal, o significado é entendido como uma relação entre a linguagem por um lado, e, por outro, aquilo sobre o qual a linguagem fala.”, ou seja, esta linha de pesquisa considera que os significados estão expostos na lógica da língua, isto é, em si mesma, como notamos na seguinte explicação dos autores (2003, p.139):

Conhecer o significado de uma sentença, dentro desse paradigma, é, em parte, conhecer suas condições de verdade. Conhecer as condições de verdade de uma sentença significa saber em que circunstâncias, no mundo, aquela sentença pode ser considerada verdadeira ou falsa.

4.2.2 Semântica Cognitiva

A Semântica Cognitiva, de acordo com Cançado (2008, p.143), “É um movimento de plena oposição à sintaxe gerativa e à semântica formal, de cunho funcionalista, que concebe a relação da língua com uma representação mental do mundo”. Assim, diferentemente da semântica formal, a língua não tem uma relação lógica e direta com o mundo, portanto, os significados não estão, única e simplesmente, na relação referente-sentido, mas sim nas categorizações prototípicas. Se pensarmos em uma fruta, provavelmente, virão à cabeça maçãs ou bananas, mas um tomate, que também pertence a esta classificação, será secundário, como sintetiza Pereira (2014, p.26):

Para a Semântica Cognitiva, a criança aprende, primeiramente, esquemas de movimento e categorias de nível básico. A partir desses movimentos, surge um esquema imagético cinestésico (uma

memória de movimento), no qual há um ponto de partida do movimento, um percurso e um ponto de chegada.

Portanto, em ambas as teorias, o falante não é pensado em situação de comunicação nem como alguém que precisa articular sua linguagem de forma satisfatória. A estrutura é levada muito mais em consideração.

4.2.3 Semântica Argumentativa

Conforme diversos estudos, a Semântica Argumentativa surgiu ainda no estruturalismo, a partir dos estudos do francês Oswald Ducrot que pautava suas pesquisas a respeito da argumentação em pontos da retórica aristotélica e nas leituras que fez da obra do genebrino Ferdinand de Saussure onde, conforme Barbisan (2013, p.19), “encontrou, no capítulo que trata do valor linguístico, a fundamentação que o lançou na pesquisa linguística que hoje conhecemos pelo nome de Semântica Argumentativa.”. Na visão de Ducrot (1987), são importantes os elementos linguísticos e retóricos que propiciam os efeitos de sentido, portanto, para este teórico, é por meio das estruturas que a língua oferece que a argumentatividade está inscrita.

A partir das postulações de Ducrot (1987), Cordeiro e Machado (2014) consideram que o autor amplia seus estudos sobre a semântica, considerando que existem várias significações e denotações em apenas uma construção discursiva.

Para que a argumentação seja completa, este aporte teórico considera a presença de um “eu” que articula a linguagem e de um “outro” que tem por função receber as informações, interagindo entre si, ou seja, o texto em situação de comunicação. Isso mostra que o discurso não é autossuficiente e não possui sentido sozinho, mas significa de acordo com o contexto e situação em que está inserido e é veiculado, já que, de forma descontextualizada, os sentidos pretendidos não serão captados pelo receptor, o que conforme Oliveira (2004, p.123), possibilita aos falantes o uso de algumas estratégias importantes para o discurso:

o contexto exterioriza as posições desses personagens que se valem de determinadas estratégias, como a ironia, o implícito e o explícito, os pressupostos e outros, estabelecendo o sentido global do texto que, por sua vez, está respaldado em três níveis indissociáveis: o pragmático, o semântico e o sintático.

Consequentemente, a Semântica Argumentativa é considerada uma ramificação da chamada Pragmática, pois, segundo Oliveira (2004, p.123), “preocupa-se com as relações entre locutor e alocutário em uma determinada situação discursiva, direcionando o sentido do texto por meio de uma grande variedade de procedimentos argumentativos.” Assim, ela está embasada nas relações dialógicas dos sujeitos do discurso, o que é, nas palavras de Ducrot (1987, p. 163), a ação humana realizada pela linguagem.

Gostaria, inicialmente, de definir a disciplina -- chamo-a “pragmática semântica”, ou “pragmática lingüística”-- no interior da qual situam-se minhas pesquisas. Se toma como objeto da pragmática a ação humana em geral, o termo pragmática da linguagem pode servir para designar, neste conjunto de investigações, as que dizem respeito à ação humana realizada pela linguagem, indicando suas condições e seu alcance.

Para Koch (2000), foi a partir da pragmática que os estudos sobre a argumentação e discurso passaram a ser relevantes e terem certa saliência nos estudos sobre a linguagem.

Por conta das relações dialógicas entre os sujeitos, podemos dizer que os usuários da língua têm sempre a intenção de articular a sua linguagem, a fim de convencer o seu interlocutor de que suas ideias são verossímeis, fazendo com que linguagem e argumentação estejam sempre atreladas, pois como expõe Cançado (2008, p.142), “não usamos a linguagem para falar algo sobre o mundo, mas para convencer o ouvinte a entrar no jogo argumentativo”.

Nenhum integrante do discurso articula sua linguagem sem tentar convencer o outro, pois como explica Koch (2000), as interações sociais que ocorrem, por meio da linguagem, estão pautadas na argumentatividade que, por sua vez, é parte estruturante de qualquer discurso; Cordeiro e Machado (2014, p.78) ainda acrescentam que “o enunciado é argumentativo não pelo que ele diz acerca do mundo, mas pelo que ele próprio é, considerado em si mesmo”. Logo, a linguagem não deve ser entendida como neutra ou inocente, mas carregada de intenções expostas pelos sujeitos a todo o momento, já que a cada enunciado eles se utilizam de subterfúgios para influenciar seus interlocutores, pois, como salienta Koch (2003, p.29):

[...] o uso da linguagem é essencialmente argumentativo: pretendemos orientar os enunciados que produzimos no sentido de determinadas conclusões (com exclusões de outras). Em outras palavras, procuramos dotar nossos enunciados de determinada força argumentativa.

Portanto, nossos discursos, em todas as situações de comunicação, pautam-se na argumentação, visto que indivíduo algum fala algo sem a intenção de convencer de que o dito é verdadeiro.

Assim, para que a argumentação e, conseqüentemente, a persuasão ocorram de forma satisfatória, é preciso estabelecer um público alvo ao qual será destinado aquele enunciado que certamente está inserido em um contexto específico.

Um bom exemplo é a própria mídia que articula sua linguagem de acordo com o público que deseja atingir. Assim, se o veículo de comunicação é uma revista direcionada às mulheres, os argumentos serão relevantes e a articulação será feita em prol deste público alvo.

Os vocábulos e as expressões são cuidadosamente empregados pelo locutor para atingir o efeito de sentido que almeja. Oliveira (2004, p.126) postula que a Semântica Argumentativa interessa-se pelo discurso em três níveis: “o sintático, o semântico e o pragmático, objetivando alcançar uma macrossintaxe do discurso, que será detectada ao se examinarem as marcas lingüísticas inscritas na enunciação”, pois são esses recursos que vão propiciar a persuasão do interlocutor.

Desta forma, a Semântica Argumentativa volta seus estudos aos recursos lingüísticos que os falantes utilizam para persuadirem seus interlocutores em sociedade, tais recursos são enquadrados em vários níveis, que serão explicados no próximo subitem.

4.3. RECURSOS ARGUMENTATIVOS

Os recursos argumentativos são elementos lingüísticos, empregados nos textos atribuindo a ele efeitos de sentido bastante argumentativos. Tais palavras podem ser de várias classes morfológicas e atuar de diferentes formas:

- a) Operadores argumentativos
- b) Adjetivação
- c) Intensificação

4.3.1 Operadores Argumentativos

Koch (2003) expõe que a nomenclatura “operadores argumentativos” foi estabelecida por Ducrot, para designar a força argumentativa que alguns recursos gramaticais possuem.

É o caso das conjunções que são entendidas pela Semântica Argumentativa, como operadores argumentativos que possuem diversas funções persuasivas e que levam o interlocutor a conclusões guiadas pelo falante. Para a gramática normativa, são simplesmente vocábulos invariáveis que tem por finalidade somente conectar as orações, na visão de Cordeiro (2007), isso é considerar a classe gramatical como elementos racionais que deixam de lado a força persuasiva e a subjetividade do usuário da língua.

É tarefa dos operadores argumentativos o encadeamento do discurso, pois muitos efeitos de sentido serão gerados por eles, como postula Koch (2015a, p. 163), “O encadeamento de segmentos textuais, de qualquer extensão [...] é estabelecido, em grande número de casos, por meio de recursos linguísticos” e, desta maneira, o locutor articula para que as conclusões do interlocutor tenham consenso com as suas.

Desta maneira, os operadores argumentativos, além de estabelecerem efeitos de sentido diversos como: adição, conclusão, explicação, causa, oposição, ainda são extremamente valiosos na argumentação, pois constituem relações entre os argumentos.

Eles ainda expõem as intenções do enunciador frente aos referentes, indicando ao interlocutor o sentido que ele deve atribuir para aquele enunciado, como expõe Cabral (2011, p.56): “os operadores argumentativos nos auxiliam na sinalização de nossas intenções, ou seja, nos permitem marcar os argumentos que consideramos mais fortes em relação a determinada conclusão de acordo com o contexto enunciado.”.

As classes gramaticais que comumente atuam como operadores argumentativos são as conjunções, pronomes, advérbios, diferentemente do que prega a gramática, elas podem ter, de acordo com o contexto, variados efeitos de sentido. Para demonstrá-los, elaboramos uma tabela com algumas das noções expostas por Oliveira, na disciplina de “Gramática e Argumentação”, ministrada na Universidade Estadual de Londrina, em 2015:

OPERADOR	EFEITO DE SENTIDO
E, nem, também, além de, não só...mas também (par correlato)	Adição
Até, até mesmo, inclusive	Adição de argumentos mais fortes
Aliás, ademais, além do mais	Adição de argumentos decisivos
Ou, ora...ora, quer...quer	Alternância/ escolha
Portanto, logo, por conseguinte, por isso	Conclusão
Porque, já que, pois	Explicação
mas, porém, todavia, no entanto, contudo	Contraste/ oposição
isto é, ou seja, ou melhor, quer dizer	Retificação/ convicção
porque, porquanto, visto que, como (= porque)	Causa
Só, apenas, somente	Restrição
Se, caso, conquanto que	Condição
Para, para que, a fim de que	Finalidade
Como (= que nem) assim como	Comparação
Como (= conforme)	Conformidade
Embora, conquanto, ainda que	Concessão

Fonte: Oliveira (2015 registros de aula: disciplina Gramática e Argumentação)

Logo, é inviável considerar que tais recursos sejam meros conectivos sem grande representatividade no texto, pois, por meio deles, inúmeros efeitos de sentido são proporcionados, tornando-os elementos cruciais para a articulação da linguagem e persuasão do interlocutor.

Por exemplo, é muito comum ouvirmos, em situações coloquiais de comunicação, que alguém é “feio, **mas** é simpático”. Desta forma fica explícito que a palavra “mas” não é um mero conectivo, ele é um operador que demonstra a oposição de dois adjetivos, que não possuem efeitos semânticos contrários como belo/feio simpático /antipático, mas, neste contexto, pelo uso do operador denotam o contraste, portanto, o “mas”, empregado desta maneira, demonstra o posicionamento subjetivo do enunciador.

Cabral (2011, p.55), ao falar sobre os operadores argumentativos, afirma que eles “indicam a direção a qual apontam os enunciados, isto é, se eles estão orientados para uma mesma conclusão ou para uma conclusão oposta”, quer dizer, esses “meros conectivos” nortearão a argumentação de alguns enunciados.

4.3.2 Adjetivação

Outro recurso que também é de interesse da Semântica Argumentativa são os adjetivos, a gramática normativa de Abaurre e Pontara (2006, p.193) os define como: “palavras variáveis que especificam o substantivo, caracterizando-o. Essa especificação pode referir-se a uma qualidade [...] a um estado [...], a um aspecto ou aparência [...] a um modo de ser particular”.

A Semântica Argumentativa adere a tal visão e considera ainda efeitos de sentido que o falante expõe utilizando os adjetivos, pois esta classe de palavras é muito argumentativa, uma vez que com ela podemos ter uma posição da maneira como o falante enxerga o referente adjetivado, pois como Guerra Da Cal (1969, p.112) corrobora, “sem adjetivos o substantivo perde em clareza e individualidade, torna-se amorfo, despido e incolor. Por isto mesmo êle é o índice mais sensível das reações intelectuais e emocionais do escritor ante as coisas e os fatos”. Desta forma, o sujeito não está simplesmente qualificando ou classificando o substantivo, no momento da adjetivação, ele está, principalmente, expondo os posicionamentos que possui sobre aquele referente.

Os adjetivos podem ser: objetivos (não axiológicos) ou subjetivos (axiológicos). De acordo com Cordeiro (2007), a adjetivação objetiva está muito relacionada à descrição dos substantivos de forma lógica, portanto, não há uma carga emocional do falante quando emprega o recurso desta maneira, mas apenas

uma descrição do referente, por exemplo, na expressão “o céu é azul”, não há valor afetivo na proposição, apenas a explicação objetiva da cor do céu.

No entanto, a maior incidência do uso deles não é pelo viés objetivo, pois, o adjetivo é uma das classes de palavras com o maior teor de subjetividade, sendo a classe responsável por caracterizar um dado substantivo de acordo com a visão do enunciador, como explicam Oliveira, Azevedo e Nascimento (2008, p.130): “Dentre os mecanismos mais expressivos da língua, está a adjetivação, recurso persuasivo que, normalmente, envolve, de forma emocional, o leitor/consumidor.” Logo, os adjetivos têm intrinsecamente uma força argumentativa, como ressalta Oliveira (2014, p.82):

Uma função primordial do adjetivo consiste em tornar mais viva a manifestação de uma atitude emotiva diante da realidade; ele exterioriza impressões, sentimentos, juízos de valor, revelando o caráter vibrante da linguagem e o potencial de expressão do espírito humano.

O adjetivo, quando usado de forma elaborada, instaura uma relação ideológico-argumentativa entre ele e o seu referente, que permite constatar e avaliar os traços reveladores de seu enunciador.

Por conta desta carga afetiva, Cabral (2014) expõe que os adjetivos com valor axiológico (nomenclatura que esta autora utiliza) devem ser evitados em discursos em que a objetividade deve ser expressa, como é o caso de artigos científicos ou discursos políticos por exemplo.

Alguns adjetivos podem ser empregados com efeitos de sentido objetivos ou subjetivos, de acordo com a posição que ocupam em relação ao referente, como explica Cordeiro (2007, p.60): “Há certos adjetivos que, dependendo da posição (anteposto ou posposto ao substantivo), modificam o sentido do enunciado, exprimindo uma caracterização objetiva (posposto) ou uma caracterização subjetiva (anteposto)”, como fica evidente no exemplo retirado da obra Gramática de usos do português, de Neves (2000, p.209):

GRANDE

a) Com **nome concreto** não-humano = “de grande porte”, “volumoso”

- Posposto (descritivo)

*Enrolei o **lenço GRANDE** na mão esquerda, punhal firme na direita. (AM)*

*O gado pinzgauer possui caixa **torácica GRANDE**. (AGF)*

- Anteposto (apreciativo)

*O Presidente João Pessoa estava despachando em seu gabinete quando viu na parede uma **GRANDE borboleta** negra. (DZ)*

*Atrás do **GRANDE portão** de barras verticais, não havia propriamente um vestíbulo ou salão. (ACM)*

Fonte: Neves (2000, p.209)

Desta maneira, notamos como os vocábulos modificam toda uma sentença e a sua carga semântica apenas pela posição.

Portanto, os adjetivos são palavras que vão além da ideia da mera caracterização dos substantivos, mas carregam consigo uma carga argumentativa fortíssima, principalmente no que se refere aos adjetivos afetivos, que são muito mais utilizados.

4.3.3 Intensificadores

Os intensificadores são recursos que têm por finalidade enfatizar outras palavras e até mesmo expressões, demonstrando sua carga semântica de forma mais acentuada, ou seja, atribui-lhes sentidos mais intensos.

Os advérbios de intensidade (muito, menos, mais, quase, bastante) são os mais representativos, segundo Neves (2000, p. 236), eles “intensificam o conteúdo de um adjetivo, um verbo ou um advérbio”, desta forma eles evidenciam argumentativamente algumas palavras do texto.

Pertencem a este grupo, ainda, os pronomes indefinidos (pouco, todo, bastante, demais, muito, muita) já que eles têm por objetivo intensificar os substantivos.

Além destes elementos, Azevedo e Oliveira (2005, p.10-16) elencam vários mecanismos intensificadores e exemplificam o recurso, conforme será

exposto no quadro a seguir:

MECANISMOS INTENSIFICADORES	EXEMPLOS
<p>Advérbios intensificadores</p> <p>(os mais recorrentes são os de intensidade)</p>	<p>abundantemente, absurdamente, admiravelmente, bastante, bem, completamente, demais, demasiadamente, demasiado, exageradamente, excepcionalmente, fortemente, mais, meio, menos, muito, profundamente, pouco, quão, quanto, tão, tanto, todo, tremendamente, etc.</p>
<p>Adjetivos intensificadores</p> <p>(a intensificação é própria de seus significados)</p>	<p>absoluto, altivo, abundante, admirável, cheio, elevado, enérgico, enorme, exagerado, excelente, forte, extraordinária, grande, impetuoso, impressionante, soberbo, transcendental, tremendo, vigoroso, etc.</p>
<p>Pronomes indefinidos</p> <p>(trazem consigo uma carga intensificadora)</p>	<p>bastante, bastantes, mais, menos, muita, muitas, muito, muitos, pouca, poucas, pouco, poucos, quanta, quantas, quanto, quantos.</p>
<p>Artigos definidos com entonação adequada</p>	<p>o, a, os, as (de acordo com a entonação)</p>
<p>Gradação de nomes adjetivos ou verbos</p> <p>(vocábulos que apresentados em certa ordem podem exprimir o aumento ou a diminuição gradual)</p>	<p>“Ex.: esforço mental cansa, desgasta, consome energia”</p>

Expressões hiperbólicas	“nem morta”
Determinados prefixos e radicais	arqui, hiper, macro, mega, megaló, multi, oni, pluri, super, supra, ultra.
Sufixos aumentativos (são intensificadores por excelência)	“mulherão”
Sufixos diminutivos de caráter superlativo	“rapidinho”
Série Sinonímica (as ideias são expostas e intensificadas por palavras sinônimas)	“Ex.: Bagunceiro, capeta, sem-vergonha, malandro, impossível. Seu filho como Você sempre sonhou.”
Repetição da mesma palavra, em sequência. Sendo que uma delas equivale à palavra muito	“Ex.: Brincando Brincando, Seu filho Já escovou O mínimo Necessário”
Silabação (palavras que separadas em sílabas intensificam sua carga semântica)	“de-li-ci-o-so”
Repetição (Há vinte e seis figuras de linguagem de repetição, as autoras estudam oito. E neste trabalho serão colocadas em um	

quadro à parte, conforme se observa a seguir.)	
--	--

Fonte: Quadro elaborado a partir dos estudos de Azevedo e Oliveira (2005, p.10-16)

Elaboramos um quadro com base nas figuras de repetição que Azevedo e Oliveira (2005) estabelecem:

FIGURA DE REPETIÇÃO	POSIÇÃO DA REPETIÇÃO
Anáfora	Repetição de vocábulos no início de dois ou mais enunciados.
Epístrofe	Repetição dos vocábulos no final de dois ou mais enunciados.
Concatenação	Repetição dos vocábulos no final de um enunciado e no início do posterior.
Reiteração	Repetição dos vocábulos sem uma posição preestabelecida.
Reduplicação	Repetição dos vocábulos sucessivamente.
Paralelismo	Repetição de uma estrutura ou sequência sintática.
Quiasmo	A repetição ocorre por meio da inversão da ordem dos vocábulos formando um “qui” (X).
Ritornelo	Repetição de sentenças ou enunciados integralmente.

Fonte: Quadro elaborado a partir dos estudos de Azevedo e Oliveira (2005, p.16-19)

Assim, os intensificadores têm uma alta carga argumentativa dentro

do discurso, pois demonstram os pontos que o falante deseja enfatizar sobre o assunto, com eles notamos as intenções argumentativas do falante.

Desta forma, concluímos o último capítulo de aporte teórico de nossa pesquisa, nele foram expostos os recursos argumentativos que permeiam os textos analisados.

CAPITULO V

Análise do *Corpus*

Mas ele enxergou o óbvio ululante, ou seja: — o futebol vive de sombrias e facinorosas paixões. Durante os noventa minutos, são onze bárbaros contra onze bárbaros. (RODRIGUES, 2013, p.122)

Segundo os estudos de Japiassú e Marcondes (1996, p.61), a cultura “é o conjunto das representações e dos comportamentos adquiridos pelo homem enquanto ser social”, logo, a cultura, de maneira sucinta, trata-se de um conjunto de relações sociais que são preestabelecidas e compartilhadas por inúmeros indivíduos, algo evidenciado por meio de especificidades como a linguagem, costumes, pontos de extrema relevância que instauram uma determinada identidade cultural. Como exemplo, há o futebol, pois não se trata apenas de um entretenimento semanal para os brasileiros, mas algo intrínseco à sua cultura e, conseqüentemente, presente no inconsciente coletivo fazendo com que uma grande parcela de nossa sociedade conheça as suas regras básicas. Portanto decidimos analisar textos de cunho futebolístico, verificando as formas de argumentação utilizadas por seus enunciadores.

Logo, o principal intuito do presente trabalho é examinar, pelos aportes teóricos da Linguística Textual e da Semântica Argumentativa, crônicas esportivas que foram disseminadas em grandes veículos de comunicação nacional, antes e durante a Copa do Mundo de Futebol realizada no Brasil, no início do segundo semestre de 2014.

Partiremos da premissa de que discurso algum é desprovido de argumentatividade, porque em todas as situações de comunicação, os falantes utilizam subsídios para persuadir seus ouvintes a respeito de suas convicções, pois como ratifica Cabral (2011, p.13): “na interação, desejamos exercer influências sobre nossos interlocutores, desejamos obter sua adesão, convencê-los de nossos pontos de vista, persuadi-los a fazer alguma coisa”.

A princípio verificaremos a situação em que o texto foi produzido e a centração tópica, posteriormente, serão observados os processos que organizam o tópico e os artifícios empregados nestes textos para sustentarem os argumentos. Desta forma, procederemos à análise da seguinte forma:

- a) situacionalidade em que os textos foram publicados;
- b) quadros tópicos e seus procedimentos de organização;
- c) recursos argumentativos (adjetivação, operadores argumentativos, intensificação).

É importante ressaltar que, ao estudarmos os recursos argumentativos de cada texto, serão expostas todas as suas ocorrências em forma de tabelas, indicando os locais e, em alguns casos, os efeitos de sentidos que propiciam naquela determinada situação comunicativa. No entanto, para a análise, selecionamos apenas algumas ocorrências seja pela afetividade que o termo possui ou pela maneira como ele é empregado, atribuindo ao discurso em questão sentidos muito peculiares, demonstrando a perspectiva do enunciador perante o tópico; portanto, nosso objetivo não é expor de forma exaustiva todas as ocorrências.

5.1 TEXTO 1: TÁ CHEGANDO...

O título do primeiro texto é “Tá chegando...”, ele foi redigido por Maurício Barros e veiculado na revista esportiva mensal “Placar”, no mês de maio de 2014, portanto, no periódico do mês anterior à Copa do Mundo de futebol.

Tá chegando...

1 Falta pouco para o maior evento esportivo da história do Brasil: a Copa de
2014. Todos os campeões do mundo estarão por aqui, os maiores craques
dos melhores campeonatos do planeta defenderão suas bandeiras em
nossos doze estádios novinhos ou reformados em folha. Era para o “país
5 do futebol” estar em êxtase. Mas não estamos, pelo contrário. Estamos
preocupados. Bateu um medão. Seremos capazes? Ou passaremos
vexame?

Bota exagero nisso. A Copa do mundo não é um bicho de 70 cabeças
como muitos têm tentado desenhar. Temos condições de organizar uma
10 Copa decente, melhor que os sul-africanos, mas não impecável como
fizeram os alemães. As diferenças históricas, socioeconômicas e culturais
entre os países explicam tais distâncias.

A capa desta edição mostra um torcedor grafitando um muro com lema
“Vai ter Copa” Não se trata de tapar os olhos para os enormes problemas
15 que aconteceram desde que a FIFA concedeu ao Brasil, em 2007, a
chance de ser sede do Mundial deste ano. PLACAR tem cumprido seu
papel em fiscalizar e informar sobre todo o processo desde então. O que a
reportagem da página 28 faz é iluminar uma discussão que vem sendo
pautada por desinformação, preconceito e má-fé. É preciso dar os devidos
20 pesos aos nossos defeitos e nossas virtudes. E fazer isso, sobretudo, sem
o velho complexo de vira-latas.

O primeiro elemento analisado é situacionalidade, que para Koch (2015b. p.49) “[...] refere-se ao conjunto de fatores que tornam um texto relevante para uma situação comunicativa em curso ou passível de ser reconstruída”, portanto, trata-se da inserção do enunciador em uma dada situação comunicativa, transpondo-a para seu enunciado, isso ocorre pois o locutor está socialmente inserido e expõe tal momento em seu discurso. No texto “Tá chegando...”, fica evidente que a situacionalidade é de um momento social de expectativas dos brasileiros em relação ao campeonato de grande representatividade mundial que se aproximava, demonstrando primeiramente incerteza quanto à realização da Copa do

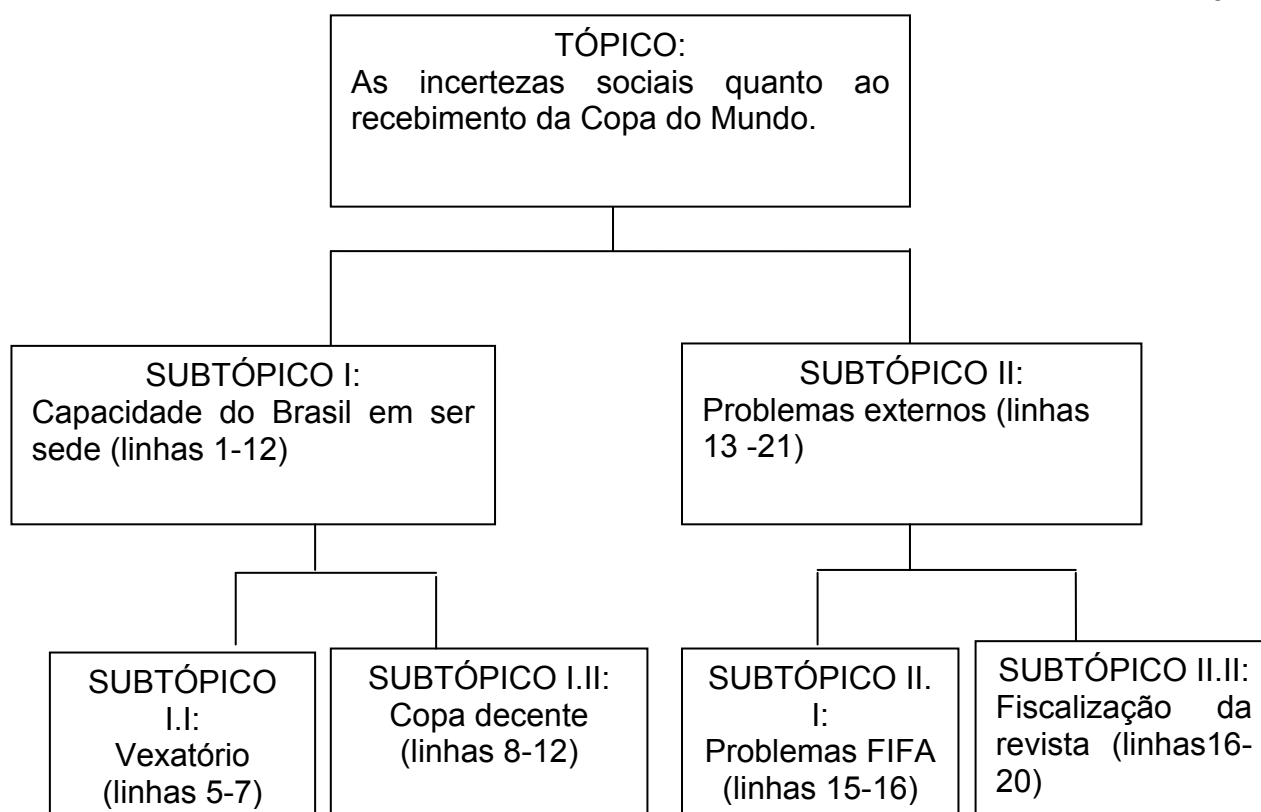
Mundo devido à situação política que o Brasil passava na época, pois ocorriam inúmeros protestos dos cidadãos, nas ruas e nas redes sociais, em que empregavam palavras de ordem como “não vai ter Copa”, portanto opunham-se ao governo federal, e à Confederação Brasileira de Futebol (CBF).

O texto expõe, então, que o momento da enunciação era de um ambiente de pré-Copa do Mundo, bastante polêmico, como fica evidente nas linhas 14-16: “[...] Não se trata de tapar os olhos para os enormes problemas que aconteceram desde que a FIFA concedeu ao Brasil, em 2007, a chance de ser sede do Mundial deste ano”.

A expectativa quanto ao início do campeonato também é denotada no título, pois além da expressão enfática “tá chegando...”, que demonstra a ansiedade de alguém aguardando a ocorrência de algo, o enunciador faz ainda o uso de um verbo no gerúndio unido a reticências deixando evidente “o passar do tempo” e a proximidade de um campeonato de extrema importância. Pelo uso desta pontuação, notamos certa continuidade, pois como explica Pereira (2002, p. 265): “As reticências [...] suspendem o pensamento mostrando que o enunciado ficou subentendido, queria se dizer muito mais do que foi dito.”, portanto esse recurso, se empregado de forma refletida, expõe um silêncio com efeitos de sentido que nesse caso é apreendido como a espera da realização ou não do mundial.

Notamos a partir das escolhas lexicais feitas pelo enunciador como: “medão” (linha 6), “seremos capazes?” (linha 6), “vexame” (linha 7) e da situacionalidade que era de um país com opiniões diversas em relação ao campeonato mundial, que a centração tópica deste discurso são: “as incertezas sociais quanto ao recebimento da Copa do Mundo”.

No plano da organicidade vertical, isso fica ainda mais evidente, pois o texto é segmentado em tópicos menores em que a argumentação torna-se ainda mais notória.



Alguns procedimentos também são utilizados neste texto como a explicação do fato já nas primeiras seis linhas, a analogia a outras copas do mundo na 9ª e 10ª linhas, que para Galembeck (2014) são procedimentos que fazem o tópico ter continuidade.

Com o panorama exposto pelo quadro tópico, fica explícito que o argumento sustentado é de que o país teria problemas externos ao campo de futebol, inegavelmente, e que não deveriam ser mascarados (exposto no subtópico I.II), contudo o país possuía condições de sediar um evento como este, e os brasileiros não poderiam considerar o país inferior, isto é, a Copa deveria ser realizada com autenticidade, deixando de lado este sentimento de insegurança, pois mesmo que não fosse tão engenhosa como a dos alemães, em 2006, ela teria, certamente, um nível superior à realizada pelos sul-africanos, em 2010 (evidenciado no subtópico I.II.). Logo, a tentativa de persuasão equipara-se em demonstrar que estas dúvidas seriam irrelevantes e o Brasil teria aptidão suficiente para receber o mundial.

Esses argumentos são sustentados pelo enunciador, principalmente, pelos recursos linguísticos da adjetivação, intensificação e operadores argumentativos, que apresentam as opiniões do enunciador sobre o assunto, como explica Cabral (2011, p.13):

Um adjetivo, um advérbio para reforçar um argumento, conectores para articular nosso texto, todos esses elementos linguísticos cumprem uma importante função na argumentação, pois eles marcam uma tomada de posição do locutor diante do conteúdo enunciado.

Para tanto, pretendemos demonstrar como esses elementos asseguram os efeitos de sentido que fazem esta interpretação e configuração do tópico possível, pois como corrobora Cavalcante (2016, p.91):

[...] mesmo nos textos 'inofensivos', aparentemente neutros, há um aspecto argumentativo a ser depreendido (o qual, muitas vezes, só é percebido pelo leitor/ouvinte altamente proficiente). Logo, num processo pleno de interpretação, reconhecer os tópicos discursivos (ou seja, depreender as informações do texto, bem como as inter-relações entre tais informações), embora seja uma etapa absolutamente essencial, não resume tudo o que é preciso fazer. Além disso, é necessário reconhecer a orientação argumentativa que a organização tópica sugere.

5.1.1 Adjetivação

O adjetivo é uma classe de palavra com teor bastante argumentativo, principalmente, por demonstrar as impressões que o enunciador possui em relação ao assunto em pauta, como corroboram Silva, Oliveira e Oliveira (2013, p. 210): "A adjetivação é um valioso recurso linguístico que ajuda a evidenciar os fenômenos psicológicos e afetivos da linguagem, revelando os posicionamentos assumidos pelo enunciador", isto é, é um recurso que revela as perspectivas emocionais do enunciador para expor, de forma afetiva, a sua ideologia e direcionar o interlocutor para uma determinada conclusão.


Na crônica em análise, verificamos a incidência de vinte e sete adjetivos/locuções adjetivas, listados a seguir:


Nº da Ocorrência	ADJETIVO/ LOCUÇÃO ADJETIVA	Nº da Linha
1	maior	1
2	esportivo da história do Brasil	1
3	da história do Brasil	1
4	do Brasil	1
5	do mundo	2
6	maiores	2
7	dos melhores campeonatos do planeta	3
8	melhores	3
9	do planeta	3
10	novinhos	4
11	reformados	4
12	do futebol	5
13	em êxtase	5
14	preocupados	6
15	capazes	6
16	do mundo	8
17	de 70 cabeças	8
18	decente	10
19	melhor	10
20	impecável	10
21	históricas	11
22	socioeconômicas	11
23	culturais	11
24	desta edição	13
25	enormes	14
26	da página 28	18
27	velho	21


É evidente que o valor argumentativo que os adjetivos exprimem não é o mesmo porque alguns demonstram efeitos de sentido objetivos (adjetivos com teor descritivo) e outros possuem efeitos subjetivos (adjetivos com conteúdo afetivo),

eles dependem principalmente do contexto e, algumas vezes, por sua posição em relação ao substantivo (geralmente, os objetivos são pospostos e os subjetivos antepostos).

Verificamos a afetividade em vários desses adjetivos, conforme exemplificados abaixo:

- a) [...]  **maior** evento (Linha 1): esse adjetivo, no grau superlativo, demonstra a perspectiva do enunciador quanto à grandeza do evento futebolístico.

- b) [...] estádios  **novinhos** (linha 4): o adjetivo “novo” seria somente descritivo, primeiramente, por sua posição posposta ao substantivo, o que evidenciaria apenas a recente construção de estádios de futebol, em função do mundial de futebol no Brasil. No entanto, o enunciador utiliza, neste contexto, o sufixo “inho” não para indicar o tamanho do referente, mas sim para um posicionamento afetivo diante do fato.

- c) [...]  **maiores** craques (linha 2): o adjetivo “maiores”, que se relaciona ao substantivo craques, evidencia a perspectiva do enunciador de que, para a competição, não se fariam presentes atletas de bons níveis táticos e técnicos, apenas, mas os “maiores craques” da atualidade, portanto o uso do adjetivo explicita que essas pessoas são atletas de qualidade superior aos demais, e assegura ainda mais nossa hipótese de que o enunciador possui certa estima pelo campeonato a qual se refere e procura argumentar, por meio dos recursos linguísticos, com o objetivo de reforçar para o leitor a grandiosidade do evento.

d) [...] uma Copa [...] mas não **impecável** como fizeram os alemães. (linha 10)

Conforme a definição do dicionário:

adj. IMPECÁVEL

1 Que não está sujeito a pecar; imaculável.

2 Que está em perfeito estado; caprichado, esmerado, primoroso.

Fonte: Dicionário Michaelis online (2016)

O adjetivo impecável é extremamente afetivo, por meio dele podemos apreender que o enunciador considerou a Copa do Mundo sediada pelos europeus, no ano de 2006, um evento desprovido de erros.


e) [...] o **velho** complexo (linha 21): este também é um adjetivo que demonstra afetividade, não só pelo contexto, mas também pela posição em que se encontra, pois o efeito de sentido que expressaria caso o termo fosse posposto ao substantivo, seria de um “complexo já ultrapassado”, mas, nesta ocasião, denota um complexo que pode ser muito marcante no futebol brasileiro que consiste no ato de menosprezar o futebol nacional⁵.

Para Guerra Da Cal (1969, p.128), as sensações que os enunciadores possuem sobre aquele termo são realizadas pelo recurso de adjetivação:

[...] o adjetivo expressa uma referência a relações preestabelecidas no texto, ou a idéias, sentimentos ou sensações derivados de narração, que estão presentes no nosso espírito e que servem de ponto de apoio para a justificação e a compreensão de uma aliança verbal, que de outra forma resultaria caprichosa e obscura.

Além de adjetivos subjetivos, foram encontradas também algumas situações de adjetivos empregados objetivamente como:

⁵ Refere-se ao termo muito utilizado, principalmente pelo cronista Nelson Rodrigues, e que é corrente no meio esportivo: “Complexo de Vira-latas” que consiste no auto menosprezo de alguns brasileiros em relação à equipe de futebol nacional.

- f) [...] reportagem  **da página 28** (linha 18): esta locução adjetiva apresenta, descritivamente, o local em que a reportagem estará na revista.

5.1.2 Operadores argumentativos

Os operadores argumentativos também foram bastante recorrentes no texto de Barros como explicitamos a seguir:

Nº da Ocorrência	OPERADOR	EFEITO DE SENTIDO	Nº da Linha
1	todos	afirmação plena	2
2	ou	disjunção, ou seja, há dois tipos diferentes de estádios	4
3	mas	oposição entre “estar em êxtase “e” estar preocupado”	5
4	pelo contrário	redefinição da afirmação anterior	5
5	ou	disjunção, há duas situações: “ser capaz” ou “passar vexame”	6
6	como	conformidade	9
7	mas	oposição: Copa sul-africana e Copa alemã	10
8	como	comparação	10
9	e	adição de dois argumentos de pesos iguais	17
10	todo	afirmação plena	17
11	e	adição direcionando para a conclusão	20

Os operadores argumentativos são palavras que expõem algumas

perspectivas do enunciador de maneira bastante persuasiva, por meio dos efeitos que ele proporciona, notamos diversas intencionalidades. Embora tenhamos registrado os efeitos de sentido causados pelos operadores linha a linha, vamos explorar ainda mais alguns deles:

- a) Era para o país estar em êxtase. **Mas** não estamos (linha 5):
Este operador expõe a relação de oposição entre os dois argumentos:

<p>I. Era para o 'país do futebol' estar em êxtase</p> <p style="text-align: center;">X</p> <p>II. Não estamos, pelo contrário estamos preocupados</p>
--

O segundo argumento se sobrepõe ao primeiro, gerando a quebra na expectativa lógica que seria o êxtase e a empolgação popular quanto ao esporte de maior representatividade no país, isto é, se o argumento lógico era de que o país, por sua identidade cultural de apreço pelo futebol, por ser o único país cinco vezes campeão deste torneio, sediando-o pela segunda vez, estaria em extrema empolgação à espera do início do torneio e, a partir disso, o enunciador assegura seu argumento, quebrando a expectativa do leitor e contrapondo este fato por meio de um operador argumentativo.

O operador “mas” é utilizado com a mesma função, na décima linha:

- b) [...] melhor que os sul-africanos, **mas** não impecável como fizeram os alemães. (linhas 10-11): sugerindo que na visão do enunciador o campeonato empreendido pelos europeus foi extremamente superior ao dos africanos e sustentando o argumento de que o Brasil promoveria um campeonato mundial em um nível mediano.

Ao falar sobre este operador Silva (2014, p.227, grifos da autora), explica que “[...] em função do uso do MAS, aliada à escolha lexical perfeita dos termos em contraste, amplia e assegura a transmissão das palavras destinadas a fazer o leitor refletir”, esse operador é um mecanismo que assegura ao sujeito a oposição de ideias no interior do texto e demonstra que um argumento que seria o provável é contraposto por outro que, além de mais argumentativo, não era o

expectável.

Outro operador argumentativo importante é o “ou”:

- c) Doze estádios novinhos **ou** reformados em folha. (linha 4):
- d) Seremos capazes? **Ou** passaremos vexame? (linha 6):

Este operador argumentativo revela, portanto, que somente há a possibilidade de ocorrência de um argumento, de realizar o campeonato de forma satisfatória ou passar por uma situação vexatória, no segundo caso; e no primeiro, demonstra que há dois tipos de estádios, os que foram construídos para o evento especificamente, como foi o caso em Itaquera; e os que foram reformados, como o Maracanã, por exemplo. Logo, não há estádios novos e reformados, há estádios que foram construídos para os jogos e os que foram readaptados para eles; ainda é relevante observar que a seleção lexical feita pelo enunciador “em folha” que habitualmente refere-se ao adjetivo “novinho”, nesta ocasião, refere-se à palavra reformados, aludindo de forma informal ao fato de que essas arenas esportivas foram muito bem arrumadas.

A seleção lexical, deste modo, é extremamente relevante para a atribuição de inúmeros efeitos de sentido, pois por meio das escolhas vocabulares feitas pelo enunciador em detrimento de outras, fica evidente seu posicionamento, como explica Cordeiro (2012, p.97), “...a seleção lexical traduz as reais intenções do enunciador, revelando suas opiniões e crenças acerca do tema tratado”.

Já o operador argumentativo “ou” é uma palavra de forte poder argumentativo que coloca duas possibilidades em que apenas uma pode ocorrer, pois uma elimina logicamente a outra.

- e) Era para o país do futebol estar em êxtase, mas não estamos, **pelo contrário**. Estamos preocupados (linhas 5-6): Nesse trecho, o enunciador redefine a proposição anterior colocando em evidência que há aqueles que não estão tão empolgados com o evento como o esperado, mas preocupados com os problemas do país de maneira genérica.

O operador “todo/s” também influencia nos efeitos de sentido desse texto em duas ocasiões:

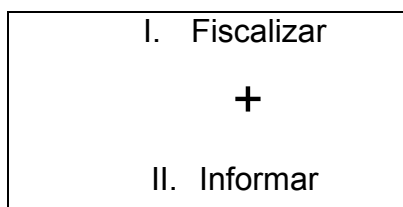
- f) **Todos** os campeões do mundo (linha 2)

g) [...] **todo** o processo desde então (linha 17)

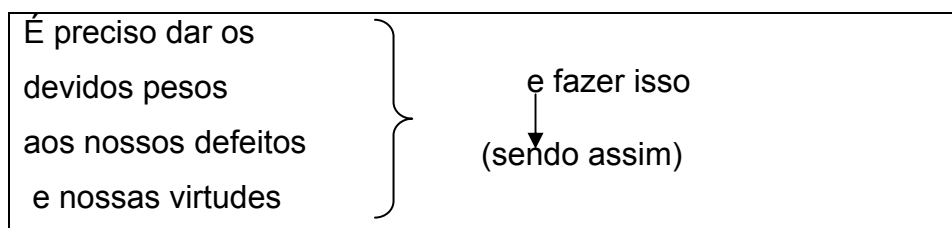
Em ambas as incidências, a palavra “todo/s” demonstra a plenitude de seu referente, deste modo, na primeira ocasião, o efeito de sentido que o enunciador propõe é de argumentar quanto à presença de equipes ilustres no âmbito futebolístico, demonstrando que o campeonato possuiria um alto nível de rendimento. No segundo caso, o argumento está embasado na fiscalização e exposição integral que a revista faz a respeito do processo de recepção do mundial e das exigências feitas pela federação de futebol, portanto com essa proposição ele busca mostrar que a revista expõe plenamente aquilo que investiga sobre o assunto.

O operador argumentativo “e” também é bastante relevante para os efeitos de sentido deste texto:

h) Placar tem cumprido seu papel em fiscalizar **e** informar (linha 17): Nesta situação, o operador expressa a adição de dois elementos de mesma importância, por isso o teor argumentativo encontra-se nesta soma das duas palavras que fazem do papel exercido pela revista algo mais relevante:



i) **E** fazer isso (linha 20): também expressa o sentido de adição, porém o objetivo maior desta palavra, nesse contexto abre a possibilidade de um efeito de sentido contrário, ou seja, termina o texto e começa uma etapa que é a luta contra o preconceito etc... (“É preciso dar os devidos pesos aos nossos defeitos e nossas virtudes”).



Desta forma, fica nítida a importância dos operadores argumentativos no interior do discurso, colocando em evidência as decisões do enunciador por meio de um locutor, perante o tópico, como explica Cabral (2011, p. 90):

Essa é, portanto, uma avaliação que depende do locutor; a língua apenas oferece os meios de marcar sua decisão. Por isso é que podemos dizer que, ao marcar a hierarquia numa escala argumentativa, o locutor assume um posicionamento diante do conteúdo de seu enunciado.

Ou seja, a língua dispõe de recursos para a comunicação, o falante por sua vez escolhe aqueles que lhe são convenientes para produzir os efeitos de sentido que almeja.

5.1.3 Intensificadores


É ainda de fundamental relevância aos estudos argumentativos o papel de palavras que atribuem a outras uma proporção mais intensa que a palavra em sua conotação normal, os chamados mecanismos intensificadores. Na concepção de Silveira Bueno, esse mecanismo possui um forte caráter afetivo, de acordo com os propósitos argumentativos do enunciador em relação aos elementos do texto, como percebemos no trecho a seguir de Silveira Bueno (1964, p.163):

Segundo a afetividade que o escritor quer expressar, esses mesmos vocábulos são apresentados intensamente significativos. Vários são os recursos de que se servem os estilistas para alcançar esta reduplicação de vitalidade significativa. Mais comumente são os advérbios que dão à semântica das palavras maior ou menor intensificação.


No texto “Tá chegando...”, constatamos a presença de dez ocorrências deste recurso de argumentação, sendo: um advérbio, duas expressões hiperbólicas, que, na concepção de Azevedo e Oliveira (2005 p. 12), “ênfatizam o exagero intencional”, quer dizer, constata a intensidade de algo para o enunciador,

assegurando ao seu discurso maior argumentação; uma figura de acumulação, quatro adjetivos, um substantivo e um pronome indefinido, os quais evidenciamos abaixo, e vamos examinar alguns deles posteriormente:

Nº da Ocorrência	OCORRÊNCIA	TIPO	Nº da Linha
1	pouco	advérbio de intensidade	1
2	o maior evento esportivo da história do Brasil	expressão hiperbólica	1
3	maiores	adjetivo “grande” no grau superlativo de superioridade	2
4	melhores	adjetivo “bom” no grau superlativo de superioridade	3
5	medão (registro coloquial)	substantivo no grau aumentativo	6
6	um bicho de 70 cabeças (mudança intensificadora na expressão “bicho de 7 cabeças”)	expressão hiperbólica	8
7	muitos	pronome indefinido	9
8	melhor	adjetivo “bom” no grau superlativo de superioridade	10
9	enormes	adjetivo intensificador	14
10	desinformação, preconceito e má fé	figura de acumulação	19

- a)  **Falta** pouco (linha 1): o advérbio que intensifica o verbo falar expõe que a Copa do Mundo de 2014 se aproximava,


demonstrando a perspectiva de tempo do enunciador do momento em que está em relação ao início do mundial.

- b) [...] o **maior**  evento esportivo da história do Brasil (linha 1): nesta circunstância, o processo de intensificação ocorre por uma expressão hiperbólica, evidenciando o argumento de que a Copa do Mundo de Futebol é um evento grandioso e estaria se aproximando.

Outra forma de intensificação utilizada neste texto são os adjetivos no grau superlativo de superioridade, que intrinsecamente já possuem a carga semântica intensa, desta maneira, o enunciador considera os melhores de todos esses referentes:

- c) [...] **maiores**  craques (linha 2)

- d) [...] **melhores**  campeonatos (linha 3)

- e) [...] Copa [...] **melhor**  (linha 10)

O substantivo medão também é empregado com o objetivo de intensificar a palavra medo:

- f) Bateu um **medão** (linha 6): o processo de intensificação, neste caso, ocorre pelo sufixo aumentativo “ão”, que nos leva a concluir que esta palavra com grande teor afetivo expõe o medo exacerbado em relação ao campeonato.
- g) [...] **um bicho de 70 cabeças** (linha 8): a expressão corrente “bicho de 7 cabeças” denota algo intenso e perturbador, porém, para dar ainda mais ênfase ao que o enunciador considera exagero (pois muitos consideram o Brasil incapaz de sediar o mundial), ele utiliza esta expressão hiperbólica “bicho de 70 cabeças”, mostrando a seu interlocutor que o país possuiria

infraestrutura suficiente.

A partir dos recursos linguísticos analisados na crônica “Tá chegando...”, constatamos que o enunciador sustenta seus argumentos por meio de adjetivos, de operadores argumentativos e de intensificadores; inicialmente ele apresenta o argumento de que a Copa do Mundo é o maior evento futebolístico que existe, que os estádios brasileiros estariam prontos para receber o campeonato, e os melhores atletas da modalidade estariam inscritos neste torneio, algo assegurado, principalmente, pelo uso dos adjetivos afetivos, como: “**maior** evento”, “**maiores** craques.”, “estádios **novinhos**”. Pelo uso, sobretudo, dos operadores argumentativos, é perceptível que o locutor argumenta sobre a preocupação que os brasileiros possuíam de forma exagerada, pois, em sua perspectiva, o país teria chances de sediar um evento mediano. Deste modo, verificamos que a intencionalidade do autor perante este tópico é de que os brasileiros não deveriam deixar de fiscalizar os poderes públicos, tal como a revista, mas também não precisariam ter dúvidas quanto à capacidade do país em sediar tal campeonato.

Deste modo, verificamos que o recurso mais significativo para a argumentação desta crônica foi a utilização do adjetivo, pois expuseram os posicionamentos do enunciador em relação às preocupações em realizar a Copa do Mundo no Brasil.

Sendo assim, procuramos, nesta análise, evidenciar a forma com que o tópico discursivo foi organizado e como esta organização auxiliou nos processos de argumentação.

5.2 TEXTO 2: AS SETE BOFETADAS

Realizamos também o estudo do texto intitulado “As sete bofetadas”, produzido pelo jornalista Juca Kfoury e publicado no jornal diário Folha de São Paulo em dez de julho de 2014.

As sete bofetadas

- 1 A primeira bofetada foi dada no compadrio, na panelinha dos cartolas que há décadas chutam a meritocracia para escanteio.
- A segunda bofetada foi dada na arrogância dos que imaginam que o pentacampeonato ganho por Didi, Garrincha, Pelé, Romário e Rivaldo,
- 5 apesar da cartolagem, é obra dela.
- A terceira bofetada foi dada nos que desprezam as conquistas da Ciência do Esporte e seguem com seus métodos empíricos infelicitando gerações de bons jogadores.
- A quarta bofetada foi dada ainda e também na CBF, que jamais teve uma
- 10 política de verdadeiro investimento na formação de atletas.
- A quinta bofetada foi dada na corrupção que orientava 11 em cada 10 ações da cartolagem, seja nas construções de sedes, vendas de ingressos transações de jogadores, contratos de patrocínios etc.
- A sexta bofetada foi dada na carcomida política que aprisiona jogadores
- 15 em campos de concentração e impede o seu convívio no dia a dia com as pessoas queridas, tratando-os como irresponsáveis, bem diferentemente do que se vê, por exemplo, entre os alemães e os holandeses.
- Por último, mas não a última bofetada foi aplicada no exagero que transforma jogadores em popstars, algo que você não vê em craques
- 20 como Messi, Robben, Schweinsteiger ou Pirlo embora veja em Cristiano Ronaldo. A praga das celebridades trai os torcedores.
- Sim, há muitas outras bofetadas a serem distribuídas tantos são os muito mais que sete pecados capitais da gestão criminosa de nosso futebol, como o calendário.
- 25 Por ora, fiquemos por aqui, porque o assunto renderá nos próximos dias, semanas e meses, talvez anos.
- Diagnósticos não faltam e quem já estiver cansado de ler esta repetitiva coluna consulte a página do Bom Senso FC. Está tudo, ou quase tudo, lá. Alemanha 7 a 1. Não esqueça.

A veiculação do texto “As sete bofetadas” ocorreu dois dias após a derrota da seleção brasileira para a equipe alemã, pelo placar de sete gols a um, na Copa do Mundo de futebol; assim a situacionalidade de tal enunciação é de um país em que o futebol é um dispositivo de envolvimento social, ou seja, grande parte da população brasileira tem por este esporte um vínculo afetivo exacerbado, conseqüentemente, criando expectativas de que a equipe realizaria um bom campeonato, por dois motivos essenciais, primeiramente, pela seleção possuir tradição no campeonato, sendo detentora de cinco títulos mundiais, e por o torneio ser realizado em solo brasileiro.

Portanto, a derrota da seleção nacional, com um placar tão distante, foi uma situação vexatória para uma grande parcela dos cidadãos, aflorando suas emoções quanto à temática e fazendo deste o assunto mais abordado no Brasil, naquele momento, em textos midiáticos redigidos por especialistas no esporte, e em outras interações sociais, de modo geral, em que opiniões e juízos de valor foram tecidos sobre a emblemática partida.

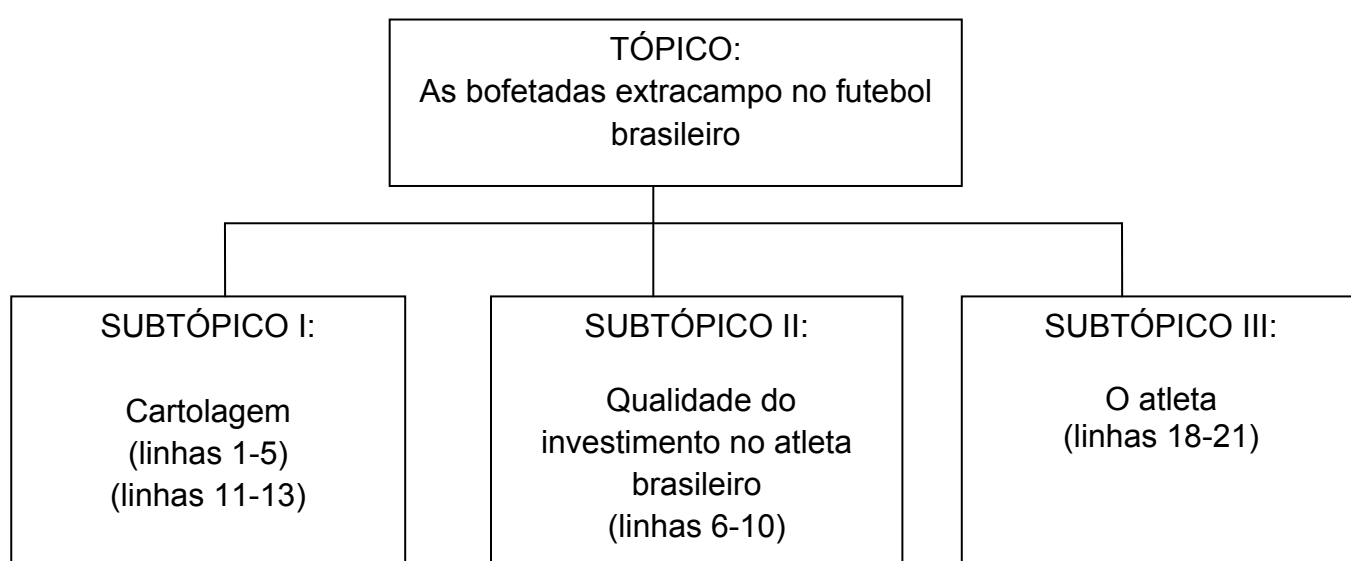
Em sua enunciação, Kfoury vale-se do número sete, que, na visão de Silveira Bueno (1964, p.167), o número “possui grande força expressiva”, para fundamentar seu texto de maneira satisfatória, primeiramente, devido ao placar em que a seleção brasileira foi derrotada e também pelo teor cabalístico que o algarismo possui, uma vez que, no livro sagrado dos cristãos, a Bíblia, ele representa aspectos de suma importância, e com teor de grandiosidade: o número de dias em que Deus criou o mundo; o número de pecados capitais estabelecidos; e a ordem de Cristo a Pedro de perdoar setenta vezes sete, representando algo grande e quase infinito, isto é, o placar deixa de ser um mero número para ser, nesta perspectiva, algo grandioso⁶.

Deste modo, a centração tópica desse discurso vai além do que ocorreu na partida, o enunciador procura persuadir o leitor de que a derrota foi um reflexo de fatores externos ao campo de futebol que influenciaram, consideravelmente, no desempenho dos atletas na competição. Portanto, a ideia focalizada é: as sete bofetadas extracampo no futebol brasileiro.

Partindo da premissa de que aquele que enuncia tem um assunto a

⁶ “Pedro dirigiu-se a Jesus perguntando: ‘Senhor, quantas vezes devo perdoar, se meu irmão pecar contra mim? Até sete vezes?’ Jesus respondeu: ‘Digo-te, não até sete vezes, mas até setenta vezes sete vezes.’ (Mateus 18: 21-22)

tratar e o organiza fazendo com que o desencadeamento de seus argumentos seja o mais persuasivo, já que busca a adesão dos outros membros do discurso, esse texto é organizado em subtópicos operantes na argumentação e que tornam possíveis apreender os sentidos de que, no futebol brasileiro, os investidores por interesses próprios decidem quem são os atletas convocados para a seleção brasileira e, por conta disso, muitos jogadores de alto nível técnico deixam de integrar a equipe. O texto também evidencia que a metodologia de treinamentos é bastante falha, tal como os atletas são tratados, como demonstra o quadro tópico deste texto:



Estes sentidos são captados por conta da adjetivação, operadores argumentativos e, principalmente, os intensificadores que corroboraram os efeitos de sentido pretendidos pelo enunciador, pois, como salienta Antunes (2010, p.191): “A adequação vocabular do texto é, antes de tudo, uma questão ligada à coerência seja em relação a seu tópico global seja em relação a particularidades em que esse tópico se desmembra”.

5.2.1 Adjetivação

O primeiro recurso argumentativo estudado neste discurso foi a adjetivação, que consiste em demonstrar a perspectiva do enunciador perante o referente, e que, nas palavras de Guerra Da Cal, (1969, p. 127-128): “busca unir-se ao substantivo pela associação intelectual com representações indiretamente

contidas no seu significado [...]”, uma classe de palavras muito argumentativas. Neste texto, há vinte e quatro ocorrências, conforme elencamos abaixo:

Nº da Ocorrência	ADJETIVO/ LOCUÇÃO ADJETIVA	Nº da Linha
1	dos cartolas	1
2	da ciência do Esporte	6 e 7
3	do Esporte	7
4	empíricos	7
5	de bons jogadores	8
6	bons	8
7	de verdadeiro investimento	10
8	verdadeiro	10
9	da cartolagem	12
10	de patrocínios	13
11	carcomida	14
12	de concentração	15
13	queridas	16
14	irresponsáveis	16
15	última	18
16	das celebridades	21
17	capitais	23
18	da gestão criminosa	23

19	criminosa	23
20	próximos	25
21	cansado	27
22	repetitiva	27
23	do Bom Senso FC	28
24	Bom	28

Para direcionar o leitor às conclusões que deseja, o enunciador elenca as palavras da maneira mais adequada, utiliza palavras que sugerem determinados efeitos de sentido e corroboram para a persuasão de seu interlocutor.

Para tanto, mesmo que a maior parte dos adjetivos empregados pelo enunciador tenha um teor objetivo, são palavras que foram elencadas por ele e que demonstram sua ideologia, conforme as seguintes ocorrências:



- a) Na panelinha **dos cartolas** (linha 1): trata-se de uma locução adjetiva utilizada em sentido pejorativo para referir-se aos grupos de dirigentes do futebol, demonstrando o posicionamento do enunciador de que, em sua concepção, estas pessoas agem em benefício próprio elencando atletas de acordo com seus próprios interesses.



- b) [...] seus métodos **empíricos** (linha 7): embora seja um adjetivo comumente associado a elementos científicos, é utilizado, neste contexto, ironicamente para expor a antiquada metodologia de treinamento que é usada, assegurando o argumento do enunciador de que a seleção brasileira de futebol possui inúmeros problemas que vão além do desempenho dos atletas.

Os adjetivos afetivos, na concepção de Pereira (2002, p.59), são

entendidos como:

“[...] uma avaliação feita pelo indivíduo de acordo com um determinado ponto de vista, é um julgamento de valor. Através da subjetividade afetiva fazemos uso de mecanismos lingüísticos que produzem efeitos de sentido desejado sobre o interlocutor”

Embora sejam apresentados por Kfourri com menor incidência, também são utilizados os adjetivos subjetivos para expor alguns argumentos que revelam o seu posicionamento em relação ao assunto, fazendo com que possamos levantar algumas hipóteses sobre sua intencionalidade, como é o caso de:

- c) [...] infelicitando gerações de **bons** jogadores. (linha 8): pela posição empregada em relação ao substantivo, o adjetivo “bons” denota subjetividade e não uma descrição do jogador, revelando o ponto de vista do enunciador de que pessoas com qualidade esportiva são mal preparadas por conta da metodologia de ensino do esporte, endossando seu argumento de que os atletas são vítimas deste sistema político que os rege, como percebemos no item d.

- d) [...] **carcomida** política que aprisiona jogadores. (linhas 14-15):


<p>carcomido car·co·mi·do adj 1 Roído ou destruído por carcoma. 2 Que se estragou; danificado, deteriorado. 3 Que se abateu; abatido, acabado. 4 Que se arruinou; arruinado, destruído.</p>

Fonte: Dicionário Michaelis online (2016)

Esse adjetivo, por sua definição, já possui uma alta carga argumentativa, unida a este contexto ele autentica o repúdio de Kfourri à política do futebol brasileiro, atribuindo a ela a maior parte dos problemas de desempenho dos atletas.

A repulsa do enunciador diante da política futebolística brasileira,

também, é evidente na linha 23:

- e) [...] gestão  **criminosa** de nosso futebol: ou seja, além da política de restrição dos atletas, o enunciador também expõe que esta gestão é criminosa, um adjetivo com carga bastante depreciativa.

Assim sendo, embora tenhamos elencado os adjetivos mais argumentativos deste texto, de maneira geral, a adjetivação utilizada por Kfoury evidencia seu posicionamento perante os problemas do futebol brasileiro que para ele vão muito além dos limites do gramado, mas que ali são refletidos, principalmente no que se refere à política que para ele é **carcomida** e **criminosa**, ou seja, palavras com efeitos de sentido bastante carregados de subjetividade, expondo nitidamente a rejeição do enunciador em relação à diretoria.

5.2.2 Operadores Argumentativos

Além dos adjetivos, os operadores argumentativos também são bastante relevantes em assegurar a argumentação deste texto, eles não devem ser considerados palavras cuja função é unir orações meramente, mas que sugerem efeitos de sentido, como explana Pereira (2002, p.262):

Os operadores argumentativos servem para designar certos elementos da gramática que têm por função indicar a força argumentativa dos enunciados, o sentido para o qual apontam. São responsáveis pelo encadeamento das orações, estruturando-as em textos e determinando a sua orientação discursiva.

Logo, são palavras que pretendem direcionar o leitor para determinados posicionamentos, por conta de seu valor argumentativo. Expusemos as ocorrências destes elementos no quadro abaixo, e posteriormente elencamos as principais ocorrências, explorando os efeitos de sentido que exercem naquele momento comunicativo.

Nº da Ocorrência	OPERADOR	EFEITO DE SENTIDO	Nº da Linha
1	apesar da	contradição concessiva	5
2	e	adição de argumentos	7
3	ainda	adição de argumentos	9
4	e	adição de argumentos	9
5	também	adição de argumentos	9
6	e	adição de argumentos	15
7	como	comparação	16
8	mas	oposição	18
9	embora	oposição concessiva	20
10	porque	justifica argumento anterior	25
11	e	adição de argumentos	27
12	ou	disjunção, há duas situações diferentes: “tudo” ou “quase tudo”	28
13	quase	indica um argumento que orienta para a totalidade	28
14	tudo	afirmação plena	28

- a) “o pentacampeonato ganho por Didi, Garrincha, Pelé, Romário e Rivaldo, **apesar da** cartolagem, é obra dela.” (linhas 3-5): Para Koch (2003, p.35) este é um dos operadores: “que contrapõem argumentos orientados para conclusões contrárias”.

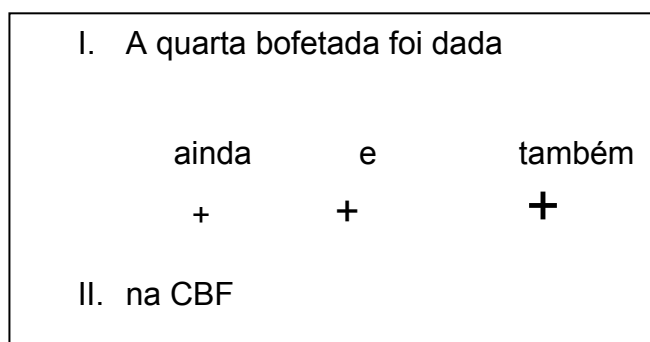
I. Cartolagem

X

II. Obra dela

Desta forma, a proposição é orientada para uma conclusão mesmo que o argumento I seja contraditório ao argumento II, sendo um recurso que ajuda a sustentar o argumento de repúdio do enunciador diante dos diligentes de futebol por suas atitudes bastante antiéticas.

A quarta bofetada foi dada **ainda e também** na CBF (linha 9): nesta sentença, o enunciador não se limita a adicionar os argumentos com apenas um operador argumentativo como de costume, o faz por meio de três elementos que enfatizam ainda mais o processo de adição, é importante ressaltar que a cada operador o recurso torna-se mais argumentativo, pois acumula os sentidos dos anteriores.



Esse recurso de adição de argumentos também é utilizado na sequência com apenas um elemento:

- b) [...] política que aprisiona jogadores em campos de concentração **e** impede o seu convívio no dia a dia (linhas 14-15): este operador une as duas sentenças, sustentando o argumento do enunciador de que a política futebolística não sabe como lidar com os atletas, pois esta não é maneira mais adequada para fazer com que os atletas executem seus ofícios da melhor forma possível.
- c) Por último, **mas** não a última bofetada (linha 18): como sabemos, esse operador é naturalmente argumentativo e denota a oposição entre o primeiro e o segundo pressupostos, no entanto o segundo quebra com a expectativa do receptor de que aquela não seria a última bofetada:

I. Por último
X
II. Não a última bofetada

Portanto, os operadores argumentativos não têm a função de meros conectores, mas são, como fica explícito na denominação, operantes para que haja sentido na argumentação. Nessa conjuntura eles auxiliam em diversos efeitos de sentido, que asseguram a tese de Kfoury no que diz respeito à má gestão futebolística em nosso país.

5.2.3 Intensificadores

Embora os efeitos de sentido que foram alcançados com os recursos de adjetivação e dos operadores argumentativos tenham sido bastante expressivos, o elemento que também consolida a argumentação deste texto é o dos intensificadores, expressos principalmente por meio das figuras de repetição que atribui veemência àquilo que quer enunciar, como explica Silveira Bueno (1964, p.164): “Da colocação da palavra de valor ou da sua repetição estilisticamente procurada pode resultar expressividade maior, mais intensa significação”, portanto é um elemento que auxilia na persuasão do leitor.

Constatamos a ocorrência de onze tipos de intensificação, que serão apresentados abaixo:

Nº da Ocorrência	OCORRÊNCIA	TIPO	Nº da Linha
1	bofetada(s)	repetição > reiteração	título, 1, 3, 6, 9, 11, 14, 18, 22
2	A primeira bofetada A segunda bofetada A terceira bofetada A quarta bofetada A quinta bofetada	repetição > anáfora	1 3 6 9 11

	A sexta bofetada		14
3	cartolagem	repetição > reiteração	5, 12
4	(quadro a parte denominado: “ocorrências dos paralelismos”)	repetição > paralelismo	
5	bem	advérbio de intensidade	16
6	muitas	pronome indefinido	22
7	tantos	pronome indefinido	22
8	muito	advérbio de intensidade	22
9	mais	pronome indefinido	23
10	nos próximos dias, semanas e meses, talvez anos	gradação	25 e 26
11	Está tudo , ou quase tudo	repetição > epístrofe	28

a)

A primeira bofetada A segunda bofetada A terceira bofetada A quarta bofetada A quinta bofetada A sexta bofetada
--

Esta expressão que inicia os seis primeiros parágrafos do texto constitui a anáfora, isto é, uma forma de repetição de palavras ou sentenças que acontece no início dos enunciados, e conforme Oliveira (2014, p.183):

[...] constitui um recurso técnico-formal facilmente detectável, devido à sua maneira específica de manifestação, concentra em uma palavra ou grupo de palavras uma carga semântica considerável que revelará, dependendo do contexto em que se encontra, a posição ideológica do enunciador.

Por meio da expressão anafórica, o enunciador torna evidente que

os gols da equipe alemã não foram bofetadas tão preocupantes como aquilo que as causou, evidenciando os posicionamentos do enunciador, como expôs Oliveira.

- b) a ocorrência de número quatro, em que preferimos fazer um quadro à parte, refere-se à figura de repetição denominada paralelismo, isto é, a estrutura sintática da oração é mantida em várias circunstâncias, neste texto, o elemento ocorre por seis vezes, iniciando cada parágrafo da sequência, como assinalamos abaixo:

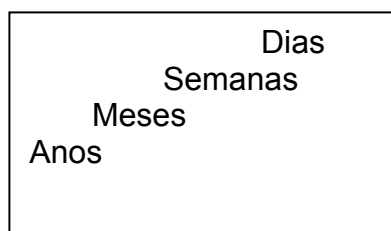
Ocorrência dos Paralelismos:

OCORRÊNCIA			Nº da linha
• A primeira bofetada	foi dada	no compadrio, na panelinha	1
• A segunda bofetada	foi dada	na arrogância	3
• A terceira bofetada	foi dada	nos que desprezam	6
• A quarta bofetada	foi dada [...]	na CBF	9
• A quinta bofetada	foi dada	na corrupção	11
• A sexta bofetada	foi dada	na carcomida política	14
• A última bofetada	foi aplicada	no exagero	18
Sujeito	Verbo auxiliar mais principal	Complemento	

Cada uma das “bofetadas” torna-se ainda mais argumentativa, pois toma para si os seus significados, unidos aos das “bofetadas” anteriores, demonstrando que o enunciador as acumula assim como a seleção alemã acumulou os sete gols, não apenas no interior do campo de futebol, mas também fora dele.

- c) [...] nos próximos **dias**, **semanas** e **meses**, talvez **anos** (linhas 25-26): este recurso, em que as palavras apresentam escalas, é

chamado de gradação, como explica Melo (1996, p.28) “numa série de palavras de igual categoria, se trata de uma ordem ascendente ou descendente”, ou seja, estes substantivos empregados na ordem em que os acontecimentos ocorrem reforçando que, para o enunciador, esse assunto ainda será lembrado, e, conseqüentemente, será o tema de várias pautas.



- d) Está **tudo**, ou quase **tudo** (linha 28): a repetição dos termos no final de mais de dois enunciados é chamada de epístrofe. Nesta sentença, a epístrofe acontece por meio da palavra “tudo”, a utilização dela demonstra primeiramente que há uma totalidade na questão do bom senso, porém, o enunciador ironiza o efeito de sentido da segunda ocorrência por conta do termo que lhe refere, “quase”, evidenciando que não há completude no bom senso, na concepção de Neves (2000, p.251), “a generalização pode abranger não-atingimento (com aproximação) de limite. Esse é o valor de QUASE”, portanto esse vocábulo explicita que o efeito de sentido do termo anterior não é pleno.

A repetição de palavras quando feita de maneira articulada serve para sustentar um argumento e persuadir o interlocutor. Para Guerra Da Cal (1969, p.244), “Por meio dela [a repetição] podemos ver as mais cotidianas e simples palavras da língua ganharem uma intensa carga poética e converterem-se de imediato em focos de irradiação lírica, em agentes de poetização do estilo”.

Assim sendo, concluímos esta análise considerando que o tópico discursivo é um elemento estruturante do texto, tal como a argumentação que é assegurada por recursos que a língua oferece que demonstram intenções e ideologias que o enunciador possui perante um determinado tópico em uma situacionalidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa pesquisa foi engendrada nos pressupostos da Linguística Textual e da Semântica Argumentativa, pois, consideramos que o ser humano necessita interagir socialmente, e o faz por meio de textos dotados de sentido e pertencentes a um determinado gênero do discurso.

Verificamos que os textos, de modo geral, possuem fatores de textualidade que compõem as especificidades da situação de comunicação, como coesão, coerência, situacionalidade, aceitabilidade, intertextualidade, informatividade, intencionalidade e contextualização. Alguns destes aspectos foram explorados com maior intensidade em nossas análises: a situacionalidade que constatamos ser algo essencial nos discursos, pois, a partir dela, é possível compreender a motivação dos enunciadores em discorrer sobre o tópico de determinadas formas. Barros explana acerca das incertezas apresentadas pela população brasileira no que se referia à Copa do Mundo. Quanto à intencionalidade, ela é perceptível por intermédio dos recursos argumentativos analisados como adjetivação, operadores argumentativos e intensificadores que demonstram o panorama dos enunciadores perante os tópicos abordados.

Expusemos ainda a concepção de que todo discurso possui obrigatoriamente um tópico, isto é, um assunto vigente que condiciona todo o enunciado, de acordo com o momento da interação, como explica Galembeck (2014, p. 45):

[...] percebe-se que a noção de tópico está sendo elaborada segundo uma perspectiva discursiva no âmbito do texto /discurso. O tópico é definido por Brown Yule (1983) como 'aquilo de que se está falando', mas ele (o tópico) só pode ser compreendido dentro do processo interacional, já que a interação interfere diretamente na sequência tópica.

Evidentemente todo momento de interação possui intrinsecamente um tópico discursivo; como notamos em nosso *corpus*, textos com assuntos discorridos durante a enunciação de forma organizada e linear.

Demonstramos, também, que a argumentação permeia todo e qualquer texto, pois nenhum enunciado é neutro ou inocente, mas carregado de intencionalidades que são expressas pelo uso de certas palavras e/ou expressões,

com objetivo de persuadir o interlocutor a respeito de verdades explicitadas pelo locutor.

E isso pode ser verificado graças aos aportes teóricos da Semântica Argumentativa que apresenta os mecanismos que sustentam a argumentação.

Em nosso *corpus*, há a incidência de três recursos:

- a adjetivação que traz ao texto certa subjetividade, explicitando a ideologia do enunciador sobre o tópico em pauta, isto é, se Barros utiliza adjetivos como **impecável** para referir-se a uma Copa, e Kfourri o vocábulo **criminosa** para descrever a gestão futebolística nacional, é incontestável que isso ocorra porque estas palavras, com efeitos de sentido tão peculiares, demonstram suas concepções perante os referentes;
- os operadores argumentativos, pelo viés da Semântica Argumentativa, que não são considerados apenas conectivos, como propõe a gramática normativa, mas são de extrema importância para os efeitos de sentido acarretados no texto, como por exemplo, no texto “tá chegando!”, o operador **ou** é bastante significativo, pois opõe sentenças fundamentais para os sentidos buscados pelo enunciador;
- os intensificadores os quais demonstram a maneira com que o emissor enfatiza as palavras que lhe convém, para causar determinados efeitos de sentido, tal como os paralelismos que são extremamente relevantes à argumentação buscada pelo enunciador do texto “As sete bofetadas”.

Deste modo, nosso objetivo era mostrar a relevância dos mecanismos utilizados e a maneira como eles influenciaram na organização argumentativa de duas crônicas esportivas, de suportes midiáticos correntes em nosso país, antes e durante o mundial de futebol que aconteceu no Brasil.

A primeira delas, denominada “Tá chegando”, há incidência maior da adjetivação, expondo que é um texto carregado de afetividade, tornando o tópico central bastante subjetivo.

No texto intitulado “As sete bofetadas”, o recurso que sustenta o

argumento do enunciador é o da intensificação, principalmente pelas figuras de repetição que permeiam o todo o texto.

Em ambos os textos, graças à presença dos recursos argumentativos, foi possível detectar e apreender determinados posicionamentos ideológicos, como por exemplo, a conscientização de que, apesar de o povo brasileiro ser conhecido como um povo que aprecia, verdadeiramente, o futebol, apresentou preocupação em relação ao fato de assumir altas dívidas para sediar um evento de tão grande porte como foi a Copa do Mundo.

REFERÊNCIAS

ABAUURRE, Maria Luiza; PONTARA, Marcela. **Gramática - Texto**: análise e construção de sentido. Volume único. São Paulo: Moderna, 2006.

ANTUNES, Irandé. **Aula de português**: encontro e interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

_____. **Análise de textos**: fundamentos e práticas. São Paulo: Parábola Editorial, 2010a.

_____. **Lutar com palavras**: coesão e coerência. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2010b.

ANTUNES, Fátima Martins Rodrigues Ferreira. **Com Brasileiros não há quem possa!**: Futebol e identidade nacional em José Lins do Rego e Nelson Rodrigues. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

ANTUNES, Celso. **Sala de aula e futebol**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2014.

ARISTÓTELES. **Retórica das paixões**. Trad. de Isis Borges da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. **Retórica**. Trad. e notas de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2005.

AZEVEDO, Melissa Herrero Rezende de; OLIVEIRA, Esther Gomes de. Mecanismos intensificadores no discurso publicitário. **Entretextos**: Revista da Pós-Graduação em Letras, Londrina, v. 5, p. 9-20, jan/dez., 2005.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão Pereira. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 1997.

BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. **Manual do jornalismo esportivo**. 2. Ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

BARBISAN, Leci Borges. Semântica Argumentativa. *In*: FERRAREZI JUNIOR, Celso ; BASSO, Renato (Org.). **Semântica, semânticas**: uma introdução. São Paulo: Contexto, 2013. p. 19-30.

BARROS, Mauricio. Tá chegando.... **Revista Placar**, São Paulo, ano 45, n. 1390, p. 6, maio. 2014. Disponível em: <<http://revistaplacar.uol.com.br/static/revista/index.php?edicao=1390#.WfHmuArLIV>>. Acesso em: 19 out. 2016.

BEAUGRANDE, Robert-Alan de; DRESSLER, Wolfgang Ulrich. **Introducción a la lingüística del texto**. Tradução de Sebastian Bonilla, Editorial Ariel S.A., 1997.

BENTES, Anna Christina. A Lingüística Textual. *In*: MUSSALIN, Fernanda e BENTES, Anna Christina (org.). **Introdução à Lingüística**, 4 ed. São Paulo: Cortez, 2004.

BELLOS, Alex. **Futebol: o Brasil em Campo**. Trad. Jorge Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2003.

BORGES, Euclides Hélio de Fátima. Estratégias de argumentação no discurso da propaganda. **Boletim**: Centro de Letras e Ciências Humanas, Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2014, v.25 (jan. jun.) p.141-167, 2014.

CABRAL, Ana Lúcia Tinoco. **A força das palavras: dizer e argumentar**. 1ª ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2011.

_____, Enunciação e argumentação no discurso jurídico : léxico, significação e sentido. *In*. OLIVEIRA, Esther Gomes de; SILVA, Suzete (orgs.) **Semântica e Estilística: Dimensões atuais do significado e do estilo**. Homenagem a Nilce Sant'anna Martins. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014.

CANÇADO, Márcia. **Manual de semântica: noções básicas e exercícios**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

Cândido: Jornal da Biblioteca Pública do Paraná. Especial Capa: Quando a Crônica Esportiva Virou Literatura, Curitiba, 19 Fevereiro 2013. Capa, p.32 disponível em < <http://www.candido.bpp.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=333>> acesso em 31 Ago. 2016)

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Os sentidos do texto**. 1ª ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. Trad. Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.

CHAROLLES, Michael Introdução aos problemas da coerência dos textos (abordagem teórica e estudos das práticas pedagógicas). *In*: GALVES, Charlotte et alii. **O Texto: leitura e escrita**. Campinas: Pontes, 1988, p. 39-90.

CORDEIRO, Isabel Cristina. **Argumentação e leitura: uma relação de complementariedade**. Tese de doutorado. Londrina. 2007, 321 f.

_____. Argumentação e leitura no gênero carta do leitor. **SIGNUM: Estudos da Linguagem**, Londrina, n. 15, p. 79-103,dez. 2012.

_____ ; MACHADO, Rosemeri Baltazar. Mafalda: Uma ideologia rebelada pelo humor. *In*. OLIVEIRA, Esther Gomes de; SILVA, Suzete (orgs.) **Semântica e Estilística**: Dimensões atuais do significado e do estilo. Homenagem a Nilce Sant'anna Martins. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014.

COSTA VAL, Maria das Graças. **Redação e textualidade**. 3º ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

COSTA, Felipe Rodrigues; FERREIRA NETO, Amarílio; SOARES, Antônio Jorge Gonçalves. Crônica esportiva brasileira: histórico, construção e cronista. **Pensar a prática**. Jan/Jun. 2007. p.15-31.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais** 3. Ed. revisada. 1ª reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2014.

Dicionário Michaelis, Editora Melhoramentos Ltda. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/creditos/> acesso em: 19 out. 2016.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Trad. De Eduardo Guimarães. Campinas SP: Pontes, 1987.

DUARTE, Orlando. **Todas as Copas do Mundo**. São Paulo: Editora Votorantin, 1987.

FÁVERO, Leonor Lopes. **Coesão e coerência textuais**. 7. ed. São Paulo: Ática, 1999.

_____, O tópico discursivo. *In*: PRETI, Dino (Org.). **análise de textos orais**. 5ª. ed. São Paulo: Humanitas-FLCH-Usp, 2001. cap. 2, p. 33-54.

Folha de São Paulo: Um jornal a serviço do Brasil. ano 62. nº 19.452. Terça feira 6 de julho de 1982 disponível em <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/1982/07/06/2/>> acesso 25/01/2017.

Folha de São Paulo: Um jornal a serviço do Brasil. ano 82. nº26752. Segunda feira 1 de julho de 2002 disponível em <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2002/07/01/2//5826034>> acesso 17/08/2016

Folha de São Paulo: Um jornal a serviço do Brasil. ano 94. nº31143. 9 de julho de 2014 disponível em < <http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2014/07/09/2//5948961> > acesso em 19 Agosto de 2016.

Folha de São Paulo: Um jornal a serviço do Brasil. ano 96. nº31883. 18 de junho de 2016 disponível em <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2016/07/18/2//6029318>> acesso em 19 Agosto de 2016.

GALEMBECK, Paulo de Tarso. Metodologia de pesquisa em português falado. In: RODRIGUES, Ângela Cecília de Souza; ALVES, Ieda Maria GOLDSTEIN, Norma (Org.). **I seminário de filologia e língua portuguesa**. São Paulo: Humanitas, 1999. p. 109-119.

_____. A Lingüística Textual e seus mais recentes avanços. **Cadernos do CNLF (CiFEFil)**, Rio de Janeiro, v. IX, n.04, 2005. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/ixcnlf/5/06.htm>> Acesso em 21.09.2016.

_____. Texto, contexto e contextualização. **Cadernos do CNLF**, V.9, nº 04, p.156-172, 2008.

_____. **O tópico discursivo e os temas correlatos**: coletânea de textos. Ed. Mecenaz. Londrina, 2014.

GUERRA DA CAL, Ernesto. **Língua e estilo de Eça de Queiroz**. Tradução de Estela Glatt. Rio de Janeiro: Editora da Universidade de São Paulo, 1969.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

JUBRAN, Clélia, Funções textuais-interativas dos parênteses. In: NEVES, Maria Helena de Moura. (Org.). **Gramática do português falado**. 2ªed. São Paulo: Humanitas; Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

_____, et al. Organização tópica da conversação. In: ILARI, Rodolfo. (Org.). **Gramática do português falado**. v. II. Níveis de análises linguísticas 4. Ed. Campinas/SP: UNICAMP, São Paulo: FAPESP, 2002.

_____, **Analisando o texto**. São Paulo, www.museudalinguaportuguesa.org.br, 2006 a, disponível em: <<http://docslide.com.br/documents/jubran-clelia-analisando-o-texto.html>> acesso em 22 jan. 2017.

_____, Revisitando a noção do tópico discursivo. **Cadernos de Estudos Lingüísticos** 48(1) – Jan./Jun. 2006b.

KFOURI, Juca . As Sete Bofetadas. **Folha de São Paulo: Um jornal a serviço do Brasil**, São Paulo, 10 jul. 2014. Esporte, p. D4. Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2014/07/10/20>>. Acesso em: 19 out. 2016.

KOCH, Ingedore Villaça. **Argumentação e linguagem**. 6 ed, São Paulo: Cortez, 2000.

_____. **Inter-ação pela linguagem**. 8 ed. São Paulo: Contexto. 2003

_____. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2015a.

_____. **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas.** 2ed. São Paulo: Contexto, 2015b.

KOBS, Verônica Daniel. **Argumentação e retórica.** Curitiba: IESDE, 2012.

LUCENA, Ricardo de Figueredo. A crônica como gênero que introduziu o esporte no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 25, n. 1, p. 159-171, set. 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definições e funcionalidade. *In*: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). **Gêneros textuais e ensino.** Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2002. p.19-36.

_____, **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Editora Parábola, 2008.

MÁRIO FILHO. **O negro no futebol brasileiro.** Rio de Janeiro. Mauad 5. Ed., 2010.

MARQUESI, Sueli Cristina. **A organização do texto descritivo em língua portuguesa.** 2 ed. Rio de Janeiro: Lucena, 2004.

MATEUS; 18: 21-22. **Bíblia Sagrada.** Tradução da CNBB. 11. ed. Brasília: Canção Nova, 2011. 1571 p.

MELO, Gladstone Chaves de. **Ensaio de estilística da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Padrão, 1996.

MORGADO, Andreia Garcia. Um bate bola entre o futebol e a história da literatura brasileira. Cielli - Colóquio de estudos lingüísticos e literários 3. 2007, **Anais Cielli.** Maringá, 2009, p.179-181.

MÜLLER, Ana Lúcia de Paula; VIOTTI, Evani de Carvalho. Semântica Formal. *In*: FIORIN, José Luiz (Org.). **Introdução à Lingüística II: Princípios de análise.** 2.ed. São Paulo: Contexto, 2003. p. 137-159

Mundo esportivo ano IV nº 204 São Paulo Julho de 1950 disponível em <<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=119598&pesq=mundo%20esportivo>> acesso: 16/08/2016

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português.** São Paulo: Editora UNESP, 2000.

O globo sportivo ano XI nº 614 junho 1950 disponível em <<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=104710>> acesso 16/08/2016

*O globo sportivo ano XI nº 616 julho 1950 disponível em <[Olé 9 de julho de 2014 disponível em <<http://www.ole.com.ar/tapas-ole/>> acesso em 21 de Agosto de 2016](http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=104710&PagFis=10363&Pesq=> acesso 30/08/2016</i></p>
</div>
<div data-bbox=)*

O diário de Pernambuco nº1909 de julho de 2014. disponível em: <<http://blogs.diariodepernambuco.com.br/diretodaredacao/2014/07/09/capa-do-dia-09072014/>> acesso em 21 de Agosto de 2016

O estado de S. Paulo. Ano 135 nº44094. 9 de julho de 2014 disponível em <<http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20140709-44094-nac-1-pri-a1-not>> acesso em 21 de Agosto de 2016

OLIVEIRA, Esther Gomes de. Argumentação na antiguidade. **Signum**: Estudos da Linguagem , Londrina, n. 5, p. 201-214, dez. 2002.

_____. Argumentação: da Idade Média ao século. **Signum**: Estudos da linguagem. Londrina n.7/2, p.101-108, dez. 2004.

_____; CORDEIRO, Isabel Cristina. Conexão e coesão: análise do fazer enunciativo em uma crônica jornalística. **Unopar Científica** – Ciências Humanas e Educação, Londrina, v. 9, n. 1, p. 47-54, jun. 2008.

_____; AZEVEDO, Melissa Herrero Rezede de; NASCIMENTO, Suzete Silva. Recursos linguístico argumentativos no discurso publicitário. **Línguas e Letras**. V. 9 2008 p.119-135.

_____. Aspectos ideológico-argumentativos em um conto de Judith Grossman. IN. OLIVEIRA, Esther Gomes de; SILVA, Suzete (orgs.) **Semântica e Estilística**: Dimensões atuais do significado e do estilo. Homenagem a Nilce Sant'anna Martins. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014.

PEREIRA, Dayane Caroline. **A dinâmica argumentativa e ideologia na publicidade direcionada ao público masculino**. Dissertação de Mestrado: Londrina, 2014. 95 f.

PEREIRA, Mara Cristina Pelegrino. Adjetivos e operadores: a argumentação no humor. **Entretextos**: Revista da Pós-Graduação em Letras, Londrina, v. 3, p. 255-268, jan/dez, 2002.

PIMENTEL, Luis . **Almanaque Brasil de todas as Copas 1914 - 2014**: 100 anos da seleção canarinho de futebol. Rio de Janeiro: Mauad X,2013.

PINHEIRO, Clemilton Lopes. **Estratégias textuais interativas**: a articulação tópica. Maceió: EDUFAL, 2005.

Placar, São Paulo: Abril, ano 46, nº1401, p.8, Abril 2015. Disponível em
<<http://revistaplacar.uol.com.br/static/revista/index.php?edicao=1401#.V8Wse5grLIU>
> acesso 30/08/2016

REBOUL, Olivier. **Introdução à retórica**. Trad. de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

REGO, Ana Regina; AMPHILO, Maria Isabel. Gênero opinativo. *In*: ASSIS, Francisco (org.) **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

RODRIGUES, Nelson. **Pátria de Chuteiras**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013. 135 p. Disponível em:
<<http://www.ediouro.com.br/lancamentosdenelsonrodrigues/livros/ImagePatriaDeChuteiras%20em%20Baixa.pdf>>. Acesso em: 19 out, 2016.

SANTANA NETO, João. Retórica e argumentação: Um estudo da tríade. **Anais do Congresso Nacional de Linguística e Filologia**. Nº5 t.1 Rio de Janeiro. 2011 p. 974-981.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes, Isidoro Blikstein. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SIMON, Luis Carlos. **Uma ou duas páginas despreziosas**: a crônica de Rubem Braga e outros cronistas. Londrina: Eduel 2011.

SILVEIRA BUENO. **Estilística brasileira**: o estilo e sua técnica. São Paulo: Saraiva, 1964. 225 p.

SILVA, Suzete. O provérbio bíblico e a ampla utilização do operador argumentativo mas em suas estruturas linguísticas. *In*: OLIVEIRA, Esther Gomes de; SILVA, Suzete (Org.). **Semântica e Estilística**: Dimensões atuais do significado e do estilo Homenagem a Nilce Sant'anna Martins. Campinas/Sp: Fontes, 2014. p. 217-232.

_____; OLIVEIRA, Esther Gomes de; OLIVEIRA, Lolyane Cristina Guerreiro de. A expressividade argumentativa no texto publicitário. **Signum**: Estudos da Linguagem, Londrina, v. 16, n. 1, p. 201-231, jun. 2013.

UNZELTE, Celso. **O livro de ouro do futebol**. São Paulo: Ediouro, 2002. (Coleção livro de Ouro)

VOSER, Rogério da Cunha; GUIMARÃES, Marcos Giovani Vieira ; RIBEIRO, Everton Rodrigues. **Futebol**: história técnica e treino de goleiro. 2.ed. Porto Alegre: EdPucRs, 2010. 262 p.

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio**: o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.